

QUIROGA CONSUELO

UMA INVASÃO ÀS OCULTAS.
Reduções positivistas no marxismo e
Suas Manifestações no ensino da
Metodologia no Serviço Social

Quiroga, Consuelo

OK

Uma invasão as ocultas: reduções positivistas no marxismo e suas manifestações no ensino

361.07/Q8i7

REG:452590-06

VE SEF

TA

UFMG - BIBLIOTECA UNIVERSITARIA

Quiroga, Consuelo

Uma invasão as ocultas: reduções positivistas no marxismo e suas manifestações no ensino d

361.07/Q8i7

REG:452590-06

FACULDADE DE EDUCAÇÃO
BIBLIOTECA

Av Antônio Carlos, 6627
C Postal, 1703 - Cidade Universitária Pampulha
1270-901 - Belo Horizonte MG
Telefones: (031) 499-5301 - 499-5302
FAX: (031) 499-5301

120 x 200

MOD. BU-013 - JAN/88 - 100.000

36107
Q 81
T

UMA INVASÃO ÀS OCULTAS:
REDUÇÕES POSITIVISTAS NO MARXISMO E
SUAS MANIFESTAÇÕES NO ENSINO DA
METODOLOGIA NO SERVIÇO SOCIAL

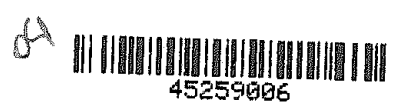
CONSUELO QUIROGA

Trabalho apresentado à Faculdade de Educa-
ção da Universidade Federal de Minas Ge-
rais, como requisito parcial à obtenção do
Título de Mestre em Educação.

Orientadora: Marilda Vilella Iamamoto

32 25 973 INV 05

U. F. M. G. - BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA



NÃO DANIFIQUE ESTA ETIQUETA

Belo Horizonte

1989

BIBLIOTECA UNIVERSITARIA

19/06/92

452590-06

Bibliotecária responsável: Maria Auxiliadora de Castilho
Oliveira CRB/6 nº 641.

36.058.9(043)

Q8i

QUIROGA, Consuelo.

Uma invasão às ocultas: reduções positivistas no marxismo e suas manifestações no ensino da Metodologia no Serviço Social. — Belo Horizonte: UFMG, 1989.

183 p.

1. Serviço Social-Metodologia-tese.
2. Serviço Social-Positivismo. 3. Serviço Social-Marxismo. I. Título.

CDU: 36.058.9(043)

36:165.731

36:330.85



ATA DA 138ª (Centésima Trigésima Oitava) APRESENTAÇÃO DE DISSERTAÇÃO NO COLEGIADO DO CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO DA FAE/UFMG.

Aos vinte e sete dias do mês de outubro de mil novecentos e oitenta e nove, realizou-se na sala nº 307 do prédio da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, mais uma reunião para apresentação da dissertação: "UMA INVASÃO ÀS OCULTAS: Reduções positivistas no marxismo e suas manifestações no ensino de metodologia no Serviço Social", da aluna **CONSUELO QUIROGA**. A banca examinadora foi composta pelos seguintes professores: Marilda Villela Yamamoto (UFRJ) - Orientadora, Oder José dos Santos e João Antônio de Paula (FACE/UFMG). Os trabalhos iniciaram-se às quatorze horas e quarenta minutos com a síntese da dissertação feita pela mestrandade. Em seguida os senhores membros da banca examinadora fizeram uma arguição pública à candidata. Após o relato da orientadora a banca foi unânime em aprovar a dissertação de **CONSUELO QUIROGA**, que passa a Mestre em Educação, devendo encaminhar a Secretaria do Curso a versão final em 05 (cinco) exemplares. Nada mais havendo a tratar, eu, Lúcia Assis Alves, Secretária do Curso de Mestrado em Educação, lavrei a presente ata, que depois de aprovada será por mim assinada e pelos senhores membros da banca examinadora. Belo Horizonte, 27 de outubro de 1989.

MARILDA VILLELA IAMAMOTO - Orientadora *Marilda Yamamoto*

ODER JOSÉ DOS SANTOS - *Oder José dos Santos*

JOÃO ANTÔNIO DE PAULA *João Antônio de Paula*

LÚCIA ASSIS ALVES *Lúcia Assis Alves*

Secretária do Curso de Mestrado em Educação da FAE/UFMG.

A aluna Consuelo Quiroga foi orientada pelo professor Oder José dos Santos e não pela professora Marilda Villela Yamamoto, como consta no texto da ata acima.

Chamécrista Teixeira Lopes

ÍNDICE

	PÁGINA
INTRODUÇÃO	
UMA VIAGEM, UM CAMINHO, UM OLHAR	1
Ponto de partida: minha experiência docente	3
A inquietação primeira	4
O percurso teórico	7
Contornos metodológicos	13
PARA ENTENDER AS REDUÇÕES... ..	27
1. CLAREANDO AS PRIMEIRAS INVASÕES: O MARXISMO DE PLEKHÂNOV E BERNSTEIN	28
2. UMA INCURSÃO NECESSÁRIA: COMTE - DURKHEIM - WEBER ..	50
3. APROXIMANDO-SE DAS FONTES: IDÉIAS DE MARX, NO TEMPO DE MARX	73
MANIFESTAÇÕES DAS REDUÇÕES NO ENSINO... ..	106
4. UM RE-OLHAR SOBRE O REAL: O ENSINO DA METODOLOGIA NO SERVIÇO SOCIAL	107

4.1 - A origem da disciplina: uma visão fragmentada ...	108
4.2 - O suporte teórico da disciplina: marxismos sem Marx	120
4.3 - A formação dos docentes: Marx reinterpretado	127
4.4 - As ênfases temáticas: totalidade rompida por abordagens unilaterais	137
4.4.1 - Fatalismo: hipertrofia das forças produtivas	142
4.4.2 - Voluntarismo: a história reduzida à consciência dos homens	146
4.4.3 - Cientificismo ou a negação da vinculação da ciência à transformação social	150
5. NOTAS FINAIS OU INTRODUTÓRIAS DE UMA NOVA VIAGEM ...	163
6. BIBLIOGRAFIA	175

RECONHECIMENTO

Quero aqui registrar algumas expressões do significado do esforço coletivo que a produção deste trabalho traz impregnado em si. Esforço coletivo que se expressou através de instituições e de pessoas que, de diferentes formas, tornaram possível a sua realização.

Apoio da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, fundamentalmente do D.D. Reitor, Pe. Geraldo Magela Teixeira, que vem assumindo, com muito empenho, uma política efetiva de capacitação de docentes dessa Universidade.

Incentivo e solidariedade da direção e dos colegas de trabalho — professores e funcionários do Departamento de Serviço Social da PUC-MG —, no sentido de criar espaço para a efetivação do processo de produção acadêmica.

Empenho do Mestrado em Educação, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, que estimula intensamente o desenvolvimento dos trabalhos de dissertação como uma instância fundamental de articulação teórico-prática.

Suporte teórico repassado em sólidas orientações, de Marilda Vilella Iamamoto — Assistente Social e professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro —, cuja disponibilidade para intensas reflexões só pode ser entendida pela existência de vínculos históricos em nossos processos de vida como pessoas, cidadãos e profissionais.

Disposição para acompanhamento do Prof. Oder José dos Santos —, do corpo de professores do Mestrado em Educação da UFMG — que enriqueceu este estudo com valiosas críticas noteadoras.

Colaboração do Prof. João Antônio de Paula - do Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional - CEDEPLAR, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFMG -, que se dispôs a participar da banca examinadora deste trabalho e a contribuir como profundo conhecedor do assunto, para o clareamento das questões trabalhadas.

Energia do contato com o empírico fornecida pelos entrevistados - professores de Metodologia no Serviço Social, de distintas unidades de ensino que conformam a Região Leste da Associação Brasileira de Ensino do Serviço Social - ABESS.

Receptividade e crítica da Ana, do Fausto e da Eulália, que, em vários momentos, compartilharam comigo as preocupações desta produção, colaborando com sua experiência teórica e existencial.

Força do acompanhamento de Didi, Carminha, Jorge e Omar, irmãos que partilharam angústias e alegrias que este processo gerou.

Camaradagem da Laura, do Otávio, do Felipe e do André, que, durante tantos finais de semana, brincaram com meus filhos, para que eu pudesse me dedicar a este trabalho.

Companheirismo e paixão do Neco, manifestados na intensidade da vida conjunta e nas reflexões fundamentadas e entusiasmadas sobre o tema, que tanto tem a ver com a sua trajetória de vida intelectual e política.

Vínculo de vida com André e Inês, meus filhos, que, mais uma vez, estiveram comigo, entrando no espírito deste processo, sem dramas, e crescendo no afeto e na compreensão dos espaços de cada um de nós.

Força da Maria, que, no dia-a-dia de minha casa, mais que uma trabalhadora, foi solidária e exemplo de garra pela vida.

Eficiência, qualidade e dedicação de Maria Lúcia Brandão Freire de Mello — da Faculdade de Letras da UFMG —, revisora da redação final deste texto, que o tornou mais preciso e agradável. Também do serviço de datilografia realizado pela Nilza e pela Liliana e, ainda, da catalogação bibliográfica realizada pela Maria Auxiliadora, bibliotecária da PUC.

INTRODUÇÃO

UMA VIAGEM, UM CAMINHO, UM OLHAR

A trajetória que vivi na busca de compreensão das questões discutidas neste trabalho pode ser descrita em três imagens simbólicas do processo.

Uma viagem que começou na própria via trilhada por mim como professora de Metodologia no Serviço Social, no Curso de Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC/MG). Esta dissertação tem, pois, um sentido primeiro de auto-reflexão, com base em minha própria experiência docente e em minha prática pedagógica. Ampliei essa viagem, no entanto, buscando depoimentos de outros professores que, dentro da mesma área de ensino, em condições próximas às minhas, pudessem estar vivendo problemas semelhantes.

Um caminho, um percurso teórico que realizei, tentando recuperar a contribuição de estudiosos que, historicamente, estão ligados às questões que mais me preocupam, na esperança de encontrar os elementos articuladores para o entendimento delas; enfim, aproximando-me do caminho aberto por Marx, em seu trabalho de análise da sociedade contemporânea.

Um olhar, criador e resultante do próprio real: a minha experiência docente, da qual retirei as indagações que me levaram a reflexões teóricas e a buscar fontes que me permitiram retomar esse real. Um olhar que vai, portanto, expressar uma maneira determinada de ver a realidade. Nessa retomada, não só revi a minha própria disciplina, como também ampliei a perspectiva de observações das questões que por ela perpassam. Essa volta ao real foi significativamente ampla e fez-se em dois sentidos: na extensão, englobando, na análise

proposta, maior número de Unidades de Ensino, e na qualidade, incorporando todos os elementos teóricos armazenados nesse percurso.

PONTO DE PARTIDA: MINHA EXPERIÊNCIA DOCENTE

O ponto de partida dessa trajetória, que faz parte das motivações básicas deste trabalho, diz respeito à minha própria experiência como docente da disciplina Metodologia no Serviço Social.

Essa disciplina define-se, formalmente, como exigência do currículo mínimo da formação profissional do assistente social promulgado em 1982 pelo Conselho Federal de Educação. A inclusão dessa disciplina é resultante de toda uma série de questionamentos que se deram no interior da profissão, como "ressonância" de embates que vieram ocorrendo na sociedade de modo geral. Ela veio substituir a "clássica" abordagem da questão metodológica no Serviço Social realizada através das disciplinas de Serviço Social de Casos, Serviço Social de Grupo e Serviço Social de Comunidade. A ênfase dada por estas era muito variada, mas podem-se apontar tendencialmente, algumas de suas características ligadas à perspectiva pragmática da profissão: preocupação com as situações-problema; domínio do trato com o real; ênfase no desenvolvimento e sistematização de práticas por vezes imediatistas, sem maior "cuidado" com questões teóricas; domínio da discussão do "como fa

zer", muitas vezes presa a visões de método instrumentalizado res e atadas a uma mera seqüência de procedimentos.

O colocá-la no currículo mínimo de modo mais amplo, como Metodologia, permitiu a possibilidade de um outro tipo de abordagem. Com isso, abriu-se o espaço para o questionamento da própria Metodologia sob a ótica de diferentes correntes de pensamento. Predominantemente, as correntes de pensamento que, hoje, são estudadas nessa disciplina se vinculam à tradição positivista, à visão fenomenológica e à teoria social de Marx e vertentes marxistas. A concretização da implantação desse novo currículo se fez diferentemente em cada Unidade de Ensino consultada. Assim, a escolha desta ou daquela outra corrente ou a ênfase que se dá a cada uma delas estão diretamente ligadas à maior ou menor clareza quanto aos objetivos da formação profissional que se quer promover. Uma menor definição desses objetivos pressupõe uma maior possibilidade de continuísmo da posição eclética que tem predominado, historicamente, no Serviço Social. Quanto maior a clareza, porém, no que tange aos rumos da formação profissional, maior é o respeito e a necessidade do debate claro das diferentes concepções que emolduram o entendimento da questão da Metodologia.

A INQUIETAÇÃO PRIMEIRA

Minha prática pedagógica com essa disciplina revelou uma preocupação básica no que se refere aos recortes que se fazem no seu desenvolvimento, ao se repassarem os conteú-

dos das diferentes teorias interpretativas do real. Esses recortes ou delimitações, justificados pela necessidade de simplificação, tendem a descartar alguns conteúdos teóricos fundamentais, submetendo-os a um processo de redução e atrofia do significado mais amplo que contêm.

Uma primeira redução estaria ligada ao repasse das diferentes perspectivas teóricas em sua dimensão apenas epistemológica, tendendo-se a eliminar a conexão entre os princípios sociais e metodológicos que cada uma delas encerra.

Assim, no Positivismo, por exemplo define-se em Comte toda uma visão das relações da sociedade — "a sua estática, a sua dinâmica" e outros conceitos-chave —, que o levou a explicitar noções gerais sobre a estrutura e desenvolvimento da sociedade — como o papel dos indivíduos, a evolução da sociedade, o progresso, a ordem, o dever, a resignação, a autoridade, entre outras —, que são pano de fundo para a compreensão da sua "démarche" metodológica. No entanto, essa visão mais ampla frequentemente não é repassada aos estudantes de Serviço Social.

Essa situação é particularmente grave na análise e no repasse do Materialismo Histórico e Dialético, cuja formulação também transcende à dimensão apenas epistemológica e, em seu cerne, se propõe a ser uma concepção da reprodução e da transformação da sociedade, tendo como base a práxis humana. Práxis humana que envolve o entendimento de um movimento no qual o homem, através de sua ação livre, criadora e universal, gera e transforma a natureza e a história e, nesse bojo, a si mesmo.

Este sentido e alcance da proposta de Marx muitas vezes é negligenciado, limitando-se à reflexão sobre sua contribuição no âmbito da produção do conhecimento.

Uma segunda distorção diz respeito a um Marxismo reduzido ao entendimento do desenvolvimento da sociedade como produto reflexo da infra-estrutura material sobre a superestrutura, supervalorizando a determinação econômica.

Numa primeira impressão, poder-se-ia acreditar que essas limitações estariam relacionadas ao não-conhecimento da obra de Marx integralmente ou à sua leitura difícil, feita, muitas vezes, através de manuais, de sínteses e de "textos de vulgarização cujo centro é o resumo do marxismo"¹.

O eixo da argumentação deste trabalho se voltará para a impregnação positivista que mina, no sentido de invadir às ocultas, todas as esferas da vida social, entranhando uma das concepções "não-positivistas" da sociedade, o Materialismo Histórico e Dialético, o que, na concepção aqui veiculada, o deforma e compromete a sua própria significação. O sentido de invasão às ocultas está, também, relacionado aos docentes que veiculam a proposta marxista, através de suas disciplinas, sem a percepção, em sua maioria, desta impregnação assimilada por eles, acriticamente.

Mais além do significado dessa inquietação advinda de minha própria vivência, uma outra justificativa tem relação com pesquisas que a Associação Brasileira de Ensino do Serviço Social - ABESS - vem realizando e que enfatizam a necessidade de tais problemas serem mais aprofundados na aborda

gem da Metodologia no Serviço Social. Nesse sentido, um recente trabalho sobre "O Ensino da Metodologia no Serviço Social: Tendências e Alternativas", cujo objeto teve por base a prática docente dos professores vinculados a essa disciplina, desenvolvido durante os anos de 1987 e 1988 e há pouco publicado², revela essa preocupação, manifestada de diferentes formas, sustentando a necessidade da realização de estudos aprofundados.

Existe no Serviço Social toda uma produção que discute a influência do Positivismo e sua relação com a profissão. No entanto, quanto à influência do Positivismo sobre o Marxismo, é incipiente a discussão e em sua documentação no âmbito profissional.

O PERCURSO TEÓRICO

O percurso teórico que trilhei conduziu-me à descoberta dos caminhos iniciais, de que se desdobraram as questões que pretendo desenvolver.

Foi necessário, para tanto, retornar à metade do século passado, quando as idéias de Marx começam a ser formuladas e expressas, e sofrem o impacto do Positivismo, "hegemônico" naquele momento histórico. Assim, retomei, por um lado, alguns elementos da polêmica interna do Marxismo, naquele momento vivendo a II^a Internacional³, e, por outro, questões do debate no seio das Ciências Sociais nesse mesmo período.

Não é preciso dizer que recorrer aos clássicos, ao ponto de partida dessa discussão, é fundamental no sentido de "fonte nascente", de esforço de entendimento do processo desde suas origens. Reconheço a existência de diferentes leituras que se fizeram, posteriormente, dos escritos de Marx e de todos os autores clássicos que pretendo retomar neste trabalho. O entendimento dessas leituras críticas que vêm sendo realizadas até os dias de hoje, foge, no entanto, à pretensão da abordagem deste trabalho.

O caminho escolhido sugeriu uma primeira incursão às próprias nascentes do pensamento positivista.

Pretendo contextualizar a origem das idéias que vieram a configurar o Positivismo, na abordagem dos fatos humanos e sociais, destacando, dentro do corpo de conceitos que conformam tal concepção, aqueles conceitos e idéias que influenciaram as interpretações do Marxismo, distorcendo-o. Essas influências foram de diferentes modalidades, mas serão ressaltadas aquelas que aparecem de modo mais enfático no repasse da proposta de Marx, na disciplina Metodologia no Serviço Social. Por isso, dos dois grandes expoentes do Positivismo, pretendo resgatar alguns elementos para a compreensão do meu objeto de trabalho. De Comte, a idéia de lei natural, de leis invariáveis no desenvolvimento da sociedade, e um início de reflexão sobre a questão da ciência livre de valores, nos moldes da ciência da natureza. De Durkheim, que avança sobre essas questões, recolherei, basicamente, as questões do método da nova ciência que se iniciava. E, ainda, com Weber, cujas formulações estão bastante distantes do Positivismo, quero am

pliar a reflexão sobre a questão da neutralidade axiológica, como suporte à compreensão da separação da idéia de construção da ciência e da transformação social.

Por outro lado, o esforço da obra de Marx levou-o a buscar desenvolver um corpo de formulações que pudessem ser, concomitantemente, explicativas do real e emancipatórias, ou seja, que fornecessem elementos para a superação da ordem social vigente.

No entanto, a obra teórica de Marx não deixou de sofrer influências do momento histórico de que emergiu. Resgatou, do seu tempo, uma série de influências, como a rejeição às explicações religiosas e metafísicas da sociedade e, ainda, a visão materialista da história e a preocupação com o empírico, entre outras.

Ainda que Habermas fale de um positivismo latente no próprio pensamento de Marx, uma referência clara à influência positivista situa-se no Marxismo que circunscreveu a II^a Internacional (1889-1914), em que cresce a utilização das idéias desse filósofo pelo movimento operário internacional, "aumenta o interesse pelos escritos de Marx e Engels e expande-se sua divulgação"⁴ e se estabelece uma relação, de fato, com a cultura positivista.

Como consequência, defronta-se o surgimento de várias leituras, interpretações, distorções:

"Quantas tentativas de decifrar, atualizar, superar o marxismo... Quantos 'ABCs', quantas críticas profundas, quantas 'lei

turas'...Quantos herdeiros, quantos detra-
tores, inimigos... Quantos abandonos, quan-
tas falsas fidelidades, quanto dogmatismo
e quanto escapismo. Quantos crimes não se
cometeram e se cometem em nome do marxis-
mo, do socialismo."5

Nos discursos de autores marxistas da época, produ-
tos de diferentes leituras feitas de Marx, começam a aparecer
conceitos, categorias, ênfases que não correspondem ao origi-
nal, mas que são, na verdade, resultado "dos olhos que o le-
ram".

Na continuidade de meu percurso teórico, retomarei
o próprio Engels, que, em alguns de seus escritos, enfatiza
determinados aspectos da teoria marxista que, se considerados
isoladamente, aparentam iniciar essas reduções.

O percurso que tentarei realizar abrangerá, ainda,
alguns estudiosos, como Bernstein e Plekhânov, que expressam,
significativamente, essa impregnação em pontos que o presente
trabalho pretende desenvolver.

Não almejo recuperar a polêmica que se deu, então,
no interior do Marxismo, mas apenas situar alguns dos elemen-
tos que, naquele momento histórico, expressaram as distorções
que pretendo realçar.

Assim, Bernstein expressou uma posição em face do
Marxismo que envolveu influências kantianas e comtianas. De
Kant, extraiu elementos que geraram a "crença" numa ética so-
cialista separada de uma ciência da sociedade. De Comte, a
concepção de uma ciência da sociedade empiricista, neutra, posi-
tiva. Ele classificou o pensamento de Marx como partidário e

tendencioso, já que confundia julgamentos de fatos com julgamentos de valor. Para ele, Marx "subordina as exigências científicas a uma tendência e torna-se assim prisioneiro de uma doutrina (a de objetivo final socialista) que o impede de alcançar uma cientificidade objetiva"⁶. Esta só seria conquistada se tivesse como base a imparcialidade teórica, o que é inviável pela vinculação do pensamento de Marx à construção do socialismo. Segundo sua concepção, o conhecimento dos fatos sociais deveria ser produto de uma sociologia científica e não estar vinculado ao socialismo: "A ciência é livre de toda tendência; enquanto o conhecimento dos fatos não pertence a nenhum partido ou classe"⁷. Seguindo as premissas de Comte, identificava, pois, sua visão de imparcialidade à das ciências naturais.

Em Plekhânov, destaca-se explicitamente a questão da supremacia da determinação econômica sobre as demais esferas da sociedade, porque concebe a história humana atada a "leis férreas", independentes da ação do homem. Em decorrência, reafirma-se uma visão naturalista, evolucionista, determinista, de um socialismo alcançável sem revolução, uma perspectiva do marxismo calcada em conceitos de corte positivista, como os de Darwin e Spencer. Desse determinismo econômico, desprende-se uma visão de Marxismo que anula o significado histórico da prática social dos homens como criadora da história.

Essas múltiplas leituras interpretativas de sua obra levaram o próprio Marx, diante dos desdobramentos de suas idéias naquela época, em face do "pretensso" Marxismo difundido

do na França, a dizer a Lafargue: "O que é certo é que eu não sou marxista"⁸.

Finalizando o percurso que dará suporte à compreensão das desvirtuações positivistas mais comumente repassadas por professores da disciplina de Metodologia no Serviço Social, ao abordar a teoria social marxiana, tentarei buscar, nos textos originais de Marx, aquelas passagens que explicitam mais claramente sua posição diante dessas questões.

Todo esse percurso teórico, que não é só produto do pensamento, mas que se desprende da história, propiciará um suporte metodológico aproximativo para re-olhar o real. "O pensamento vai impregnando a história. A história se impregna do pensamento. E de repente dá uma forte influência recíproca, sentido da constituição recíproca do real e do pensado", observa Otávio Ianni⁹.

Esse posicionamento propiciará um olhar crítico constante sobre o objeto que pretendo clarear, ou seja, a relação entre Marxismo e Positivismo, tendo em vista a influência deste sobre a interpretação de partes do conjunto das proposições de Marx, que estão presentes no conteúdo da disciplina Metodologia no Serviço Social, que objetiva repassar essas proposições. As questões que se suspeitam existir e que já foram, parcialmente, colocadas estão, pois, ligadas: (1) ao repasse da teoria social marxiana como teoria do conhecimento, reduzida, muitas vezes, a "procedimentos" de conhecimento, desvinculando-se a relação ciência/transformação social, que é central na proposição de Marx; (2) à outra distorção reducionis

ta vinculada, por sua vez, ao repasse do Marxismo reduzido à explicação de leis da sociedade capitalista, que se baseia na supervalorização da determinação econômica, ocultando o que ela tem de fundamental — ser uma relação social historicamente determinada e estabelecida entre os mesmos homens. Esse ocultamento leva a obscurecer, a secundarizar o caráter mutante e histórico da sociedade, provocando o alijamento do homem como sujeito histórico.

CONTORNOS METODOLÓGICOS

Essa trajetória que se inicia na minha própria vivência pedagógica, ampliada pelas referências teóricas já demarcadas, deram-me elementos aproximativos em que me pautei, em termos iniciais, para estabelecer um processo de desvendamento do real. Desvendamento que representará um tênue véu, em face dos muitos véus que encobrem os fatos.

Esses elementos conformaram o meu modo peculiar de abordar a realidade. Esse modo peculiar é, pois, produto da perspectiva teórica e epistemológica que assumi, impregnada de elementos de minha prática de vida.

A escolha da condução metodológica do trabalho passa por estas determinações e não se restringe a uma mera escolha de técnicas e instrumentos de captação e análise dos dados.

Faço um primeiro reconhecimento do significado da

história, no resgate do presente, que propicia uma interpretação mais abrangente e amplia a visão "micro" que o objeto aparentemente pode ter.

Nos dias atuais, existe uma tendência do pensamento científico a não abraçar as interpretações mais abrangentes, ficando na abordagem e explicações singulares dos fenômenos, "sem a preocupação de verificar quais são as implicações, as ressonâncias desses singulares, dessas configurações particulares num todo que é a sociedade". E acrescenta Otávio Ianni: "É uma tendência que implica no abandono da visão globalizante, da visão integrativa da realidade social. No abandono da historicidade do social. No desencanto, por assim dizer sobre o que que é a história, o que que é a sociedade"¹⁰.

Concordo com este autor quando coloca a insistência do pensamento marxista e de outros na maneira de ver as coisas dentro de uma perspectiva globalizante da sociedade, sem perder a dimensão do todo. Isso significa pensar o singular dentro de uma visão geral e do todo. Essa insistência está relacionada com a própria vicissitude da sociedade burguesa que, embora tenha dimensões transparentes, tendencialmente

"não há dúvida que a maneira pela qual se desenvolve o trabalho, a divisão do trabalho, a distribuição do produto do trabalho, a alienação humana, a formação de grupos sociais e classes sociais, a distribuição do poder econômico, do poder político, da cultura, etc. que toda esta complexidade de relações e processos, institui o mundo que é opaco. Um mundo que é intrincado, difícil, que precisa ser questionado todo tempo."¹¹

A falta de transparência da realidade torna a investigação imprescindível. Se aparência e essência coincidissem, ela não seria necessária.

Assim, o reconhecimento do objeto deste trabalho, que é uma "questão micro", será considerado, dentro de minhas possibilidades, na sua relação com a sociedade, aproximando-o de determinados processos que se dão no interior desta. Não tenho a pretensão de dar conta desse amplo empreendimento. Pretendo, na verdade, é chamar a atenção para a necessidade de se estudar o problema para além de suas fronteiras, no interior da própria Escola e da Universidade e, ainda, para além do aqui e do agora.

Nesse sentido, uma retomada histórica ganha significação. Retomada de um passado não pela cronologia, mas na sua dimensão de "responsável pela constituição do presente". Sobre isso, Ianni acrescenta a elucidativa reflexão:

"A cronologia é só um gancho para se conhecer o presente. Nenhum de nós é resultado de nossa biografia vista cronologicamente. Tenho certeza que cada um de nós é resultado de um acontecimento ou de alguns acontecimentos, excepcionais em alguns momentos da vida. Que foram as descidas ao inferno ou então, as subidas aos céus, ou então, com alguns riscos do limbo, mas não é verdade que tudo o que aconteceu na vida de uma pessoa é responsável pelo que a pessoa é no presente (...). Na verdade, há passados que são determinantes, que são constitutivos. E há passados que ficaram irrelevantes."¹²

Reconheço a importância do cotidiano, das pequenas

situações, entretanto, quero apenas realçar alguns momentos e influências que acredito serem importantes na determinação dos processos sociais.

Identifico o papel da teoria como "construções organizadas" que me permitem "avizinhar" da realidade que pretendo desvendar.

O papel dessa definição estaria na linha de oferecer elementos referenciais para o entendimento o mais amplo possível das questões que envolvem este trabalho, orientando sua formulação e definindo diretrizes metodológicas que permitam captar as dimensões básicas que envolvem sua proposta fundamental.

A teoria é um "guia" necessário, básico, e não pode, de modo algum, ser absoluta, rígida e acabada. São, entretanto, os elementos teóricos referenciais que permitem captar os fatos, questionando-os em muitas de suas dimensões e superando as impressões mais imediatas. Como observa Otávio Ianni,

"a realidade é complexa, é heterogênea, é contraditória. Apresenta diversas facetas, diversas peculiaridades. Se revela sobre diferentes partes. E a reflexão deve observar, deve examinar essa realidade, o fato, o acontecimento que está em questão e tratar de buscar a compreensão global que implique em compreender o fato como um todo que seja vivo, não como um todo que está dissecado numa anatomia, numa fotografia, numa sincronia. Mas um todo que se apresenta tanto quanto possível, vivo."¹³

Essa complexidade da realidade leva à consciência

dos limites da teoria e, ainda, à necessidade de se assumirem diretrizes teórico-metodológicas que não reduzam a realidade ao esquema teórico-conceitual que se defronta. Assim, o contato, através da pesquisa, com docentes ligados à disciplina Metodologia no Serviço Social, em diferentes Unidades de Ensino, alargou e aprofundou o meu horizonte de entendimento. Mais do que simplesmente confirmar suspeitas e indagações originárias de minha vivência, esse contato colocou-me novas interrogações sobre o problema. Assim, pois, partindo de uma determinada referência, não a coloco de forma absolutizada, de modo a poder captar o mais amplamente possível o que de novo e não-previsto a realidade sempre tem a mostrar.

Não deixo, no entanto, de lado as expressões originárias do real. Elas informaram a reflexão, que, por sua vez, recriou esse real, desvendando dimensões e determinações não percebidas imediatamente, mas que fazem parte de sua constituição. O real, pois, antecede o pensamento. Este o elabora e faz retornar à realidade como concreto pensado. Esse concreto é concreto porque é produto de infinitas determinações.

A realidade e a teoria estão, portanto, intimamente vinculadas. A teoria tem uma relação de comprometimento com o real, porque deste se origina e para este retorna e, na verdade, como elemento que pensa o real, entra na própria constituição deste.

Os contatos realizados não tiveram a pretensão de ter um caráter verificacionista e de generalização extensiva. O que me desafiava nesses contatos com a unidade de análise

se era, tendo por base alguns elementos conceituais, conseguir identificar, para além dos dados em sua aparência, suas relações e articulações com a totalidade mais ampla da qual são parte integrante.

A pesquisa empírica realizada foi de natureza qualitativa, o que se tornou possível por eu já ter um trato anterior com a unidade de análise. Por isso, fez parte da postura metodológica adotada o fato de a minha relação com o objeto se fazer concomitantemente de "dentro" e de "fora". De "dentro", enquanto docente da disciplina em análise, numa Unidade de Ensino da região escolhida. De "fora", enquanto pesquisador, captando novos dados e analisando uma realidade.

Quanto à escolha dos instrumentais, tive a preocupação de escolhê-los visando poder coletar e organizar os dados sistematicamente. A preocupação com rigor metodológico esteve sempre presente, na medida exata que permitisse essa possibilidade de sistematização. Foi minha maior preocupação a maleabilidade necessária à captação da vivacidade da realidade. Nessa perspectiva, as entrevistas com alguma estruturação, mas flexíveis, foram utilizadas como instrumento básico. Além delas, coletei outros dados nos programas da disciplina em seus diferentes tratamentos, nas diferentes Unidades de Ensino consultadas. Na verdade, não se podem comparar as duas fontes de dados: enquanto as entrevistas e contatos diretos revelam uma riqueza que não é possível reconstruir em sua totalidade, os programas revelam apenas o lado formal das propostas, constituindo-se numa expressão bastante estática da questão.

- origem e significado da disciplina Metodologia no Serviço Social no currículo do Curso de Serviço Social;
- conteúdos repassados, temas trabalhados e priorizados na disciplina, bem como bibliografia escolhida;
- contato dos docentes com o Marxismo e sua formação específica nesse assunto;
- penetração do Positivismo no Marxismo.

O contato com os professores foi realizado durante o mês de março de 1989, em visitas realizadas às diferentes Unidades de Ensino. A generosidade da acolhida foi imensa, tendo-se em vista o fato de a entrevista exigir uma certa disponibilidade de tempo – no mínimo duas horas –, o que, muitas vezes, é difícil de se conseguir, considerando-se as inúmeras atribuições dos profissionais, em seu cotidiano. Na maioria das situações, porém, o interesse pelas questões chegou a exigir um prolongamento do tempo de contato inicialmente previsto.

Uma primeira preocupação verbalizada por quase todos os entrevistados, antes da entrevista, era de receio quanto às perguntas, por as imaginarem excessivamente complexas e difíceis de ser respondidas. Essa preocupação era logo dirimida e o que se notou, de modo geral, durante o processo da realização da entrevista, foi um interesse muito grande dos pesquisados, que, como a pesquisadora, se mostravam bastante interessados em descobrir as possíveis lacunas e distorções no encaminhamento dado à disciplina em pauta. Para vários deles, o momento da entrevista foi um espaço privilegiado de se ver

a si próprio e à proposta do conteúdo do programa desenvolvido, considerado globalmente, com suas possibilidades e limitações.

Minha intervenção nas entrevistas procurou se reduzir a pedidos de esclarecimento e/ou ampliação das opiniões expressas. Entretanto, essa posição de observador foi "quebrada", em muitos momentos, pela necessidade de uma discussão "bilateral" que algumas questões suscitavam, por sua significação tanto para o pesquisado quanto para a pesquisadora. Não pretendi ter uma posição absolutamente impessoal de observador distante de seu objeto. Tinha clara a minha inserção como parte daquele universo, ao qual pertenço como professora, o que acredito ser um elemento fundamental na compreensão da problemática em estudo. Esse envolvimento faz parte da minha compreensão de objetividade científica, na medida em que busco incorporá-lo criticamente ao meu próprio conhecimento e em que faz parte da reconstrução do real em análise. De todo modo, reconheço as dificuldades dessa reconstrução, pois o processo de conhecimento, pelo qual passa uma infinidade de questões, impressões, dados, é muito mais rico que as possibilidades de externá-lo através deste trabalho.

Limitei-me a trabalhar os discursos dos docentes, em termos analíticos, como expressão da maneira como vivenciam e captam a realidade do objeto pesquisado.

Incluo muitos depoimentos, reproduzidos "sem retoques", com a preocupação de não "maquiar" a realidade. Quero com isso mostrar como a realidade é considerada por aqueles

que a vivenciam e como eles a expressam de viva voz. Dessa forma, torna-se mais perceptível a visão dos professores, as preocupações que expressam, as relações que estabelecem entre os fenômenos de sua prática cotidiana e a sociedade como um todo. Todos os depoimentos foram gravados e transcritos, o que permitiu uma visão de conjunto das principais preocupações dos professores no que se refere ao objeto deste trabalho.

Tendo em vista essa visão global, no desenvolvimento do trabalho, vou intercalando depoimentos dos entrevistados e reflexões próprias, sendo que em muitos momentos, o depoimento vem posterior à reflexão realizada. Entretanto, essa disposição não tem por objetivo colocar o depoimento apenas como "prova" de suspeitas anteriores, mas como produto daquela visão global das entrevistas.

O trabalho está dividido em capítulos. Trata-se, na verdade, de uma divisão mais didática da exposição. Ela expressa timidamente o verdadeiro movimento de apreensão da realidade, em que momentos de reflexão e contato com esta realidade se interpenetraram. No entanto, gostaria de que, com toda a formalidade da apresentação, não se deformasse o alicerce da compreensão do movimento do conhecimento que, alimentado pela experiência, se torna concreto pelo pensamento.

O primeiro capítulo desenvolve uma busca de entendimento do problema, originário de minha vivência como docente da disciplina Metodologia no Serviço Social, considerado através de sua manifestação no interior do próprio Marxismo, no

momento em que as idéias de Marx tiveram seu primeiro desdobramento.

No segundo capítulo, tendo por base o Marxismo que é destilado através dessa disciplina, empreendo essa busca de compreensão, junto às fontes do Positivismo, daquelas questões que se vislumbram como influentes sobre o Marxismo, a ponto de deformá-lo.

No terceiro capítulo, procuro recuperar, em alguns momentos da obra de Marx, uma visão mais ampliada sobre as questões detectadas, tentando captar uma perspectiva mais totalizadora do pensamento do filósofo.

A análise dos discursos dos professores de Metodologia no Serviço Social constitui o conteúdo do quarto capítulo. Trata-se de um retorno ampliado ao real, realimentado pelas referências teóricas que busquei e que me propiciaram elementos indicativos para a reflexão sobre essa prática docente, em seus diferentes desenvolvimentos.

Finalmente, no quinto capítulo, faço uma última reflexão em que se reúnem algumas questões fundamentais que, provenientes de minha própria vivência e alicerçadas na perspectiva teórica desenvolvida, foram também detectadas na observação ampliada das experiências avaliadas em outras Unidades de Ensino. Quero ressaltar, ainda, nesse espaço, o insólito, o não-previsto que emergiu do próprio processo de conhecimento e que enriqueceu o reconhecimento do objeto deste estudo.

Notas

- ¹ ANDREUCCI, Franco. A difusão e a vulgarização do Marxismo. In: HOBSBAWN, Eric J. (org.) História do Marxismo. 2.ed. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1985, v. 2., primeira parte, p. 67.
- ² Ver "Cadernos ABESS" nº 3, publicado pela Editora Cortez, São Paulo, neste início de 1989.
- ³ A II^a Internacional subscreve-se ao período de 1889 a 1914. Foi fundada no Congresso Internacional de Trabalhadores, realizado em Paris em julho de 1889, organizado pelos marxistas, e aglutinava partidos e sindicatos que atuavam nos diferentes países da Europa, numa perspectiva de construção do socialismo.
- Para relembrar, o movimento dos trabalhadores havia criado a Associação Internacional dos Trabalhadores (1864-1876), que se constituiu na chamada I^a Internacional, envolvendo as organizações da classe trabalhadora européia, principalmente da Europa Ocidental e Central, com o intuito de desenvolver a comunicação e a cooperação entre associações de trabalhadores de diferentes países. Nesta Internacional, Marx e Engels exerceram um papel decisivo em seus encaminhamentos.
- A II^a Internacional trabalhou com as idéias de Marx, mas já sem Marx. Contou com Engels, até sua morte em 1895. Nela

tomaram corpo as questões que se pretendem desenvolver neste trabalho - a "infiltração" no Marxismo das idéias que conformavam o Positivismo naquele momento histórico.

- ⁴ HAUPT, G. Marx e o Marxismo. In: HOBBSAWN, Eric (org.). História do Marxismo. 3.ed. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1987, vol. I, p. 361.
- ⁵ PAULA, João Antônio. Marx: a filosofia e a economia política. Belo Horizonte, FACE/UFMG, 1987, p. 47 (mimeo.).
- ⁶ "LOWY, Michael. As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen. São Paulo, Ed. Busca Vida, 1987, p. 111.
- ⁷ Idem, ibidem, p. 112.
- ⁸ HAUPT, G. Op. cit., p. 363.
- Lafargue foi um popularizador das idéias de Marx junto ao movimento operário parisiense.
- ⁹ IANNI, Otávio. "Construção da Categoria". Aula dada no Curso de Pós-Graduação em Ciências Sociais na PUC/SP. 1º semestre, 1986. p. 12. (mimeo.).
- ¹⁰ Idem, ibidem, p. 6.
- ¹¹ Idem, ibidem, p. 7.

¹² Idem, ibidem, p. 6.

¹³ Idem, ibidem, p. 1.

¹⁴ A Região Leste da ABESS compreende 12 Unidades de Ensino situadas nos Estados do Rio de Janeiro (8 Unidades), Espírito Santo (1 Unidade) e Minas Gerais (3 Unidades). Desse total, foram excluídas cinco Unidades por não fazerem parte da ABESS ou por serem muito pequenas e muito novas, consequentemente com participação ainda incipiente nessa entidade.

PARA ENTENDER AS REDUÇÕES...



1

CLAREANDO AS PRIMEIRAS INVASÕES:
O MARXISMO DE PLEKHÂNOV E BERNSTEIN

No entendimento dos desvirtuamentos positivistas que invadiram o Marxismo e que são repassados pela via da disciplina de Metodologia no Serviço Social torna-se inevitável um encontro com os primeiros desdobramentos das idéias de Marx, fortemente influenciados pelas concepções de Comte e seus seguidores. Representam fragmentos das polêmicas em torno de alguns aspectos da obra de Marx, expressos através das figuras ilustrativas de Plekhânov e Bernstein. Muitas das questões por eles desenvolvidas revelam uma impregnação positivista, mas serão destacadas apenas aquelas que interessam ao presente trabalho.

BIBLIOTECA DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UNICAMP

As duas grandes questões apontadas que "contaminaram" o Marxismo e que interessam a este trabalho — o Marxismo reduzido à explicação de leis do desenvolvimento da sociedade, com base na supervalorização do econômico, e sua visão como mera teoria de conhecimento, desvinculando-se a relação ciência/transformação da sociedade —, apareceram de modo claro e com frequência na "cultura marxista" repassada após a morte de Marx, quando Engels atuou só, e, ainda, na difusão da II^a Internacional.

A polêmica gerada em torno dessa problemática é ampla e complexa, tendo sido a tônica do período. Não se pretende reconstruir o debate nem partes dele no interior desse movimento. Pretende-se apenas destacar as questões que interessam a este trabalho, representadas, ilustrativamente, através de alguns expoentes significativos daquele momento histórico. Assim, a escolha de Plekhânov e Bernstein não significa que somente eles se preocuparam com o assunto, mas que, entre outros, eles expressam essa discussão e são especialmente significativos na divulgação e vulgarização das idéias de Marx, tendo influenciado as Ciências Sociais deste então, até os dias de hoje.

A reflexão sobre essas questões envolve uma série de figuras que transitaram naquele período histórico, que viveram o impacto da Revolução Francesa e da Revolução Industrial e que presenciaram o traslado do eixo das investigações científicas para a Inglaterra, o que significa o declínio da filosofia clássica alemã. Segundo Engels, "à medida

que a especulação abandonava o gabinete de trabalho do filósofo para instalar seu templo na Bolsa, a Alemanha culta perdia aquele grande senso teórico que a fizera famosa"¹.

Assim, o idealismo declinava e abriam-se as portas para uma concepção materialista, em que a premissa básica estava relacionada à clássica assertiva de que "a existência de termina a consciência do homem e não é a consciência que de termina a existência, como se afirmava tradicionalmente"².

Como se sabe as necessidades do desenvolvimento do capitalismo fizeram avançar o modelo "naturalista" das ciências naturais, estendendo-o até as ciências da sociedade, e que os representantes destas ciências se convertem nos ideólogos da sociedade burguesa e de seu respectivo Estado.

Por outro lado, surgia uma classe trabalhadora que começava a representar uma força independente e antagônica, as sumindo uma teoria própria na interpretação do processo de desenvolvimento do capitalismo. O conhecimento teórico resultante permitiu-lhe estender suas tarefas na luta de classes, constituindo-se em instrumento de ação política geradora de mudanças radicais da sociedade.

Entretanto, na medida em que, no bojo de suas concepções, Marx e Engels, expressando seu tempo, se mostram sen síveis

"à relação recíproca entre o desenvolvimento da sociedade e o desenvolvimento das ciências naturais no mundo moderno e salientam que elas contribuíram tanto para a emancipação do homem, quanto para a sua de sumanização"³,

suas posições se tornam alvo de diferentes leituras, com ênfases distintas em um ou outro aspecto de sua contribuição.

Essas ênfases e "distorções" têm que ser entendidas no contexto histórico, econômico e social que lhes confere sentido e uma melhor aproximação da significação que tiveram, como conhecimento possível, naquele momento histórico.

Nesse sentido, é necessário enfatizar, mais uma vez, que a polêmica em que se inserem Marx e Engels era de superação da explicação metafísica da sociedade, portanto geradora de uma necessidade de reafirmar e redimensionar o materialismo e a dialética. É nesse contexto que deve ser entendida a preocupação enfática de Engels, por exemplo, com o entendimento das leis do desenvolvimento da sociedade capitalista como leis de caráter histórico e natural e sua visão da dialética como um processo de ação recíproca, que condena a unilateralidade das explicações causais.

É igualmente necessário ressaltar que os atores/personagens que enfatizaram essas interpretações tiveram uma evolução própria, revendo suas posições, muitas vezes, no decorrer de sua vida. Isso significa diferenciá-los em cada um de seus escritos.

Assim, o movimento de divulgação e expansão da contribuição de Marx vai significar, por um lado, uma possibilidade de enriquecimento de sua proposta. Por outro, também, em muitos momentos, um empobrecimento originário de influências reducionistas — entre elas, o Positivismo — que penetraram as diferentes leituras de sua obra.

Ambas as questões-eixo deste trabalho estão intimamente relacionadas e o tratamento de uma remete à outra.

A idéia positivista da naturalização da história, apresentando-a como algo perene, evolutivo e natural, penetrou fortemente o Marxismo após Marx. O próprio Engels, diante o túmulo desse pensador disse que este descobrira as leis do desenvolvimento da história humana, tal como Darwin descobrira as leis do desenvolvimento da natureza orgânica, secundarizando o significado da ação humana como agente ativo na relação com essas forças objetivas. Nessa leitura do materialismo histórico de Marx, Engels faz uma interpretação determinista, linear, contínua, não estabelecendo relação com as formações sociais concretas em cada momento histórico.

O Engels de O Anti-Dühring, que teve influência significativa na II^a Internacional, abordou a questão da relação natureza e história, dando mais ênfase à determinação de leis que geram o desenvolvimento da sociedade e discutindo a questão da história como produto mais da inserção de indivíduos e menos das classes sociais. Ele não expressa claramente, como o jovem Marx, o condicionamento mútuo natureza/história e, dentro dele, o papel da teoria, da consciência de classe, da ação consciente do proletariado no desenvolvimento da sociedade.

A maneira como Engels trabalhou, nesse texto, a relação sujeito/objeto desencadeou uma série de incompreensões quanto ao significado do método da dialética. Lúkacs coloca bem essa questão, ao afirmar que:

"Engels descreve a conceptualização do método dialético opondo-o à conceptualização 'metafísica'; ele sublinha com argü-cia que, no método dialético, a rigidez dos conceitos (e dos objetos a eles correspondentes) é dissolvida, que a dialética é um processo contínuo de passagem fluida de uma determinação a outra, uma permanente ultrapassagem de oposições, que ela é a superação de uma em outra - e que, por tanto, a causalidade unilateral e rígida deve ser substituída pela ação recíproca. Mas o aspecto mais essencial desta ação recíproca, a relação dialética do sujeito e do objeto no processo da história, não é mencionado."⁴

Na verdade, retirando-se essa determinação, o método dialético se torna uma questão meramente científica, apenas superando a rigidez de conceitos da metafísica, deixando de ser, como afirma o autor, mais adiante, no mesmo texto, "um método revolucionário", em que a "transformação da realidade constitui o problema central".

Em Engels, pois, define-se uma tendência à substituição do

"vértice da ação libertadora (que) se desloca da libertação da humanidade conscientizada no proletariado (no mundo alienado) para a libertação das tendências de expansão das forças produtivas, presas às condições da produção capitalista."⁵

Essa ênfase pode ser relativizada se se caracterizar o texto como uma resposta ao Sr. Eugene Dühring, que contestava o processo de desenvolvimento da sociedade como sendo regido por determinadas leis objetivas. Como esse texto foi um dos primeiros a tornar público o conteúdo da teoria marxista

ta, mais especificamente a interpretação materialista da história, este teve grande penetração no meio operário. Ele veio corresponder a uma necessidade do movimento operário de reconhecimento de seu significado histórico, ressaltando a inevitabilidade do crescimento do proletariado, com base em leis objetivas do desenvolvimento econômico que tirariam o homem da sua pré-história⁶, levando-o a superar o reino da necessidade (a sociedade de classe) pelo reino da subjetividade ou da liberdade (o socialismo).

Destacava, ainda, com relação a essa sociedade de classes, que

"as forças ativas da sociedade atuam, enquanto não as conhecemos e contamos com elas, exatamente como as forças da natureza: de modo cego, violento e destruidor. Mas, uma vez conhecidas, logo que se saiba compreender sua ação, as suas tendências e os seus efeitos está em nossas mãos o sujeitá-las cada vez mais a nossa vontade e, por meio delas, alcançar os fins propostos."⁷

O grifo na expressão em nossas mãos pretende enfatizar a possibilidade da missão histórica do proletariado, ainda que isso não apareça claramente, de fazer surgir uma nova sociedade que, através de uma organização da produção social, crie condições para assegurar a todos não só a cobertura de suas necessidades materiais como também o pleno desenvolvimento e manifestação de suas capacidades intelectuais e físicas.

No entanto, referindo-se ao reino da liberdade, assim se expressa Engels:

BIBLIOTECA DA FACULDADE DE ECONOMIA E ADMINISTRAÇÃO

ta, mais especificamente a interpretação materialista da história, este teve grande penetração no meio operário. Ele veio corresponder a uma necessidade do movimento operário de reconhecimento de seu significado histórico, ressaltando a inevitabilidade do crescimento do proletariado, com base em leis objetivas do desenvolvimento econômico que tirariam o homem da sua pré-história⁶, levando-o a superar o reino da necessidade (a sociedade de classe) pelo reino da subjetividade ou da liberdade (o socialismo).

Destacava, ainda, com relação a essa sociedade de classes, que

"as forças ativas da sociedade atuam, enquanto não as conhecemos e contamos com elas, exatamente como as forças da natureza: de modo cego, violento e destruidor. Mas, uma vez conhecidas, logo que se saiba compreender sua ação, as suas tendências e os seus efeitos está em nossas mãos o sujeitá-las cada vez mais à nossa vontade e, por meio delas, alcançar os fins propostos."⁷

O grifo na expressão em nossas mãos pretende enfatizar a possibilidade da missão histórica do proletariado, ainda que isso não apareça claramente, de fazer surgir uma nova sociedade que, através de uma organização da produção social, crie condições para assegurar a todos não só a cobertura de suas necessidades materiais como também o pleno desenvolvimento e manifestação de suas capacidades intelectuais e físicas.

No entanto, referindo-se ao reino da liberdade, as sim se expressa Engels:

"As leis da sua atividade social, que até agora se erguiam frente ao homem como leis naturais, como poderes estranhos que o submetiam ao seu império, são agora aplicadas por ele com pleno conhecimento de causa e, portanto, submetidas ao seu poderio. A própria existência social do homem, que até aqui era enfrentada como algo imposto pela natureza e a história, é, de agora em diante obra livre sua. (...) só a partir de então, ele começa a traçar a sua história com plena consciência do que faz."⁸

Enfim, a afirmação de que o desenvolvimento do capitalismo obedece a leis com caráter de leis naturais, independentes da vontade e da consciência dos homens, gerou leituras ambíguas da visão de Engels, dando reforço à interpretação "naturalizada" da sociedade burguesa. Com isso, atribui-se muitas vezes a esse filósofo uma perspectiva objetivista e cientificista.

Na verdade

"a dialética da natureza de Engels é um elemento de sua teoria da revolução; quer contribuir para que os proletários se libertem de sua dependência inconsciente de idéias naturalistas e metafísicas, para que comecem a pensar dialeticamente; procura superar a acidentalidade e a fragmentariedade da consciência."⁹

O que ele queria, portanto, sugerir é que se deve desconfiar de todas as idéias que extrapolem o mundo material, temendo, em última instância, uma nova aproximação às idéias metafísicas e religiosas, na explicação do desenvolvimento da sociedade.

Dentro da minha preocupação de pesquisa, momentos da reflexão em Engels já foram vistos como uma expressão das duas reduções de caráter positivista que marcaram, e ainda hoje marcam, as leituras da obra de Marx. A sua preocupação em estabelecer os vínculos dialéticos entre as ciências sociais e a concepção materialista da história foi registrada como uma preocupação científicista, reforçando, por sua vez, um materialismo determinista e evolucionista.

No entanto, segundo Andrew Arato, Plekhânov foi o mais expressivo expoente do pólo materialista determinista pois

"(...) na tradição marxista, ninguém nutriu maior respeito pelo poder de explicação geral da ciência objetiva, ninguém se esforçou mais para colocar os resultados da ciência num sistema materialista que a tudo compreendesse."¹⁰

Plekhânov recusava-se a aceitar uma aproximação à física social e às filosofias positivistas, mas segundo Arato, já nos seus primeiros textos, sua linguagem expressava "traços do pensamento de Comte". A noção de progresso, que este colocava como fundamental ao desenvolvimento da espécie humana, Plekhânov a interpretou "nos termos um tanto incoerentes de um materialismo determinista, evolucionista, e do surgimento de uma tecnologia social capaz de controlar tanto os processos naturais quanto os inter-humanos"¹¹.

O reconhecimento do movimento histórico da humanidade como um processo regido por leis — econômicas — descartava

os subjetivistas, ou seja, a convicção de que a história se move determinada pelos indivíduos.

Plekhânov encarnava a reação a essa concepção predominante do século XVIII, segundo a qual a filosofia da história se reduzia à atividade consciente dos homens. Assim, no decorrer desse século, interpretava-se, predominantemente, o avanço e as mudanças históricas como determinadas pela ação dos reis, autoridades e personalidades. Nesse mesmo século, levantaram-se dúvidas sobre tal interpretação. Como esclarece o próprio Plekhânov, pensadores como Vico, Montesquieu e Herder "em suas obras procuravam fundamentar a regularidade do processo histórico como independente da vontade das aspirações dos reis, dos estadistas e dos governantes"¹². O primeiro via o ciclo da história ser determinado pela vontade divina e os demais, por influências das condições da natureza, clima, geografia.

Na tentativa de clarear a necessidade de superação do subjetivismo, Plekhânov agiganta o significado da determinação das leis do movimento da sociedade, como se elas pudessem existir independentemente dos homens. A propósito, faz referências bastante significativas:

"Os acontecimentos e as personagens verdadeiramente importantes são principalmente sinais e símbolos das diferentes etapas dessa evolução, mas a maioria dos acontecimentos chamados históricos são, para a verdadeira História, o que, para o movimento profundo e constante das marés, são as ondas que surgem à superfície, brilham por um momento com sua luz viva para logo

quebrarem-se na costa arenosa, desaparecendo sem deixar vestígios."13

E ainda, reproduzindo palavras do "chanceler de ferro" Bismark, afirma que não se pode adiantar o relógio, imaginando que, com isso, se pode acelerar a marcha do tempo, fazer a história. Nós não podemos fazer a história, diz Bismark, de vemos esperar que ela se faça. "Não aceleraremos o amadurecimento dos frutos expondo-os ao calor de uma lâmpada, e arrancá-los verdes não faz mais do que impedir seu crescimento e estragá-los"14.

Plekhânov tende a conceber a história humana como algo independente da vontade do homem, fora de sua ação consciente e que obedece ao desenvolvimento das forças produtivas, o que significa que uma determinada base econômica produzirá uma correspondente superestrutura ideológica.

Isso implica que, diante da antinomia necessidade x liberdade, Plekhânov tende para a primeira, pois, para ele, se o homem faz a história, é "sob a pressão da necessidade". Reduz, assim, a afirmação de Engels de que os homens fazem a sua história sob a base de suas condições reais de vida anteriores, esquecendo-se de que são os próprios homens, e não as condições de vida anteriores, que fazem a história. É certo que as condições reais existem e elas vão dar parâmetros às possíveis mudanças na sociedade, mas tais mudanças dependem da ação humana.

A idéia fundamental de Marx, diz Plekhânov, pode resumir-se no seguinte:

"(...) as relações de produção determinam todas as outras relações que existem entre os homens na sua vida social. As relações de produção são determinadas, por sua vez, pelo estado das forças produtivas."¹⁵

Nesse sentido, a interpretação de Plekhânov foi vista como reforçando um materialismo histórico, submetido exclusivamente às determinações de leis originárias da esfera econômica da sociedade. O Marxismo tinha colocado o homem em condições de captar as "leis objetivas do desenvolvimento da sociedade"; bastava, portanto, um estudo do modo de atuar sobre ela. Segundo Israel Getzler, esse "determinismo e a confiança de Plekhânov no conhecimento racional estavam em harmonia com o espírito da época, naturalista e positivista"¹⁶. Tal determinação dava "garantia" de se alcançar o socialismo pelo próprio desenvolvimento social, assim como o sol vai se pôr hoje e vai se levantar amanhã.

O destaque dado por Plekhânov ao determinismo e à necessidade, em contraposição à vontade consciente, não significou, porém, que, em determinados momentos de sua trajetória, ele não estivesse buscando uma relação distinta que contemplasse tanto a liberdade da espécie humana como a natureza. Além disso, foi sensível o suficiente para abrandar o "fatalismo histórico conclusivo", cujas influências recebeu de Hegel e do Materialismo econômico, ao enveredar "na doutrina spinoziano-hegeliana de liberdade como necessidade consciente"¹⁷.

No entendimento desse expoente do marxismo, o desen

volvimento do capitalismo o levará à sua própria negação e à realização dos ideais da humanidade, como uma necessidade histórica, e cada indivíduo se constitui em um instrumento dessa necessidade, seja pela sua situação social, seja pelo caráter intelectual e moral gerado por ela.

"Isso também é um aspecto da necessidade. Mas, desde o momento em que sua situação social nele formou precisamente este caráter e não outro, ele não só serve de instrumento à necessidade e não pode deixar de servi-la, como quer apaixonadamente fazê-lo e não pode deixar de querer. Este é um aspecto da liberdade, de uma liberdade nascida da necessidade; é a necessidade feita liberdade."¹⁸

Assim, a consciência da necessidade absoluta de um fenômeno eleva as energias do homem a este vinculado, uma vez que se considera como uma de suas forças geradoras, ao compreender o significado de sua própria ação.

* * * * *

Para ilustrar a reflexão sobre a segunda questão, a escolha deveria recair, preferentemente, em Karl Kautsky pelo domínio que sua obra teve no seu momento histórico, assim como por seus desdobramentos, que influenciaram todo o movimento comunista desde então.

Entretanto, a opção por Eduard Bernstein deve-se à nitidez com que ele discute essa questão e sua análoga significação na tradição marxista. Reconhece-se que sua importân-

cia no movimento operário foi mais reduzida. Coube a ele, porém, o mérito de ser autor do principal escrito do revisionismo clássico — Las premisas del socialismo y las tareas de la social-democracia, em que a polêmica é tratada muito claramente.

Bernstein foi considerado um revisionista, no sentido de que, partindo das premissas marxistas, questionou alguns pontos da doutrina, fundamentalmente as previsões de Marx sobre o desenvolvimento do capitalismo — concentração de capital e polarização das classes e o caráter inevitável da revolução socialista.

Ele concordava com a prospecção que Marx fazia, no Manifesto Comunista, sobre o desenvolvimento da sociedade capitalista, enquanto descrição das tendências gerais desse desenvolvimento. No entanto, no prefácio à 1ª edição (1899) de sua obra, aponta como equívocos de Marx:

"A valorização do tempo requerido por este desenvolvimento". Como o próprio Engels avaliou mais tarde, o desenvolvimento econômico pressupôs um tempo muito maior para a sua plenitude, o que tornou necessário considerar uma série de aspectos que o Manifesto não podia prever.

"A agudização das relações sociais não se deu na forma contemplada pelo Manifesto". Conseqüentemente, o número de proprietários não tendeu, segundo Bernstein, a diminuir, na relação inversa ao aumento da riqueza.

"Os extratos médios mudam o seu caráter mas não desaparecem da escala social".

"Até esta data, não se realizou em todas as partes, com a mesma força e rapidez, a concentração da produção industrial". Assim, na agricultura e, mesmo, em muitos setores industriais, tal fato não se vem observando.

Marx e Engels acreditavam que a agricultura, assim como a indústria, sob o capitalismo, se desenvolveria no sentido de que, cada vez mais, um menor número de proprietários controlaria as terras e de que os pequenos proprietários tenderiam a desaparecerem em consequência da crescente proletarianização. Diante dessa posição, verifica-se no interior do Partido Social Democrata Alemão, a tendência a não apoiar a causa dos pequenos proprietários, pois, pelo processo necessário e irreversível de concentração da propriedade da terra, eles seriam eliminados. Com isso, tal apoio seria considerado uma reforma e esta era vista como passageira e superficial sob o capitalismo.

Esses questionamentos surgiram quando da discussão, pelo Partido, da proposta de apoio aos interesses dos componentes e de defesa deles, no final do século passado. A existência de fato do campesinato, implicando, também, apoio aos socialistas, em termos eleitorais, levou à consideração, dentro do Partido, da necessidade de se desenvolver um trabalho que visasse à obtenção de vantagens imediatas para a classe trabalhadora, o que levou, em muitos momentos, à perda da perspectiva final do socialismo.

Bernstein recolheu essas preocupações candentes e as expressou teoricamente, o que fez com que suas idéias ti-

vessem uma forte repercussão.

Dessa forma, expressou uma visão, contrária aos postulados de Marx, pela qual uma nova sociedade seria construída por graus, com base em avanços cotidianos, e não como produto do colapso do capitalismo, ou seja, como um salto qualitativo do capitalismo ao socialismo.

Com Bernstein, ganharam força os seguintes pontos:

- a preocupação em socializar progressivamente as instituições políticas e a propriedade, pois, "na medida em que as instituições políticas das nações modernas se democratizam, se reduz a necessidade e as oportunidades de grandes catástrofes políticas"¹⁹;
- a necessidade de alianças com setores não-socialistas com fins eleitorais ou de reforma;
- a indiferença com o fim último do socialismo. Nesse sentido, há uma frase dele que expressa bem sua posição: "Para mim o movimento é tudo, e, o que ordinariamente se considera como objetivo final do socialismo, não é nada"²⁰.

Para ele, a teoria de Marx destruiu, no interior de la mesma, a idéia de objetivo final, uma vez que se propunha a ser uma teoria do desenvolvimento da sociedade burguesa. "Como para uma doutrina social baseada na idéia de desenvolvimento não pode haver um objetivo final, de acordo com isto, a sociedade humana vai estar continuamente submetida ao processo de desenvolvimento", afirma, a propósito, Bernstein. E acrescenta: uma doutrina

BIBLIOTECA DE ECONOMIA DA UNICAMP

"pode ter grandes linhas de orientação e objetivos, mas não um objetivo final. Inclusive o que, transitoriamente, poderia ser considerado como um objetivo final não deve ser construído aprioristicamente das cabeças, senão que tem que ser elaborado a partir das lutas práticas do próprio movimento."²¹

Bernstein denunciava que a ligação de Marx a Hegel havia levado a dois equívocos:

1. Fazer deduções a priori, a partir de concepções abstratas, sem base nos fatos reais. Essa deformação teria levado Marx a acreditar no determinismo histórico como produto de um único fator - o econômico. A história mostrou que existe uma diversidade de forças que influem na sociedade, colocando limites na determinação da necessidade e gerando a possibilidade de os homens exercerem uma influência significativa sobre a vida da sociedade.
2. Acreditar na Revolução total, parecendo "supor que a vontade da Revolução e a organização do terrorismo eram suficientes para proporcionar a força motriz de um levantamento socialista"²².

No prefácio de seu livro, ele sintetiza sua preocupação:

"O que mais me interessa e constitui o objetivo fundamental deste escrito é reforçar, ao mesmo tempo, o elemento realista e o elemento idealista do movimento socialista, combatendo os restos de uma mentalidade utopista que se encontram dentro da teoria socialista."²³

A influência positivista sobre Bernstein leva-o a fazer uma leitura positivista da proposta de Marx e não a querer reduzir o Marxismo, por exemplo, a uma ciência natural, como foi a pretensão de outros marxistas-positivistas²⁴.

Ele parte de pressupostos que o levam a uma necessidade de ruptura da unidade dialética entre ciência e socialismo. Entre esses pressupostos, coloca o de que em "todas as ciências podemos distinguir uma doutrina pura e uma doutrina aplicada"²⁵. Para ele, a doutrina pura é conformada por princípios axiomáticos deduzidos de experiências consideradas universalmente válidas. E a ciência aplicada consiste na aplicação desses princípios a diversas situações ou fenômenos. Esse entendimento o levaria a defender um socialismo através de raciocínios éticos e, por outro lado, assimilando influências neokantianas, que consideravam o conhecimento como independente de sua aplicação prática e livre de juízos de valor, um sistema de conhecimento sociológico, empírico, neutro, desvinculado da visão da Revolução. O que está, pois, intimamente vinculado ao abandono da dialética que o faz ter uma visão sobre o capitalismo estática e até apologética.

A sua descrença e negação das contradições do capitalismo e da luta de classes fizeram-no buscar outras justificativas para o socialismo que não as originárias do próprio desenvolvimento material da sociedade, justificativas alicerçadas na Moral, no Direito, na Ética, etc. Para Bernstein, a obra de Marx confunde juízos de fato e de valor, ao vincular uma análise científica "com rigor crítico e amor à verdade,

próprios do gênio científico a um objetivo final, do alcance da sociedade comunista". E, nesse momento, essa obra fica comprometida em sua cientificidade, pois revela-se prisioneira de uma doutrina. Para ele, ainda, torna-se incompatível a imparcialidade que a teoria exige em sua elaboração e a adesão à perspectiva do socialismo. Nesse sentido, é bem marcante a sua identificação com a visão de objetividade, própria das ciências naturais, transplantada para as ciências da sociedade.

Notas

- ¹ ENGELS, Friedrich. Ludwing Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã. In: MARX & ENGELS. Textos. Vol. 1. São Paulo, Ed. Sociais, 1977, p. 116.
- ² ————. Anti-Dühring. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1976, p. 24.
- ³ FERNANDES, Florestan (org.). Marx e Engels. 2.ed. São Paulo, Ed. Ática, 1984, p. 27.
- ⁴ LÚKACS, Georg. O marxismo ortodoxo. In: NETTO, José Paulo (org.). Lúkacs. São Paulo, Editora Ática, 1981, p. 62.

⁵ FETSCHER, Iring. Karl Marx e os marxismos. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1963, p. 162.

⁶ Segundo Oscar Negt, o fim da pré-história estaria caracterizado pela "supressão do domínio do produto sobre os produtores; a substituição da anarquia da produção de mercadorias por uma organização planejada e consciente da produção social, com o controle e domínio dos homens sobre suas condições de vida e sua própria socialização".

NEGT, Oscar. O marxismo e a teoria da revolução no último Engels. In: HOBSBAWN, Eric (org.). História do Marxismo. 2. ed. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1986, p. 133.

⁷ ENGELS, Friedrich. Do socialismo utópico ao socialismo científico. 9.ed. São Paulo, Ed. Global, 1988, p. 71.

Essa citação faz parte da reflexão de Engels em sua réplica ao Sr. Eugen Düring, uma vez que o texto referido foi dela extraído.

⁸ Idem, *ibidem*, p. 76.

⁹ NEGTE, Oscar. Op. cit., p. 175.

¹⁰ ARATO, Andrew. A antinomia do Marxismo Clássico. Marxismo e filosofia. In: HOBSBAWN, Eric (org.). História do Marxismo. 2.ed. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1986, p. 92.

- ¹¹ Idem, *ibidem*, p. 93.
- ¹² PLEKHÂNOV, Gueorqui. A concepção materialista da História. 7.ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987, p. 88.
- ¹³ Idem, *ibidem*, p. 87.
- ¹⁴ Idem, *ibidem*, p. 85.
Essa citação é parte de um discurso de Bismarck no Reichstag de Alemanha do Norte, em 16 de abril de 1869.
- ¹⁵ Idem, *ibidem*, p. 33.
- ¹⁶ GETZLER, Israel. Gueorqui V. Plekhânov: a danação da ortodoxia. In: HOBSBAWN, Eric. História do Marxismo II. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1986, p. 112.
- ¹⁷ ARATO, A. Op. cit., p. 96.
- ¹⁸ PLEKHÂNOV, Georqui. Op. cit., p. 79.
- ¹⁹ BERNSTEIN, Eduard. Las premisas del socialismo y las tareas de la social democracia. Madrid, Ed. Siglo XXI, 1982, p. 96.
Os trechos citados são tradução minha.
- ²⁰ Idem, *ibidem*, p. 97.

- 21 Idem, ibidem, p. 297.
- 22 KOLAKOWSKI, Leszek. Las principales corrientes del marxismo; II La edad de oro. 2.ed. España, Ed. Alianza, 1985, p. 196.
- 23 BERNSTEIN, E. Op. cit., p. 99.
- 24 Sobre essa questão, Michael Löwy insinua em sua reflexão, no livro "As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Munchhausen" que a crítica positivista de Bernstein a Marx não deixa de reconhecer de forma mais ou menos expressa a inconciliável oposição entre a dialética marxista e a epistemologia positivista da ciência.
- 25 BERNSTEIN, E. Op. cit., p. 111.

2

UMA INCURSÃO NECESSÁRIA
COMTE - DURKHEIM - WEBER

Na busca de elementos articulados para o entendimento das questões desse trabalho faz-se necessário estabelecer relações pontuais entre Marxismo e Positivismo, percorrendo, neste momento, essa corrente de pensamento social através de alguns de seus expoentes: Comte, Durkheim e Weber, embora este não se inclua no bojo das mesmas proposições dos dois primeiros. Evidentemente, não se trata de um percurso que abranja todos os espaços cobertos pela obra desses autores, mas visita, toca, em cada um, aquelas dimensões que têm mais a ver com o argumento deste trabalho, buscando recuperar a origem das questões nele levantadas.

A escolha da corrente de pensamento positivista deve-se a duas ordens de fatores, intimamente ligadas. Por um lado, relaciona-se à sua influência na época em que surgiram as idéias de Marx. O desenvolvimento do Positivismo é contemporâneo à obra marxiana, ou seja, ambos são produtos de toda uma trajetória da história e aparecem como respostas às exigências de forças sociais que emergem e se desenvolvem no decorrer do século XIX. Por outro, deve-se ao fato de que são linhas de pensamento que se opõem e informam maneiras opostas de se conhecer a realidade; no entanto, conformam dois pólos de uma mesma relação contraditória entre proletariado e burguesia. Neste sentido convivem desde seu nascimento e se nutrem da influência recíproca dessa relação, em que um elemento é condição da existência do outro.

A origem do espírito da filosofia positiva não tem determinação exata quanto ao período de sua formação. Comte afirma que alguns elementos desse espírito já estavam presentes em Aristóteles, nos trabalhos da Escola de Alexandria e, posteriormente, na penetração das idéias das ciências naturais na Europa Ocidental pelos árabes. Entretanto, ele delimita o momento em que o espírito dessa filosofia começou a marcar posição no mundo em oposição ao espírito teológico e metafísico, ligado à "ação combinada dos preceitos de Bacon (1561-1626), das concepções de Descartes (1596-1650)"¹ "e das descobertas de Galileu (1564-1642)"².

No plano mais imediato de seu surgimento, o Positivismo recebeu influências das principais tendências intelectu

ais e filosóficas que transitaram pelo século XVIII, entre elas, o Iluminismo, o Enciclopedismo e o Empirismo inglês. Das duas primeiras, resgatou o empolgamento advindo do auge das ciências da natureza; a crença nas possibilidades do conhecimento científico como forma de domínio da natureza e progresso; a oposição à autoridade excessiva da Igreja, projetando-se, por outro lado, a idéia de uma "religião natural"; a importância da sensação como elemento de apreensão de conhecimento em face da especulação racional, considerado um modo distinto de se chegar à realidade, que se presume racional.

Do empirismo inglês obteve reforço para: a concepção de que a ciência deve basear-se na experiência, na observação dos fatos e não, em especulações; o combate ao apriorismo, ou seja, ao conhecimento pela razão, segundo princípios racionais e não com base exclusivamente na experiência; a não-diferenciação entre a lógica das ciências naturais e matemáticas e a lógica das ciências humanas, estas entendidas como parte do sistema daquelas, ambas consideradas "ramos de um mesmo tronco".

* * * * *

O cenário sócio-histórico em que foram tomando corpo as idéias da filosofia positiva, que vieram a se articular como Positivismo e que tiveram uma repercussão no âmbito das ciências sociais, remonta à derrubada da velha ordem feudal.

Com o crescimento da burguesia e seu pleno desenvolo

BIBLIOTECA DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UNICAMP

vimento, esta já não cabia nos limites do sistema feudal. A "solução" alternativa para a crise do sistema que se refletia nas condições de vida da grande maioria da população era oferecida pela burguesia. Ela começava a se constituir como classe e aspirava ao poder político correspondente à sua força econômica e ao seu significado cultural.

Nesse sentido, ela se torna o elemento revolucionário cuja aspiração era o fim da velha ordem, destacando, conseqüentemente, que suas instituições não eram perenes, imutáveis, mas ultrapassadas e arcaicas.

Assim, as aspirações da burguesia exprimiam, naquele momento, a utopia de uma nova ordem social³. Elas tornavam presente o anseio geral dos setores populares de destruição da ordem feudal, ainda que a própria burguesia também tivesse seus interesses particulares de dominação como classe.

A visão positiva do mundo da classe burguesa, naquele momento histórico teve, pois, um caráter de utopia. Representou a possibilidade de ruptura com o regime anterior, apontando para a construção de uma nova ordem, sem privilégios, antiabsolutista, que apostava no progresso material do homem, contrária a um Estado despótico e ao domínio da Igreja, em todas as esferas da vida humana. Uma nova ordem, alicerçada no ressurgimento de uma ciência, que superasse as explicações das coisas pela fé, já que a burguesia, como afirma Engels, "necessitava, para o desenvolvimento da sua produção industrial, de uma ciência que investigasse as propriedades dos corpos físicos e o funcionamento das forças naturais"⁴.

Essa mesma visão de mundo, posteriormente, na medida em que a burguesia se tornou parte integrante das classes dominantes, veio a se tornar uma ideologia, garantindo a permanência/reprodução da nova ordem estabelecida. Uma expressão nítida dessa transformação vê-se no conceito de lei natural, que significou um ataque direto às explicações religiosas e metafísicas, suportes do mundo feudal e se tornou, mais tarde, um conceito justificador e reforçador da consolidação da ordem pública. A partir dele, desenvolveu-se toda uma explicação conformista da ordem industrial burguesa.

Nisbet diz que só se pode compreender as concepções positivistas se elas forem entendidas como resposta a essa derrubada do feudalismo, destruído "bajo los golpes del industrialismo y la democracia revolucionária, a comienzos del siglo XIX, y los problemas de orden que este creara"⁵.

Duas revoluções — a Revolução Francesa (1789) e a Revolução Industrial Inglesa Contemporânea — arrebataram definitivamente a ordem feudal, que, desde a Idade Média, garantia a reprodução da sociedade — poder, riqueza e status apoiados "en el parentesco, la tierra, la clase social, la religión, la comunidad local y la monarquía"⁶. O significado e desdobramentos dessas revoluções é incalculável. Elas afetaram a história humana em seu tempo, com repercussões por todo o mundo, até os dias de hoje.

Eric Hobsbawn (em "A era das revoluções"), coloca como parâmetro para se aquilatar o alcance delas, as palavras novas e com significados igualmente novos que surgiram

nesse período. Cita, como alguns exemplos: indústria, fábrica, classe média, classe trabalhadora, capitalismo, socialismo, liberal, conservador, cientista, engenheiro, proletário, sociologia, ideologia, greve e pauperismo. Para ele,

"a grande revolução de 1789 - 1848 foi o triunfo não só da 'indústria' como tal, mas da indústria capitalista; não da liberdade e da igualdade em geral, mas da classe média ou da sociedade 'burguesa' liberal; não da 'economia moderna' ou do 'Estado moderno', mas das economias e Estados em de terminada região geográfica do mundo (...) cujo centro eram os Estados rivais e vizinhos da Grã-Bretanha e França."⁷,

espalhando o seu domínio para o resto da Europa e o mundo todo.

No bojo dessa dupla revolução, que expressou o ápice de uma trajetória da burguesia contra o feudalismo, destaca-se uma outra força — a classe operária — que viria a ser o germe da necessidade de superação da nova sociedade que se iniciava.

Esse é o contexto gerador e de constituição dessas classes e, conseqüentemente, de surgimento das duas correntes teóricas, expressão das posições, aspirações e interesses delas. O seu desenvolvimento inicial estará, pois, circunscrito ao "período histórico que começa com a construção do primeiro sistema fabril do mundo moderno em Lancashire e com a Revolução Francesa em 1789 e termina com a construção de sua primeira rede de ferrovias e a publicação do Manifesto Comunista"⁸, meio século depois (1848).

O Positivismo como conjunto estruturado de doutrinas no âmbito das ciências sociais serve de suporte à nova ordem social - a sociedade científico-industrial - rejeitando qualquer manifestação negativa contra ela. A palavra positivo, no sentido dado pelos precursores do Positivismo, só pode ser entendida enquanto oposição "às perigosas teorias negativas, críticas, destrutivas, dissolventes, subversivas, em uma palavra, revolucionárias, da filosofia das Luzes, da Revolução Francesa e do Socialismo"⁹.

* * * * *

Nessa linha de abordagem, propaga-se o Positivismo de Comte (1798-1876) e de Durkheim (1858-1917). São eles que desenvolvem as idéias que impregnaram as interpretações do Marxismo, naquele momento histórico, e que interessam como argumento do presente trabalho.

É da filosofia positiva que Comte extrai o entendimento da sociedade regida por leis naturais, imutáveis, que necessitam ser descobertas através de observações e contemplações positivas. Ele resgata o caráter fundamental da filosofia positiva ao

"tomar todos os fenômenos como sujeitos a leis naturais invariáveis, cuja descoberta precisa e cuja redução ao menor número possível constituem o objetivo de todos os nossos esforços, considerando como ab-

solutamente inacessível e vazia de sentido para nós a investigação das chamadas causas, sejam primeiras, sejam finais."10

Como bom representante do espírito positivo, dá mais ênfase ao estudo das leis invariáveis dos fenômenos que ao entendimento de suas determinações. Ao equiparar o estudo da sociedade ao estudo da natureza, toma como modelo a ciência natural e, mais especificamente, a Biologia. Desta, advêm muitos dos conceitos que marcam a Física Social, ou a Sociologia, como os de hierarquia, consenso, órgão, função, estática, dinâmica, enfim, a idéia de fenômenos interdependentes dentro de um sistema funcional, organicamente composto.

Essa identificação do estudo da sociedade ao estudo da natureza, que leva a primeira à busca de leis sociais análogas às leis da Física (entende-se aqui uma interpretação estática desta ciência), elimina o papel da prática social como elemento gerador de mudanças na sociedade. "A prática social especialmente no que se refere à transformação do sistema social, fôra assim suprimida pela fatalidade. A sociedade era concebida por leis racionais que funcionavam com necessidade natural"11.

A sociedade tem uma ordem natural que não muda e à qual o homem deve submeter-se. Essa posição de submissão aos princípios das leis invariáveis da sociedade leva a uma posição de resignação grandemente enfatizada na obra de Comte. A consideração de que "o espírito positivo tende a consolidar a ordem pelo desenvolvimento racional de uma sábia resignação

diante dos males políticos incuráveis"¹² revela bem isso. A pregação da resignação facilita a aceitação de leis naturais que consolidam a ordem vigente, justificadora da autoridade reinante e facilitadora da proteção dos interesses — riqueza e poder — hegemônicos naquele momento histórico.

Os fenômenos econômicos são muitas vezes apontados por Comte como expressão dessas leis sociais naturais invariáveis, por coincidência, referindo-se, principalmente, ao caso da concentração de capital¹³.

Com o objetivo de fortalecimento da ordem social combate-se qualquer doutrina revolucionária¹⁴ e todas as forças se concentram numa renovação moral da sociedade. A mudança da sociedade passa fundamentalmente por um refazer dos costumes, uma reforma intelectual do homem, e menos pela transformação de suas instituições: A sociedade se modifica através da visão de progresso como um mecanismo da própria ordem, sem destruição da ordenação vigente, num processo evolutivo. Como afirma Marcuse: "o positivismo está, pois, interessado em ajudar a 'transformar a agitação política em uma cruzada filosófica' que suprimiria tendências radicais que eram afinal de contas incompatíveis com qualquer sadia concepção da história"¹⁵. O citado autor continua, buscando mostrar que o progresso é, em si, ordem — não é revolução, mas evolução.

A idéia de progresso e ordem, em Comte, vem de sua visão dos fenômenos da sociedade. Para ele, todo ser vivo pode ser estudado sob uma dimensão estática e uma dinâmica, que apreciaram a sociedade em repouso e em movimento. Relacionaes

sas duas dimensões à Anatomia e à Fisiologia.

A visão de ordem tem sua origem na noção de estática, que estuda a existência, suas condições e a estrutura que a gera. Corresponde à compreensão da existência naquilo que ela oferece de fixo, de estrutural.

A Sociologia dinâmica se preocupa com o entendimento do movimento, do desenvolvimento, da atividade da vida coletiva, correspondendo à noção de progresso. Essa dimensão da dinâmica social é o que vai distinguir, marcadamente, a Sociologia da Biologia, ou seja, "a idéia-mãe do progresso contínuo ou, antes, do desenvolvimento gradual da humanidade"¹⁰. Em última instância, torna-se necessário melhorar as condições de vida das classes menos favorecidas, sem incomodar a ordem econômico-política da sociedade. O desenvolvimento histórico dá-se, portanto, pela evolução organizada, regida por leis naturais, ou seja, progresso histórico é ordem.

A lei dos três estados de Comte demonstra essa visão do desenvolvimento histórico da sociedade. Para ele, essa grande lei explica o "desenvolvimento total da inteligência humana em suas diversas esferas de atividade", destacando que essa e todos os conhecimentos passam sucessivamente por três estados históricos distintos: o teológico, o metafísico, ou abstrato, e o científico, ou positivo. Esses três estados se expressam não apenas nas formas por que, sucessivamente, to da investigação passa, como também pela própria evolução da humanidade. Assim se expressa Comte: "(...) ora, cada um de nós contemplando sua própria história, não se lembra de que foi su-

cessivamente, no que concerne às noções mais importantes, teológico em sua infância, metafísico em sua juventude e físico na sua virilidade".

No estado teológico, predominan as criações espontâneas, não sujeitas à prova; no metafísico, a dominância é das abstrações e de princípios racionais e, no positivo, o alicerce está numa apreciação firme da realidade externa, enunciando-se as relações entre os fenômenos.

Assim, tanto a determinação das leis naturais e eternas, como agora, a visão de evolução da sociedade e da história sob a ótica positivista, aniquilam a prática social dos homens, transformadora da sociedade.

Durkheim herda de Comte muitas de suas preocupações e, entre elas, "o ponto de vista de que a ciência positiva constitui a única posição cognitiva possível" para a captação da realidade da sociedade.

O seu entendimento de "ciência positiva" passa por um estudo metódico que propicie o estabelecimento de leis, originárias da experimentação.

Segundo ele, Comte não havia chegado a realizar a ciência positiva, ficando preso a considerações muito gerais sobre a sociedade, não clareando o próprio objeto da Sociologia, que são os fatos sociais, nem, tampouco, se voltando para as questões relativas ao método de conhecimento desse objeto: a observação e a experimentação indireta, em último caso, o método comparativo.

Durkheim entende por fato social "toda maneira de

agir fixa ou não, suscetível de exercer sobre o indivíduo uma coerção exterior; ou então ainda, que é geral na extensão de uma sociedade dada, apresentando uma existência própria, independente das manifestações individuais que possa ter"¹⁷. Nesse sentido, nem todos os fenômenos sociais se constituem fatos sociais, sendo essa distinção necessária para distinguir o campo de domínio da Sociologia.

Se os fatos sociais fossem assumidos no sentido comum, isto é, se fossem concebidos como todo e qualquer fenômeno que se desenvolve no interior de uma sociedade, com uma regularidade mínima, não restaria, praticamente, nenhum fenômeno que não pudesse ser classificado como social, não sendo possíveis distinções de domínio da Sociologia.

Para ele, ainda, essa ciência havia sido construída secundarizando os fatos, considerando-os apenas como exemplos, ou provas, que confirmassem noções anteriores. A Sociologia tinha, até aquele momento, tratado com conceitos, isto é, indo "das idéias para as coisas, e não das coisas para as idéias"¹⁸. Com essa concepção metodológica, não poderia, evidentemente, ser alcançada a "objetividade" necessária à ciência, pois as noções, os conceitos não podem "substituir" as coisas.

"A ciência não deve serão conhecer fatos, e estes têm todos o mesmo valor e o mesmo interesse; observa-os, explica-os, mas não os julga; não há, para ela (a ciência), fatos passíveis de censura. O bom e o mal não existem a seus olhos. Pode explicar

como determinadas causas produzem tais e tais efeitos, mas não que fins devem ser perseguidos."19,

afirma Durkheim.

Segundo José Albertino Rodrigues, Durkheim recupera de Descartes o princípio de tratar esses fenômenos como coisas. Aliás, Comte já havia reconhecido esse caráter de coisas quando afirmava que "os fenômenos sociais são fatos naturais, submetidos a leis naturais (...) pois não existem na natureza senão coisas"²⁰. Este princípio — considerar os fatos como coisas — vai-se constituir na primeira regra básica de seu método e advém de sua oposição à idéia. Essa oposição traz embutida uma crítica ao idealismo hegeliano que transforma a "idéia", ou seja, o processo de pensamento, em sujeito autônomo, "criador" do real, pressupondo a possibilidade de serem os fenômenos sociais como sistemas de idéias objetivadas.

O tratar os fatos sociais como coisas não significa, para Durkheim, reduzi-los às suas propriedades gerais da matéria, mas captá-los na imaterialidade sui generis que os caracteriza. Nesse sentido, ele não qualifica seu método de materialista.

A preocupação com esse princípio encontra, em Durkheim, a disposição de transformá-lo de formulação apenas teórica em prática. Para ele,

"não bastava promulgá-lo; para que não permanecesse letra morta, era preciso transformá-lo em base de um completo ponto de

vista disciplinador que se apoderasse do cientista no momento mesmo em que aborda o objeto de suas pesquisas e que o acompanhasse passo a passo em todas as suas fases."²¹

O empenho em formular esse "ponto de vista disciplinador" está alicerçado numa outra característica de seu método: pretender ser objetivo. Com essa intenção, ele pregava: o estanciamiento das pré-noções em face dos fatos como requisito para a sua "captação"; a necessidade de "atingi-los por in me di o ex ame dos car acter es ma is ob jet iv os"; a obtenção tr av és dos pr óp ri os fa tos de um "me io de se cl ass ific ar em em br as e m ó rb id os"; e, enfim, a aplicação desse princípio de extrair do pr óp ri o fa to a sua cl ass ific aç ã o t amb ém às exp lica ç õ es e à ver ific aç ã o de las.

Outra característica de seu método é ser "independente de qualquer filosofia". A Sociologia, na medida em que surgiu "a partir de grandes doutrinas filosóficas, guardou o hábito de se apoiar nalgum sistema do qual, então, se torna ob edi en ta ria"²². Nesse sentido, ela foi espiritualista, evolutionista, positivista e não somente, como deveria ser, Sociologia. Para Durkheim, não cabe a esta tomar posição. Ela "não de ve ni em que af ir mar a li ber da de, nem o de ter mi n is mo"²³, afirmando que a Sociologia deveria ser apenas a aplicação do princípio da causalidade aos fenômenos sociais.

Essa exigência de independência refere-se, também, que ele den omi na va do ut ri nas da pr át ica. "A Sociologia, as si de nt en da, n ã o ser ia nem in di vi du al is ta, nem co m u n is ta,

nem socialista; (...) ignoraria por princípio essas teorias, às quais não poderia reconhecer nenhum valor científico"²⁴, pois elas, segundo ele, não estão atentas às manifestações que se desprendem dos fatos. Somente alicerçado nessa postura de contato direto com os fatos sociais é que se constrói a ciência.

Enfim, Durkheim avança na reflexão sobre a objetividade da ciência iniciada por Comte, não apenas enfatizando que o conhecimento se desprende dos fatos e não das paixões, mas fazendo esforço para que este princípio chegasse à prática. Nessa linha de preocupação, ressaltou o significado das Regras do método sociológico, querendo "garantir" sua independência com relação à filosofia, às doutrinas da prática e ao conhecimento vulgar, ao conceber os fatos sociais como coisas, objetivamente observáveis.

Entretanto, é em Max Weber, entre os pensadores desse período histórico, que se encontra a colocação mais elaborada sobre a questão da "objetividade da ciência social"²⁵.

É certo que Weber não pode ser "classificado" como um sociólogo positivista na totalidade de sua obra. Entretanto, nesse aspecto do postulado da neutralidade axiológica das ciências sociais existe "uma convergência entre a sua teoria da ciência e a teoria dos positivistas"²⁶.

Weber participou intensamente da discussão sobre o método e o valor das ciências e sobre as distinções entre as ciências da natureza e as da sociedade, discussão que se deu no final do século XIX e início deste, na Alemanha.

Tendo como ponto de partida a separação entre essas ciências, acreditava ele que

"a sociedade, como resultado de relações interindividuais, não podia ser tratada como matéria das ciências físicas, e isto não se devia a um decreto de tipo metafísico, senão a que a intervenção humana nas ciências sociais se situava obrigatoriamente em um marco de referências distinto do das ciências da natureza."²⁷

Para ele, portanto, a "matéria social" estava tão próxima e tão relacionada à prática humana que não havia condições de ser tratada com o mesmo distanciamento que a "matéria física". Com isso, o problema da objetividade não podia ser colocado da mesma maneira que nas ciências da natureza. Segundo Vicent, este cientista social acreditava que "era necessário uma distinção mais rigorosa entre factibilidade e valoração; os juízos de valor e os juízos de fato deviam apresentar-se como algo irreconciliável, como dois termos de uma antinomia característica da realidade social"²⁸.

A concepção weberiana de valor estava ligada a uma idéia de tomada de posição que viesse a expressar em juízo sobre a ação humana em função de uma participação desta ação. Por outro lado, a idéia de juízo de fato ficava restrita a uma relação entre fenômenos, limitando-se ao terreno da constatação. Com isso, admitia que o investigador introduzia, na investigação, seus juízos de valor e o caráter subjetivo de seus pontos de vista, sem, no entanto, abrir mão do que, para ele, constituía o objetivo da investigação científica: "co

locar em evidência as relações causais, não arbitrárias e, portanto, objetivas entre os fenômenos"²⁹.

Weber pretende superar a visão passiva do pesquisador concebido como simples registrador de dados e copiador de fatos "objetivos". Também não aceita a visão do pesquisador como "mero veículo para a introdução de tais ou quais 'visões de mundo' nos resultados da pesquisa"³⁰. Não pode conceber a ciência totalmente despossuída de pressupostos, mas acredita que a validade do conhecimento será medida em sua confrontação com o real e com o saber acumulado historicamente.

A "solução" encontrada por ele para tal questão caracteriza os valores e os pontos de vista como determinantes apenas na argumentação da investigação e, de acordo com Löwy, das seguintes formas: influenciando na escolha do objeto de conhecimento; orientando a direção da investigação empírica; determinando o que é fundamental e secundário e conformando a referência teórica e as questões de pesquisa.

Isso vem explicitar "os padrões de valor com que se mede a realidade e a partir dos quais se deduzem os juízos de valor"³¹, geradores da problemática e das questões da pesquisa. A sua "fórmula" compreendia uma posição de dupla face: os valores comandam a concepção e a formulação da investigação, mas as respostas, o tratamento da base empírica devem ser "objetivos", isto é, corresponder às exigências de neutralidade axiológica, ou seja, sem julgamentos de valor.

Assim, um primeiro momento se constituiria numa instância subjetiva, daí passando a um segundo, o da instân-

cia objetiva.

Para obter esta "objetividade" desejável, ele recupera o "aparelho de precauções" que Durkheim, com base no modelo das ciências naturais, havia formulado para se "produzir" conhecimento científico.

Weber aponta a necessidade de ampliar os controles científicos sobre o processo investigativo, incluindo nele, fundamentalmente, o controle sobre o próprio cientista, e coloca, para o intelectual profissional, a exigência de "conservar sempre a mente serena e o sangue frio face a todos os ideais, mesmo aos mais majestosos que dominam determinada época, e de 'nadar com a corrente', se necessário for"³².

Essa influência dos valores sobre o produto do conhecimento vai criar infinitas possibilidades de variação dos pontos de vista a partir dos quais um problema pode ser estudado. Assim, cada cientista social poderá oferecer apenas um conhecimento parcial sobre determinado fenômeno, apontando dimensões, enfoques e aspectos relevantes do problema. Segundo Julien Freund, "é o conjunto de todos os pontos de vista possíveis que, precisamente, nos permite fazer uma idéia tão exata quanto possível de um problema"³³.

Nessa linha de entendimento, Weber estaria caracterizando a impossibilidade de, a partir de apenas um ponto de vista, se poder chegar à verdade. Também não acreditaria no fato de a verdade poder ser obtida por síntese ou média de posições distintas. Enfim, estaria, praticamente, inviabilizando a possibilidade de se ter uma visão da totalidade histórica de um acontecimento.

Notas

¹ Em Descartes aparece, entre outras, a idéia de que não se pode conhecer, em princípio, nenhuma verdade que não seja imediatamente evidente.

O conceito de evidência, no racionalismo cartesiano, era distinto da interpretação dada a ele pelo Positivismo. Segundo Marcuse, em "Razão e Revolução", "o racionalismo afirmava que o fundamento da evidência teórica e prática era a liberdade do sujeito pensante", enquanto, para o Positivismo, essa evidência é produto da observação científica, ou seja, de um sujeito da percepção.

² COMTE, Augusto. Curso de filosofia positiva. In: —. Comte. São Paulo, Ed. Nova Cultural, 1988, p. 8. (Coleção Os Pensadores).

³ Entende-se utopia como "representações, aspirações e imagens - de - desejo que orientam na direção da ruptura da ordem estabelecida e que exercem uma função subversiva", em contraposição à ideologia como forma de pensamento orientada para a reprodução da ordem estabelecida. Essas considerações se encontram em LOWY, Michael. As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münckhausen. São Paulo, Ed. Busca Vida, 1987, p. 10.

- ⁴ ENGELS, F. Do socialismo utópico ao socialismo científico. 9.ed., São Paulo, Ed. Global, 1988, p. 15.
- ⁵ NISBET, Robert. La formación del pensamiento sociológico. Vol. 1, Buenos Ayres, Amorrotu ed., 1969, p. 37.
- ⁶ Idem, ibidem, p. 37.
- ⁷ HOBBSBAWN, Eric J. A era das revoluções (1789-1848). 6.ed., Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1988, p. 17.
- ⁸ Idem, ibidem, p. 20.
- ⁹ "LÖWY, Michael. Método dialético e teoria política. 3.ed., Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1985, p. 11.
- ¹⁰ COMTE, A. Op. cit., p. 7.
- ¹¹ MARCUSE, Herbert. Razão e revolução. Rio de Janeiro, Ed. Sa-
ga, 1969, p. 310.
- ¹² MORAIS FILHO, Evaristo. Introdução. In:—. Comte. São Paulo, Ed. Ática, 1983, p. 31.
- ¹³ "LÖWY, Michael. As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Munckhausen. Op. cit., p. 24.
- O autor, para elucidar o caráter ideológico desse natura-

lismo positivista expõe toda uma reflexão que demonstra o quão indispensável foi esse princípio para a concentração de riquezas e relaciona-o a outro princípio positivista, o da resignação, como mecanismo de fazer o proletariado aceitar tal "lei natural".

¹⁴ "É apaixonante observar como o conceito (de lei social natural) que havia servido de instrumento revolucionário por excelência, no século XVIII, que esteve no coração da doutrina política dos insurretos de 1789, altera o seu sentido no século XIX, para se tornar, com o positivismo, uma justificação científica da ordem social estabelecida".

"LOWY, Michael. Op. cit., 1987, p. 26.

¹⁵ MARCUSE, H. Op. cit., p. 312.

¹⁶ COMTE, Augusto. Dinâmica social. In: MORAIS FILHO, E. Op. cit., p. 134.

¹⁷ DURKHEIM, Émile. O que é fato social? In: RODRIGUES, José Albertino (org.). Durkheim. 4.ed., São Paulo, Ed. Ática, 1988, p. 52.

¹⁸ DURKHEIM, Émile. As regras do método sociológico. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1987, p. 14.

¹⁹ DURKHEIM, E. Op. cit., 1987, p. 41.

²⁰ Idem, ibidem, p. 17.

Comte havia feito esse reconhecimento, mas, ao aplicá-lo como princípio produtor da ciência, assumiu as idéias como objeto de estudo.

²¹ Idem, ibidem, p. 125.

²² Idem, ibidem, p. 123.

²³ Idem, ibidem, p. 123.

²⁴ Idem, ibidem, p. 124.

²⁵ DURKHEIM, Émile. Julgamentos de valor e julgamentos de realidade. In: RODRIGUES, José Albertino (org.). Op. cit., p. 53. A propósito, gostaria de ressaltar ainda, em Durkheim, o início de seu escrito "Julgamentos de valor e julgamentos de realidade", onde define o que entende por esses conceitos, sem, entretanto, dar a eles o tratamento posteriormente dado por Weber: "Quando dizemos que os corpos são pesados, que o volume dos gases varia na razão inversa da pressão que sofrem, nós formulamos julgamentos que se limitam a exprimir determinados fatos. Eles enunciam aquilo que existe e, por essa razão, nós os chamamos julgamentos de existência ou de realidade.

Outros julgamentos têm por objeto não aquilo que as coisas são, mas aquilo que elas valem em relação a um sujeito cons

ciente, o valor que este último a elas atribui; a esses dá-se o nome de julgamento de valor".

²⁶ "LOWY, M. Op. cit., 1987, p. 33.

²⁷ VINCENT, Jean-Marie. La metodologia de Max Weber. Barcelona, Ed. Anagrama, 1972, p. 7.

²⁸ Idem, ibidem, p. 7.

²⁹ Idem, ibidem, p. 8.

³⁰ WEBER, Max. In: COHN, Gabriel (org.). Coleção Sociologia. São Paulo, Ed. Ática, 1986, p. 22.

³¹ WEBER, Max. Sobre a teoria das ciências sociais. 3.ed., Lisboa, Ed. Presença, 1979, p. 25.

³² WEBER, Max. Op. cit., 1979, p. 192.

³³ FREUND, Julien. Sociologia de Max Weber. 4.ed. Rio de Janeiro, Ed. Forense Universitária Ltda., 1987, p. 44.

3

APROXIMANDO-SE DAS FONTES: IDÉIAS DE MARX, NO TEMPO DE MARX

O clareamento de algumas dimensões da obra de Marx que sofreram distorções de leituras "positivistas" só pode ser feito retomando-se momentos de sua obra, em que essas questões são colocadas, abrangentemente, buscando-se, assim, repor a perspectiva de totalidade rompida. Apesar de todas as limitações da minha própria leitura, parece-me que o caminho proposto por Marx só pode ser conhecido através de uma aproximação cada vez mais íntima aos seus escritos diretos.

A reflexão, neste capítulo, pretende resgatar questões anteriormente trabalhadas, consideradas, agora, em seu ponto de origem — as idéias de Marx, no tempo de Marx. O esforço deste trabalho estaria na tentativa de buscar, nos escritos diretos de Marx, algumas passagens que venham clarear a sua posição com relação a aquelas questões e que coloquem, o mais amplamente possível, o significado que puderam ter no momento em que foram explicitadas.

A primeira distorção apontada — a visão do Marxismo como teoria do conhecimento, desvinculando-o de sua relação com os processos de transformação da sociedade —, assim como a segunda — o Marxismo reduzido à explicação de leis da sociedade, com base na supervalorização da determinação econômica, ocultando o poder da ação consciente dos homens sobre a realidade — remetem ao entendimento de questões centrais dentro da proposta de Marx. São questões ligadas à relação originária de sua contribuição com o processo de surgimento e avanço da classe operária, tendo em vista a transformação da sociedade, e, como desdobramento dessa perspectiva, a visão do desenvolvimento da sociedade burguesa, revelando como se estabeleceu a concepção de construção de conhecimento em Marx.

O desenvolvimento da sociedade burguesa veio libertar as forças produtivas que, no feudalismo, se encontravam impossibilitadas de se desenvolver. Essa impossibilidade relacionava-se, fundamentalmente, com o impedimento do trabalho livre, ou seja, domínio absoluto do senhor feudal sobre o trabalho e sobre a produção, consequentemente impedindo a acumulação, em larga escala, da riqueza. Assim, a bur

guesia, ao lutar contra o feudalismo, lutou por um maior desenvolvimento das forças produtivas.

A propósito, afirma Engels:

"A burguesia destruiu o sistema feudal e sobre os seus destroços edificou a ordem social burguesa, universo da livre-concorrência, da liberdade de movimento, da igualdade jurídica dos possuidores de mercadorias e outros esplendores burgueses. O modo de produção capitalista podia agora progredir livremente."¹

Nesse sentido, a produção individual, baseada no trabalho pessoal, portanto na propriedade privada dos meios de produção por parte de quem os produzia — os trabalhadores —, foi sendo transformada de "meios limitados em poderosas forças produtivas", através da cooperação simples, da manufatura e da grande indústria. Os meios de produção individuais tornam-se meios de produção sociais "utilizáveis somente por um conjunto de homens". Do mesmo modo que os meios de produção se tornam coletivos, a própria produção também se transforma em uma "sucessão de atos coletivos" e, dessa forma, os produtos se convertem em produtos sociais. Entretanto, ainda que os produtos fossem resultado de um trabalho coletivo, foram considerados como se ainda continuassem a ser individuais: "Assim, os produtos que agora eram criados socialmente não foram apropriados por quem acionara os meios de produção, mas pelo capitalista"². Esta é a contradição básica do capitalismo — contradição entre a produção social e a apropriação privada dos meios de produção e do excedente por parte do capitalista. Com

isso, os meios de produção e o próprio produto resultado do trabalho individual foram perdendo valor, levando, assim, o pequeno produtor a assalariar-se junto ao capitalista.

Como desdobramento desse modo peculiar de desenvolvimento das forças produtivas, o capitalismo gera e faz crescer em seu seio uma nova classe — o proletariado. O seu surgimento é um "mal necessário" para a reprodução e acumulação do capital, pois o desenvolvimento do capitalismo, ou seja, a acumulação do capital está baseada na exploração do trabalho, na apropriação da mais-valia.

Conseqüentemente, estabelece-se um conflito antagônico entre a burguesia e o proletariado, entre as exigências dos trabalhadores de uma maior participação no excedente da produção e a necessidade do capitalismo que, para acumular, quer restringir ao mínimo essa participação.

Essa luta de interesses, isto é, o processo de luta de classes entre o proletariado e a burguesia levou, necessariamente, o primeiro à exigência de explicação e à tomada de consciência do processo. O desenvolvimento da luta de classes se dá por um movimento de ação e reflexão; e essa reflexão, do ponto de vista do proletariado, necessitava ser feita. Uma reflexão que iria explicar todo o curso da luta de classes, o processo de desenvolvimento da sociedade e, portanto, de desenvolvimento do próprio capitalismo sob a ótica dos trabalhadores. A busca da explicação não se daria, como o fizeram os economistas burgueses, pela perspectiva do capitalismo, mas seria a tentativa de explicação segundo a visão dos trabalha-

dores. Como o capitalismo começava a ter um certo grau de desenvolvimento, havia condições de apropriação dessa realidade - só não se tem condições de explicar a exploração enquanto ela não está desenvolvida. Estavam dadas, portanto, as condições: a existência do fenômeno, ou seja, o início do desenvolvimento do processo de acumulação do capital e, em consequência, do processo de desenvolvimento do capitalismo.

Esse processo só poderia ser descoberto e explicado estudando-se o conjunto do desenvolvimento da produção capitalista. Tratava-se, basicamente, de explicar e avançar sobre o conteúdo da produção do excedente econômico. Diz-se avançar, porque os teóricos da economia política burguesa tinham, como referencial de explicação, a premissa de que era o lucro que permitia a acumulação do capital e, por isso, esse lucro advinha, fundamentalmente, do processo de troca, ou seja, do processo de circulação da mercadoria. Essa explicação escondia a essência do processo de produção de lucro: a própria exploração do trabalho. Marx desvendou esse mistério, mostrando que o movimento de circulação é, simplesmente, a operação de realização da mais-valia. É, pois, no processo de produção da mais-valia que nasce o lucro, que se origina do excedente apropriado pelo capital. Para ele, o valor da mercadoria já contém, em si, o capital constante - desgaste da maquinaria, das instalações, da matéria-prima, etc. -, o capital variável - pagamento da força de trabalho - e a mais-valia. Isso significa que, ao sair do processo de produção, a mercadoria já traz incorporado todo esse excedente e essa mais-valia. Assim, o pro

cesso de circulação é, realmente, apenas o processo de sua realização. O desvendamento de tal situação coloca a nu que o desenvolvimento do capitalismo está baseado na exploração do trabalho e que o capital, para se desenvolver, necessita manter essa exploração. Por isso, a burguesia não tem interesse nesse desvendamento e, ainda, luta para a não-mudança das relações de produção, pois esta significaria o fim de seu domínio. Significaria, em suma, acabar com todos os valores burgueses — a concepção do indivíduo como essência da sociedade, a apropriação privada da riqueza, a exploração do trabalho, entre outros. E, na medida em que só a extinção dessas relações de produção capitalistas poderia desencadear maior desenvolvimento das forças produtivas, a burguesia se torna conservadora, impedindo esse desenvolvimento e forçando, de todas as formas, a manutenção das relações de produção vigentes.

É nesse contexto que surge uma nova teoria social, expressão da classe trabalhadora, articuladora do conhecimento/desvendamento da sociedade burguesa. Marx vem expressar o ponto de vista dessa classe, encarando a sociedade burguesa como seu objeto de estudo e intervenção, tendo em vista a sua supressão.

A necessidade de conhecimento dessa sociedade pelo proletariado vem, portanto, junto com a necessidade de transformá-la. Nesse sentido, o vínculo da teoria marxista com a revolução não é apenas circunstancial: "por sua essência ela é a expressão pensada do próprio processo revolucionário", afirma Lukács. E, continua o mesmo autor,

"a essência metodológica do materialismo histórico não pode, pois, ser separada da 'atividade crítica prática' do proletariado - ambas são momentos do mesmo processo de evolução da sociedade. Assim, o conhecimento da realidade operado pelo método dialético não pode ser desvinculado do ponto de vista do proletariado."³

O surgimento e desenvolvimento do Marxismo está, as sim, intimamente vinculado à expressão dos interesses do proletariado, como instrumento teórico e crítico de conhecimento do ser social, comprometido com a sua transformação. Lukács sintetiza esse entendimento, afirmando:

"Quando se dá uma situação histórica na qual o conhecimento exato da sociedade vem a ser, para uma classe, a condição imediata da sua auto-afirmação na luta; quando, para esta classe, o conhecimento de si significa, simultaneamente, o conhecimento de toda a sociedade; quando, em consequência, para um tal conhecimento, esta classe é ao mesmo tempo sujeito e objeto, a teoria deste modo, intervindo imediate e adequadamente sobre o processo de revolução social - eis quando a unidade da teoria e da práxis, condição prévia da função revolucionária da teoria, torna-se possível."⁴

Em última instância, portanto, essa reflexão revela que a singularidade do materialismo histórico está intimamente vinculada à atividade prática do proletariado, significando que o conhecimento da realidade resultante do método dialético guarda, também, uma íntima vinculação com o ponto de vista do proletariado.

A questão de ver o Marxismo como ciência "pura", por um lado, e como "socialismo", por outro, é, pois, uma redução

que abandona a sua dimensão revolucionária, tornando-o um mero instrumento científico de conhecimento.

* * * * *

Marx resgatou contribuições da herança cultural de sua época para a formulação de sua obra, às quais, muitas vezes, deu um tratamento distinto. Assim, buscou, na filosofia alemã, na economia política inglesa e no socialismo utópico francês, a inspiração para o seu trabalho.

À concepção materialista, que foi a base da contra posição ao feudalismo impregnado nas instituições e nas idéias, nos fins do século XVIII, Marx acrescentou as influências da filosofia clássica alemã, fundamentalmente a de Hegel e, como consequência, a de Feuerbach⁵, no que se refere principalmente à dialética como

"a doutrina do desenvolvimento na sua forma mais completa, mais profunda e mais isenta de unilateralidade, a doutrina da relatividade do conhecimento humano, que nos dá um reflexo da matéria em constante movimento."⁶

O materialismo histórico é um avanço do materialismo filosófico, estendendo o conhecimento da natureza ao conhecimento da sociedade humana e mostrando a significação do desenvolvimento das forças produtivas no florescimento de uma forma de vida social superior, gestada na anterior forma.

Dos economistas ingleses, Marx continuou as refle-

xões sobre a teoria do valor-trabalho, destacando que o valor de uma mercadoria está determinado pela quantidade de tempo de trabalho socialmente necessário incorporado ao processo de sua produção.

A descoberta dessa possibilidade de determinação do valor pelo tempo de trabalho é "um mistério oculto sob os movimentos manifestos que afetam os valores relativos das mercadorias"⁷. Com isso, cai por terra a visão aparente de que o valor das mercadorias é algo fortuito.

Enquanto aqueles economistas viam, na troca das mercadorias, uma relação entre coisas, Marx demonstra que se trata de relações entre pessoas. Sobre isso, assim se expressa:

"O misterioso da forma mercantil consiste simplesmente, pois, que a mesma reflete ante os homens o caráter social de seu próprio trabalho como caracteres objetivos inerentes aos produtos do trabalho, como propriedades sociais naturais das citadas coisas e, portanto, em que também reflete a relação social que medeia entre produtores e o trabalho global, como uma relação social entre os objetos, existente à margem dos produtores."⁸

Isso significa que aquilo que aparece como uma relação entre coisas – relações "naturais", que têm seu próprio movimento social, ao qual se encontram submetidos os produtores, em lugar de o controlarem – são, ao contrário, relações eminentemente sociais travadas entre as pessoas e seus trabalhos. A essa inversão da relação que aparece como se fosse entre coisas, mas que ocorre, verdadeiramente, entre pessoas,

Marx chamou de fetichismo, e que considera inseparável da produção mercantil. É através desse fetiche, desse véu que recobre a compreensão do processo de produção, que o sistema capitalista perpetua a sua dominação. O fetiche que, conseqüentemente, envolve todas as formas que toma essa ligação entre pessoas, encobre o verdadeiro significado do dinheiro, do capital, ofuscando a visão da fonte do lucro e da riqueza - a mais-valia.

Do socialismo utópico, ou seja, das diferentes expressões socialistas que surgiram como contraposições ao sistema de exploração dos trabalhadores pela sociedade capitalista, Marx resgatou a idéia de resistência e de luta entre as classes, como fundamento e força motriz de todo o desenvolvimento.

Estudando a história universal sob a ótica da luta de classes, extraiu uma teoria, cujos princípios são: a explicitação da essência da diferença entre os interesses das classes; a possibilidade de resistência que as velhas estruturas têm; a necessidade de superação dessa resistência, através da organização, na luta, daqueles setores que, por sua situação social, formarão "a força capaz de varrer o velho e criar o novo"⁹.

Toda essa reflexão leva às três correntes de pensamento que alimentaram a obra de Marx, entretanto, não significa que ele apenas extraiu as bases filosóficas de seu pensamento do idealismo alemão. Segundo Henrique Lima Vaz, a sua segunda fonte de inspiração, o socialismo francês, é também

impregnado de filosofia. Para esse autor, o socialismo francês

"é o herdeiro da filosofia racionalista francesa do século XVIII, sobretudo da Ilustração e, além disso, traz consigo muitos elementos daquele movimento conhecido por a 'Ideologia', que floresceu na França nos inícios do século XIX. O socialismo francês lança, pois, raízes numa rica tradição filosófica que, evidentemente, chegou até Marx pelos caminhos da literatura socialista."¹⁰

Da mesma maneira, a economia política inglesa, que é "filha legítima do empirismo inglês", cuja significação filosófica sobrepassa a sua apresentação como uma "ciência empírica", também contribuiu como fonte filosófica para as formulações de Marx. E, como adverte Henrique Lima Vaz: "a economia política inglesa é toda penetrada pela tradição do empirismo inglês e se quisermos acompanhar sua genealogia, acabaremos chegando a Locke e à Moral utilitarista dos séculos XVII e XVIII"¹¹.

Ainda nesse texto, uma citação de Kolakowski amplia essa reflexão sobre a influência dessas correntes filosóficas na formulação das idéias de Marx e aponta os grandes temas que estão nas raízes de Marx: "o primeiro destes motivos é o Romantismo do qual o idealismo alemão não é senão um ramo. O Romantismo acentua o aspecto da organicidade do real, da interpretação dos seres numa totalidade vivente"¹².

Um outro desses temas ou motivos é um Prometeísmo, característico da tradição filosófica que se inicia no século

XVIII, a partir da Ilustração, que se expressa "no tema intelectual da reivindicação rigorosa e absoluta do homem como criador de si mesmo e de sua própria história"¹³.

O terceiro motivo se define "pela tradição do socialismo propriamente dito da Ilustração e do século XVIII". O pensamento de Marx, que recebe uma influência significativa dessa dimensão, caminha para conceber "ciência não só como instrumento de conhecimento da realidade, mas igualmente guia da história, da ação humana e, sobretudo, instrumento de prospecção e construção de um futuro melhor para o homem"¹⁴.

O que se vê, em suma, é que as formulações de Marx foram influenciadas por uma larga tradição europeia anterior, que teve sua expressão nessas três fontes apontadas: o idealismo alemão, a economia política inglesa e o socialismo francês. Essas influências marcaram decisivamente todo o desenvolvimento do pensamento de Marx.

Ainda como jornalista, enfrentou uma situação significativa que o pôs em contato, pela primeira vez, com problemas relacionados a interesses materiais e a problemas econômicos. Isso ocorreu, quando, no início de sua carreira como articulista da Gazeta Renana (1842-1843), Marx foi chamado para analisar a Dieta Renana que, em determinado momento, transformou o direito, adquirido pelos costumes, da coleta gratuita de lenha nos bosques em delito sujeito a punição. Em sua exposição, posicionou-se em defesa do campesinato e das normas consuetudinárias, afirmando que a assembleia política da região estava desrespeitando as leis geradas pelos costumes, em fun-

ção de interesses privados, contradizendo a idéia mesma de Estado. Este fato "aparentemente" simples, somando-se a outras discussões sobre o parlamento renano, levou-o a uma série de reflexões que constituíram o embrião de sua teoria da história — a concepção materialista da história. Esta concepção juntamente com a da mais-valia — apropriação de trabalho não-pago como o "segredo" do desenvolvimento do capitalismo — foram, segundo Engels, as duas grandes descobertas de Marx.

Pierre Villar destaca algumas questões que esse episódio evocou em Marx, ao clarear, para ele próprio, os seguintes pontos:

- "O direito define e hierarquiza os desvios entre a ação do indivíduo e os princípios da sociedade"¹⁵ (grifo meu). E esses princípios, porém, não são eternos e o legislador não legisla em abstrato.
- A definição jurídica da propriedade é de alçada dos proprietários.
- A imposição pela sociedade de uma visão de propriedade tão absoluta está ligada à comercialização do produto, à possibilidade de o produto se tornar rentável e de poder ser trocado por dinheiro. A propósito, esse autor esclarece que "o bem natural é apropriado quando se torna mercadoria" e retoma de Marx a afirmativa de que: "a natureza do objeto exige o monopólio, já que o interesse da propriedade privada o descobriu".
- A nova sociedade burguesa estava impondo uma razão legisladora e eliminando muitas das ações permitidas pelo direito

consuetudinário. A sociedade feudal anterior havia feito algo similar, sem ter sido irracional, como, muitas vezes, imaginara, revelando, portanto, a sua própria racionalidade. Ou seja, cada sociedade impõe, em cada momento histórico, a sua própria racionalidade.

- O Estado não é um Estado abstrato, mas dominado, apoderado por uma classe que exclui de sua organização a classe subordidinada.

Essas constatações levaram Marx a caracterizar as relações jurídicas e, conseqüentemente, o Estado como vinculados às condições materiais de existência e impossibilitados de ser explicados pela "evolução geral do espírito humano". Mais tarde, ele esclarece que

"estas relações têm, ao contrário, suas raízes nas condições materiais de existência, em sua totalidade, relações estas que Hegel, a exemplo dos ingleses e franceses do século XVIII, compreendia sob o nome de 'sociedade civil'. A anatomia da sociedade civil deve ser buscada na economia política."16

Os resultados dessas observações sobre a sociedade civil - a sociedade burguesa - orientaram para o que seria a sua concepção materialista da história e se tornaram um "guia" para seus estudos posteriores. Tais resultados estão contidos, resumidamente, no seguinte texto:

"Na produção social da própria existência, os homens entram em determinadas relações, necessárias, independentes de sua vontade;

estas relações de produção correspondem a um grau determinado de desenvolvimento de suas forças produtivas materiais. A totalidade dessas relações de produção constitui a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se eleva uma superestrutura jurídica e política e à qual correspondem formas sociais determinadas de consciência. O modo de produção da vida material condiciona o processo de vida social, política e intelectual. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser; ao contrário, é o seu ser social que determina a sua consciência. Em certa etapa de seu desenvolvimento, as forças produtivas materiais da sociedade entram em contradição com as relações de produção existentes, ou, o que não é mais que sua expressão jurídica, com as relações de propriedade no seio das quais elas se haviam desenvolvido até então. De formas evolutivas das forças produtivas que eram, essas relações convertem-se em entraves. Abre-se, então, uma época de revolução social."17

Essas "idéias-guia" continuam e explicam ainda: a relação de mútua transformação da base econômica e da superestrutura; a relação entre a consciência e as contradições da vida material, o que leva a explicá-la "pelo conflito que existe entre as forças produtivas sociais e as relações de produção"; o fato de uma sociedade só esgotar seu "ciclo vital" quando tiver desenvolvido todas as forças produtivas que a compõem; e a conclusão de que as novas relações de produção foram "incubadas" no próprio bojo da sociedade que desaparece. Nesse sentido, enfatiza o filósofo,

"a humanidade não se propõe nunca, senão os problemas que pode resolver, pois, aprofundando a análise, ver-se-á sempre que o



próprio problema só se apresenta quando as condições materiais para resolvê-lo existem ou estão em vias de existir."18

Enfim, Marx termina esse "guia", anunciando que "as relações sociais burguesas são a última forma antagônica do processo de produção social". Com o término dessa formação social, chegaria ao fim a pré-história da sociedade humana.

Algumas reflexões e detalhamentos desse "guia" são fundamentais para o presente trabalho, uma vez que nele se definem algumas bases da teoria e método da concepção materialista da história.

Uma primeira questão, diz respeito ao primado da produção. Marx considera que esse é o primeiro pressuposto da existência humana, pois para fazer a história é necessário ter condições de viver — beber, comer, ter habitação, entre outras —, é necessário, portanto, produzir a própria vida. A propósito, afirma que:

"o primeiro ato histórico desses indivíduos, através do qual se distinguem dos animais, não é o fato de pensarem, mas sim o de produzirem os seus meios da existência. (...) Pode-se referir a consciência, a religião e tudo o que se quiser como distinção entre os homens e os animais; porém esta distinção só começa a existir quando os homens iniciam a produção dos seus meios de vida, passo em frente que é consequência da sua organização corporal. Ao produzirem os seus meios de existência, os homens produzem indiretamente a sua própria vida material."19

Essa concepção da história baseia-se no desenvolvi-

mento, na trajetória do processo real da produção, tendo como ponto de partida a produção material da vida imediata.

Marx avança essa reflexão sobre o significado da produção na "produção da vida", ressaltando:

"A forma como os indivíduos manifestam a sua vida reflete muito exatamente aquilo que são. O que são coincide, portanto, com a sua produção, isto é, tanto com aquilo que produzem como com a forma como produzem. Aquilo que os indivíduos são depende, portanto, das condições materiais da sua produção."²⁰

Com isso, explica a construção das idéias a partir da instância onde se dão as formas de produção e reprodução da existência humana. Assim,

"chega, conseqüentemente, à conclusão de que todas as formas e produtos da consciência podem ser resolvidos, não por meio da crítica intelectual, pela redução à 'consciência de si' ou pela metamorfose em 'aparições de almas do outro mundo', em 'fantasmas', em 'loucas fantasias' etc., mas unicamente pelo desabamento prático das relações sociais concretas de onde nasceram essas frivolidades idealistas."²¹

Em última instância, Marx quer ressaltar a íntima relação entre forças produtivas — natureza, meios de produção e força de trabalho — e as relações sociais de produção, conformando o modo de produção peculiar do capitalismo e determinando, portanto, a produção da riqueza material da sociedade e, conseqüentemente, todas as instâncias da vida do indivíduo e da sociedade. Daí, a sua preocupação com a categoria es

sencial para a análise do capitalismo — o valor.

Toda essa questão coloca-se como uma lei da vida social, que, segundo Marx, é a forma através da qual a sociedade se desenvolve e opera semelhantemente às leis da natureza.

A comparação com as leis da Física e da Biologia se deve a que, na sociedade, tais leis, na medida em que se desenvolvem à revelia da consciência dos homens, terminam operando como as leis da natureza. O caráter de lei está, ainda, relacionado com a força como elas "obrigam" o indivíduo — "elas se impõem aos seres humanos com a mesma e inexorável necessidade de uma avalanche ou de um tufão"²².

O capitalismo cresce devido à anarquia da produção e seu desenvolvimento se dá à margem da consciência que o homem tenha sobre ele. Não há uma relação consciente, planejada, pois o todo é formado por várias partes independentes que se desenvolvem, por vezes, à revelia da totalidade, concorrendo umas com as outras. A produção social é regulada, controlada, não diretamente pelos homens, mas pela mercadoria. Esse controle realiza-se através dos mecanismos de mercado, em que todos se encontram de forma anárquica, desordenada. A produção não guarda uma relação direta, básica, com as necessidades da sociedade, mas com a capacidade de consumir dessa sociedade. É, nesse sentido, de algo que se desenvolve "independentemente" do homem, que se coloca a questão da comparação das leis da sociedade com as leis da natureza, ainda que o homem tenha cada vez mais controle sobre esta.

Esse modo de ver implica que, enquanto existir o ca

pitalismo, estão inviabilizadas as condições de uma intervenção global consciente, porque isso significaria destruí-lo, acabar com a forma que propicia o equilíbrio do processo global de produção, e eliminar os mecanismos de mercado. Em última instância, significaria a destruição das relações capitalistas de produção, o fim da propriedade privada dos meios de produção e a apropriação privada dos excedentes da produção.

Por outro lado, a contradição do processo de produção entre forças produtivas e relações sociais correspondentes vai gerando consciência do processo de exploração. O homem ao tomar consciência desse processo e das leis histórico-sociais que o geram, cria a possibilidade de intervenção nele.

A esse respeito, como já se disse anteriormente, Engels esclarece:

"As forças ativas da sociedade atuam, enquanto não as conhecemos e contamos com elas, exatamente como as forças da natureza: de modo cego, violento e destruidor (...). Em troca, assim que penetramos na sua natureza, essas forças, postas nas mãos dos produtores associados, converter-se-ão de tiranos demoníacos em servas submissas."²³

Essa "comparação" com as leis da natureza pode ser uma das causas responsáveis pela distorção da leitura da concepção de Marx sobre a transformação da sociedade, considerada uma concepção determinista, como se o desenvolvimento da sociedade fosse resultado automático e de um único fator — a

determinação econômica. Essa concepção minimiza a dialética sujeito/objeto no processo de construção do ser social plasma do pela atividade humana.

Com base nessa primeira questão, Marx define alguns princípios:

1. Que "os homens que, desenvolvendo a sua produção material e as suas relações materiais, transformam, com esta realidade que lhes é própria, o seu pensamento e os produtos desse pensamento"²⁴. Não é, pois, a consciência que determina a vida, como acreditavam os filósofos idealistas alemães, mas a vida que determina a consciência. Aqui, a vida é entendida como a totalidade do ser social que produz determinados conteúdos de consciência. Essa determinação não é vista somente como resultado da estrutura econômica, numa relação causal direta entre economia e ideologia, o que se constituiu na deformação vulgar do Marxismo, que teve início na época da II^a In-ternacional e se desdobrou posteriormente²⁵.

Opondo-se ao idealismo, Marx quer eliminar o carã-ter idealista que está impregnado na afirmação de que "os ho-mens fazem a história", assumindo uma perspectiva materialis-ta²⁶, que, no entanto, não é passiva, empiricista, no sentido psitivista do termo, mas que resgata a ação dos homens. Nesse sentido, Engels faz uma distinção entre "história da nature-za", exterior à ação humana, e a "história dos homens", que é a "interação entre homens e natureza". E, a propósito, de-senvolve a seguinte reflexão:

"A história do desenvolvimento da sociedade difere substancialmente, num ponto, da história do desenvolvimento da natureza. Nesta - se excluimos a reação exercida, por sua vez, pelos homens sobre a natureza - o que existe são fatores inconscientes e cegos que atuam uns sobre os outros e em cuja ação recíproca se impõe a lei geral (...) em troca, na história da sociedade, os agentes são todos os homens dotados de consciência que atuam sob o impulso da reflexão e da paixão, buscando determinados fins."²⁷

Com isso, fica preservada, também, a intervenção do homem histórico concreto. Portanto, o movimento de produção da vida material/pensamento obedece à direção realidade/representação/realidade, não podendo ocorrer o contrário.

Esta é uma característica fundamental da dialética marxista: a consciência é produto do ser social e, a partir dessa consciência, o homem intervém para modificar a realidade, que, primeiramente, gerou sua própria consciência. O conhecimento da realidade não é, pois, mero reflexo da realidade no pensamento. Ao captá-la, o homem a retém e elabora, utilizando como elemento dessa elaboração um conhecimento acumulado. Assim, a síntese da relação entre realidade e pensamento é superior à simples transposição mecânica da realidade para o pensamento.

Nessa mesma perspectiva, Florestan Fernandes expressa a preocupação de Marx e Engels em operar com totalidades:

"As estruturas econômicas e sociais não 'se refletem', apenas, elas também se objetivam e materializam ao nível dos acon-

ecimentos e dos agentes do drama histórico, (...) do mesmo modo, os acontecimentos e os agentes do drama histórico não são, apenas, 'determinados pela base econômica e social' (pois este não é um engenho auto-suficiente), eles concentram e desencadeiam forças que preservam ou alteram aquela 'base'."28

2. O desenvolvimento do capitalismo implica, ele mesmo, o surgimento de uma classe, que resulta da negação das relações sociais existentes. O crescimento dessa classe se explica pelo desenvolvimento das forças produtivas, baseado nas relações capitalistas de produção – apropriação privada do excedente da produção – que tendem a chegar a um momento de contradição insolúvel. Essa contradição, como se colocou no início deste capítulo se expressa pelo fato de que as forças produtivas são cada vez mais caracterizadas pela socialização da produção – isso significa, entre outros pontos, que a produção é feita de forma cooperativa e que existe uma maior especialização da força de trabalho, o que leva a uma maior dependência do capital a essas forças produtivas –, enquanto a apropriação do produto do trabalho se mantém privada. Essa consideração significa, por um lado, que a concentração cada vez maior do capital representa, também, um aumento quantitativo e qualitativo da classe operária e, por outro, que os meios de produção e de apropriação do excedente continuam sujeitos a relações de produção privadas.

É, pois, no seio dessa classe alijada da propriedade dos bens da sociedade que se estabelecerão as condições para o desenvolvimento da consciência da necessidade de trans-

formação radical dessa mesma sociedade.

3. A classe dominante de uma sociedade determina as condições da utilização das forças produtivas. Assim, vê-se que, cada momento de desenvolvimento dessas forças produtivas, se constitui em base da dominação de uma determinada classe. O poder social da classe dominante, geralmente, vai-se expressar sob a forma de Estado, que é peculiar a cada momento. Com essa visão, Marx se opõe à idéia de Estado como representante de toda uma população.

4. Uma transformação fundamental, revolucionária, da sociedade passaria por suprimir o modo de produção anterior. "Não é a Crítica mas sim a revolução que constitui a força motriz da história, da religião, da filosofia ou de qualquer outro tipo de teorias", coloca Marx²⁹. São, pois, novamente as condições de vida que cada geração encontra e cria que vão levar ao "abalo revolucionário". Essas condições materiais são, uma vez mais, de duas ordens: por um lado, as diferentes forças produtivas e, por outro, a formação de uma massa revolucionária que luta, combatendo não somente as condições particulares de vida da sociedade, mas, em última instância, o próprio modo de produção.

Marx e Engels sintetizam essas questões, que expressam a sua própria concepção da história, ressaltando que esta

"tem portanto como base o desenvolvimento do processo real da produção, concretamente a produção material da vida imediata; concebe a forma das relações humanas ligada a este modo de produção e por ele engendrada, isto é, a sociedade civil nos seus diferentes estádios, como sendo o fundamento de toda a história. Isto equivale a representá-la na sua ação enquanto Estado, a explicar através dela o conjunto das diferentes produções teóricas e das formas de consciência, religião, moral, filosofia, etc., e a acompanhar o seu desenvolvimento a partir destas produções; o que permite naturalmente representar a coisa na sua totalidade (e examinar ainda a ação recíproca dos seus diferentes aspectos)."30

Toda essa exposição revela o tratamento que Marx deu a questões fundamentais para a compreensão da sociedade burguesa como uma totalidade em constante mutação — objetivo último de sua análise. A concepção que está aí subjacente é a de que "explicar a realidade, é não só descobrir os nexos que constituem a realidade, mas ajudar essa realidade a se constituir. Portanto, o pensamento empuxa o real, entra na constituição do real"31.

Um trabalho de complexa reflexão levou-o a desvendar um real que é o modo capitalista de produção, captando de terminações, facetas, que não estavam postas ao nível do visível, dos fatos empíricos. O conhecimento do real em seu movimento é um pré-requisito para o avanço do proletariado, "em outras palavras: a verdade é uma arma de seu combate, que corresponde a seu interesse de classe e sem a qual ele não pode prosseguir"32.

No que se refere à sua visão de conhecimento da rea

lidade, ele desenvolve, ainda, outras questões, em "O método da economia política", que merecem atenção:

- Todo conhecimento "aparentemente" começa com o real. No entanto, esse real é pura abstração, se não é localizado em todos os desdobramentos que contém. Em exemplo citado por Marx, uma população a ser conhecida, se constitui numa abstração se não é vinculada progressivamente às classes, ao trabalho assalariado, ao capital, à troca, à divisão do trabalho, valor, preços, etc.
- Uma investigação baseada numa visão empiricista, do visível, do que é dado, não capta a realidade social, levando a conceitos fragmentados, abstratos. Como afirma Marx:

"Se começasse, portanto, pela população, elaboraria uma representação caótica de todo e por meio de uma determinação mais estrita, chegaria analiticamente, cada vez mais, a conceitos mais simples; do concreto representado, chegaria a abstrações (universalidades) cada vez mais tênues, até alcançar as determinações mais simples. Chegando a este ponto, teria que voltar a fazer a viagem de modo inverso, até dar de novo com a população, mas desta vez não como uma representação caótica de um todo, porém como uma rica totalidade de determinações e relações diversas."³³

Sinteticamente, pode-se depreender do exposto:

- O concreto é concreto porque é síntese de múltiplas determinações, isto é, "unidade do diverso". Portanto, o real só se torna concreto quando entendido nas relações que o geraram, caso contrário, sem determinações, o mundo ficaria reduzido ao conjunto dos fenômenos, podendo apenas ser descrito.

- A esfera do concreto é o pensamento e é resultado, não é ponto de partida, embora "seja o verdadeiro ponto de partida", isto é, ele é o ponto de início da intuição e da representação. Por exemplo, a mais-valia é concreto pensado. Ela está no real, mas não se desprende da simples observação empírica. Ela é produto da reflexão, que tem seu ponto de origem na mercadoria, e é ponto de partida para a compreensão do modo capitalista de produção.
- O modo de apropriar-se da realidade consiste em elevar-se do abstrato ao concreto por meio do pensamento, não a partir do trabalho da intuição e da representação originária no real, porém a partir de conceitos mais simples já disponíveis com anterioridade. Isso caracterizaria o movimento científico do conhecimento - a sua dimensão teórica e o retorno ao real, considerando-o como uma totalidade rica de determinações, construída no pensamento.
- As categorias são produtos da sociedade que as engendra, em dado momento de seu desenvolvimento. Assim, "as categorias simples são a expressão de relações nas quais o concreto menos desenvolvido tem podido se realizar sem haver estabelecido ainda a relação mais complexa"³⁴. A construção da explicação da categoria está ligada às possibilidades do conhecimento em cada momento histórico, expressando "formas de vida, determinações de existência". As categorias simples ou complexas expressam, pois, as relações dominantes de um todo que poderá ser mais ou menos desenvolvido, como, no processo histórico real, as leis do pensamento abstrato se ele

vam "do mais simples ao mais complexo". A categoria trabalho, por exemplo, que tem sua existência original na antigüidade, é, entretanto, "uma categoria tão moderna como o são as relações que engendram esta abstração"³⁵. As modificações que tornaram complexa essa categoria estão ligadas a modificações sofridas pelo trabalho na vida real, como meio de produção de riqueza. O entendimento num grau mais complexo significa entender o mais simples. A sociedade burguesa, segundo Marx,

"é a organização histórica da produção mais desenvolvida, mais diferenciada. As categorias que exprimem suas relações, a compreensão de sua própria organização a tornam apta para abarcar a organização e as relações de produção de todas as formas de sociedade desaparecidas, sobre cujas ruínas se acha edificada."³⁶

Somente se pode conhecer uma forma inferior conhecendo-se a superior, assim como Marx acrescenta jocosamente, "a anatomia do homem é a chave da anatomia do mono". A produção superior, mais desenvolvida, predomina sobre as demais e determina o peso de todas as coisas. Portanto, na sociedade burguesa, "o capital é a potência que domina tudo. Deve ser o ponto inicial e ponto final a ser desenvolvido(...)." ³⁷ O conhecimento da realidade da sociedade obedece, pois, a uma ordenação categorial que não corresponde ao seu desenvolvimento histórico. Ela deve seguir uma ordenação teórica relacionada à sua significação "dentro de uma sociedade mais complexa". Assim, no caso da sociedade capitalista, passa do entendimento das determinações mais abstratas — que aparecem em quase to-

das as formas de sociedade – às categorias que marcam especificamente a sociedade burguesa e sua "organização interior", alicerçada nas classes sociais, ou seja, vai de capital, trabalho assalariado, propriedade fundiária, etc. até Estado e relações entre as nações e mercado mundial.

Notas

¹ ENGELS, Friedrich. O socialismo científico. In: NETTO, José Paulo (org.). Engels. São Paulo, Ed. Ática, 1981, p. 148.

² Idem, ibidem, p. 150.

³ LUKÁCS, Georg. O marxismo ortodoxo. In: NETTO, José Paulo (org.). Georg Lukács. São Paulo, Ed. Ática, 1981, p. 83.

⁴ Idem, ibidem, p. 61.

⁵ Marx recupera, ainda, de Feuerbach a sua preocupação de distinguir entre objetos sensíveis e objetos do pensamento. O materialismo de Feuerbach, querendo combater o pensamento idealista abstrato, considera que "a matéria não é produto do espírito e o próprio espírito não é mais que o produto supremo da matéria", mas não reconhece a "atividade coletiva humana como uma atividade objetiva". Marx contrapôs-se à

posição de Feuerbach, afirmando que o materialismo intuitivo deste apenas chega "à percepção dos indivíduos isolados da 'sociedade civil', esquecendo que a realidade, as circunstâncias são modificadas pelo homem". Na contraposição a essa questão, ganhou significado a 11^a tese de Marx contra Feuerbach: "Os filósofos não fizeram mais que interpretar o mundo de forma diferente, trata-se porém de modificá-lo".

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. "Teses sobre Feuerbach" e "Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã". In: Textos. São Paulo, Ed. Sociais, 1977, p. 120 e 92, respectivamente.

⁶ LENINE, V.I. Obras escolhidas 1. 3.ed. São Paulo, Ed. Alfa-Omega, 1986, p. 36.

⁷ MARX, Karl. O capital. 16.ed. México, Ed. Siglo XXI, 1987, Tomo I, p. 92.

⁸ Idem, *ibidem*, p. 88.

⁹ LENINE, V.I. *Op. cit.*, p. 39.

¹⁰ VAZ, Henrique Lima. Sobre as fontes filosóficas do pensamento de Karl Marx. Boletim SEAF-MG, nº 2, Belo Horizonte, 1982, p. 6.

¹¹ Idem, *ibidem*, p. 7.

¹² Idem, *ibidem*, p. 7.

¹³ Idem, *ibidem*, p. 7.

¹⁴ Idem, *ibidem*, p. 7.

¹⁵ VILLAR, Pierre. Marx e a história. In: HOBSEAWN, E. História do Marxismo. Vol. 1, 3.ed. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, p. 95.

¹⁶ MARX, Karl. Contribución a la crítica de la economía política. México, Fundo de Cultura Popular, 1970, p. 11.

¹⁷ Idem, *ibidem*, p. 12.

¹⁸ Idem, *ibidem*, p. 13.

¹⁹ MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. A ideologia alemã. Vol. 1, 3. ed. Lisboa, Ed. Presença, p. 18.

²⁰ Idem, *ibidem*, p. 19.

²¹ MARX, Karl. A produção de consciência. In: IANNI, Otávio. (org.). Marx. 4.ed. São Paulo, Ática, 1984, p. 146.

²² KOLAKOWSKI, Leszek. Las principales corrientes del marxismo I. Madrid, Ed. Alianza, 1980, p. 412.

23 ENGELS, Friedrich. Do socialismo utópico ao socialismo científico. 9.ed. São Paulo, Ed. Glíbal, 1988, p. 71.

24 MARX, K. & ENGELS, F. A ideologia alemã. Op. cit., p. 26.

25 Sobre essa questão, ver LUKÁCS, Georg. Ontologia do ser social. São Paulo, Ed. Ciências Humanas, 1979.

26 Essa reflexão se manifesta em diferentes momentos da trajetória de Marx e Engels. Citam-se aqui dois momentos em que ela se revela:

"O desenvolvimento político, jurídico, filosófico, religioso, literário, artístico, etc., baseia-se no desenvolvimento econômico. Mas todos aqueles reagem entre si e sobre a base econômica. Não que a situação econômica seja, sozinha, causa ativa e que todo o resto seja apenas efeito passivo. Há, porém, interação à base da necessidade econômica, que, em última instância, sempre se impõe".

Essa passagem de uma carta de Engels a H. Starckenburg, se encontra sob o título "Necessidade e acidente na história", na coletânea já citada, organizada por Florestan Fernandes, à página 469.

Em 1852, em "O 18 Brumário de Luís Bonaparte", Marx assim se expressa: "Os homens fazem a sua própria história, mas não a fazem arbitrariamente nas condições escolhidas por eles, mas nas condições dadas diretamente e herdadas do passado".

- 27 ENGELS, Friedrich. Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã. In: MARX e ENGELS. Textos, nº 1, São Paulo, Ed. Sociais, 1977, p. 107.
- 28 FERNANDES, Florestan (org.). Introdução. In: Marx/Engels. 2.ed. São Paulo, Editora Ática, 1984, p. 61.
- 29 MARX & ENGELS. A ideologia alemã. Op. cit., p. 49.
- 30 Idem, ibidem, p. 48.
- 31 IANNI, Octávio. A construção da categoria. Transcrição de aula dada no Curso de Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUC/SP, 1º semestre de 1986. (Mimeo.).
- 32 "LOWY, Michael. As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Munchhausen. São Paulo, Ed. Busca Vida, 1987, p. 200.
O autor faz uma reflexão sobre a possibilidade de superioridade do ponto de vista de classe do proletariado com relação à burguesia, correlacionando a necessidade do proletariado de "saber e fazer saber" a verdade, de descobrir o oculto da sociedade burguesa e o interesse que a burguesia tem de ocultar a verdade e de ocultá-la de si própria.
- 33 MARX, Karl. O método de economia política. In: FERNANDES, Florestan (org.) Marx e Engels. 2.ed. São Paulo, Ed. Ática, 1984, p. 409.

³⁴ Idem, ibidem, p. 411.

³⁵ Idem, ibidem, p. 412.

³⁶ Idem, ibidem, p. 414.

³⁷ Idem, ibidem, p. 416.

MANIFESTAÇÕES DAS REDUÇÕES NO ENSINO...

4

UM RE-OLHAR SOBRE O REAL: O ENSINO DA METODOLOGIA NO
SERVIÇO SOCIAL

Inicia-se uma viagem de retorno ao real, em que os dados não são meros dados. Eles fazem parte de uma realidade e, portanto, estão impregnados de significação, embora não sejam a própria realidade. Esse retorno ao real amplia e enriquece a qualidade da análise, coloca problemas novos, refuta questões, ilustra e alarga as referências teóricas iniciais..

4.1 - A ORIGEM DA DISCIPLINA: UMA VISÃO FRAGMENTADA

A inclusão, no currículo do Curso do Serviço Social, da disciplina Metodologia, que aborda o debate da teoria social de Marx, a tradição marxista e suas vertentes no interior do serviço social, é resultante de uma série de determinantes históricos, sociais e políticos.

Esses determinantes têm a ver com o próprio desenvolvimento da sociedade, que vai definindo demandas concretas, obrigando a profissão a se rever e, portanto, a reformular a formação de seus profissionais, no sentido de dar suporte a novas exigências.

A emergência dessa disciplina, com seu conteúdo específico, deve ser entendida em sua vinculação a um momento histórico determinado — os recentes anos 80. Esse momento histórico é expressão de forças sociais em movimento, que geram a si próprias e são geradas por um dado nível de desenvolvimento das forças produtivas e das relações sociais e políticas correspondentes, numa sociedade concreta, a brasileira.

A compreensão de sua origem implicaria retomar esses determinantes em sua totalidade e em sua expressão concreta, tendo em vista a profissão e a formação do profissional de Serviço Social.

O estabelecimento de um nexu mais amplo entre as influências desse movimento mais geral da sociedade, como um todo, e as questões que se desenrolam no debate profissional conseqüente revela-se, de modo fragmentado, nos vários depoimen-

tos coletados.

Os entrevistados, em sua maioria, levantam um ou outro aspecto dessas determinações, sem demonstrar, contudo, uma visão mais totalizadora da origem das questões. Apenas em uma das entrevistas demonstra-se essa preocupação:

"O que me parece um elemento central que toca muito os assistentes sociais, sobretudo as vanguardas profissionais que estão alocadas em algumas Escolas, senão em todas, é a própria realidade sócio-política do País."

E, na mesma entrevista, define-se, ainda, como elemento explicativo inicial, a extensão e a intensidade do poder da ditadura militar a que esteve submetido o País durante anos e que levou a riscar o debate teórico-prático do Marxismo como uma possibilidade a ser contemplada na formação profissional no Serviço Social e em toda a Universidade Brasileira:

"O primeiro elemento é o quadro sócio-político brasileiro, do ocaso da ditadura, a transição dos anos 70 para os anos 80. Toda uma série de interdições na vida acadêmica desaparece. Uma delas é o cancelamento do Marxismo, que era estudado muito residualmente. Era uma forma de resistência a você discutir o Marxismo e a possibilidade, quase sempre num âmbito das escolas de Serviço Social, até pelas influências teóricas que rebatiam, é uma redução do Marxismo a um epistemologismo, donde uma influência althusseriana muito forte nesse período."

Ainda nessa fala, depreende-se o significado da re-

emergência das classes trabalhadoras na cena política brasileira na década de 70, as quais começam a formular as questões que as suas referências analíticas, até então desenvolvidas, eram incapazes de responder:

"Quando você tem uma precipitação na luta contra a ditadura - precipitação social, política e ideológica, que é posta pela re inserção da classe operária no cenário político brasileiro -, não dá para você explicar a greve do ABC com esquemas althusserianos. Você vai recorrer a outros padrões de análise, a outras referências de análise."

Também são apontados, como elementos que compõem esse quadro explicativo, a pressão exercida pelo movimento estudantil, que, dentro de uma perspectiva de esquerda, cobra o debate do Marxismo; o papel significativo da volta à Universidade e, concretamente, ao Curso de Serviço Social de professores cuja contribuição acadêmica havia sido interrompida por atos institucionais do período militar - "um retorno à docência de Serviço Social de figuras que, durante certo tempo, estiveram marginalizadas, excluídas, até exiladas da vida acadêmica, política, exiladas do País"; a expressiva contribuição de professores que participavam ou tinham participado, durante algum tempo, dos movimentos sociais e políticos da sociedade e da categoria.

Não se pode esquecer o significado do processo de crítica característico das ciências sociais, processo que coloca em cheque a própria concepção de ciência, constituída sob

o signo da ciência pura, autônoma e neutra. Desmorona, então, o castelo em que se abrigavam os cientistas sociais, que "não se deixavam contaminar" por sua própria inserção social na sociedade, escamoteando a questão da determinação social da ciência. Essa crise das ciências sociais questionou a relação de saber e poder, a utilização desse saber como forma de controle das classes, que podem tornar insegura a coesão social do sistema. Discutiu, ainda, a validade dos paradigmas formais até então utilizados, em muitos casos, apenas como justificadores dos esquemas de dominação social:

"Elemento que me parece importante é toda uma discussão que se passa no interior das Ciências Sociais. Uma discussão que nem sempre é uma discussão marxista, mas uma discussão com o Marxismo. Toda a discussão da crise do Marxismo, das modernidades, pós-modernidades",

confirma um entrevistado.

No bojo de toda essa discussão, Paulo Freire e seus "Educação como Prática de Liberdade" e a "Pedagogia do Oprimido"¹ trouxeram para o Serviço Social inquietações no que se refere ao homem como sujeito de sua história, à discussão da prática pedagógica do assistente social, colocando para a profissão algumas indagações políticas que se desdobraram em uma aproximação ao Marxismo.

A Reconceituação, como um movimento interno que se iniciou na década de 60, na busca da superação da prática profissional assistencialista, foi um marco decisivo, que levou

ã exigência da inclusão, no currículo do curso, da disciplina em discussão: a Metodologia no Serviço Social. Na verdade, po-
de-se dizer que foi nesse momento que, de modo mais amplo, os
profissionais dessa área olharam criticamente o significado de
sua ação profissional. Foi ainda, nesse momento, que ficou
mais nítida a relação entre a ação do Serviço Social e os in-
teresses das classes dominantes da sociedade.

Por Reconceituação entende-se todo um processo de
questionamento da profissão do assistente social que se esten-
deu pela América Latina e que, iniciado nos anos 60, tem re-
percussões e desdobramentos até os dias de hoje. Esse reuniu
diferentes correntes de pensamento, que tinham entre si um
ponto de convergência inicial: o fato de serem contestatárias
de um Serviço Social marcado pelo seu posicionamento mantene-
dor do status quo.

Este movimento, que, num primeiro momento, parecia
incluir também uma perspectiva de modernização da profissão,
visando somente à melhoria de eficiência técnica, caminha pa-
ra afirmar "uma perspectiva que questiona a própria legítimi-
dade da demanda e os compromissos políticos subjacentes ao
exercício da prática profissional"².

A década de 60 colocou para o profissional do Servi-
ço Social desafios provenientes não só das novas exigências
das reformas de base, como também o aumento da demanda do
Estado e do capital privado, que levaram à constatação da fa-
lência dos marcos com os quais a profissão vinha operando.

Raul de Carvalho, a propósito, faz a seguinte reflexão:

"A partir de várias frentes o meio profissional passa a ser pressionado para assumir posições concretamente frente ao debate que atravessa a sociedade podendo sintetizar-se, naquele momento, na questão das 'reformas de base', entre transformações estruturais da sociedade e a perspectiva de modernização, da aceitação da função 'civilizatória' do capital estrangeiro."³

A situação nacional encontrava-se, então, fortemente marcada pela crise e colapso do populismo e a reordenação das posições dos países imperialistas com relação aos dependentes, entre outros fatos, geram inquietação e agitação política em toda a América Latina. Ao nível da sociedade civil, surgem e ressurgem grupos de esquerda, incluindo, no conjunto, a própria esquerda cristã, de significativa expressão na Universidade, nas escolas e no movimento estudantil, grupos que colocam questionamentos à profissão como instrumento ideológico propulsor, fundamentalmente, de interesses estabilizadores.

A Reconceituação trouxe consigo, em sua crítica ao assistencialismo e às novas tendências neo-assistencialistas, a questão do Marxismo, que, só posteriormente, é incorporado como conteúdo de disciplinas no interior de currículos.

É interessante notar que esse processo não rompeu radicalmente com uma herança conservadora, de cunho positivista e irracionalista, predominante, historicamente, no Serviço Social, o que vai constituir-se num dos fatores explicativos da aproximação tardia da profissão ao debate do Marxismo e à sua incorporação, por via de um Marxismo positivista, suaviza-

do nos moldes de Althusser e Harnecker⁴. Pode-se, portanto, concluir que a Reconceituação levou a uma ruptura política que não foi acompanhada por uma ruptura teórica com essa herança conservadora.

A quase totalidade das falas dos entrevistados resalta o significado do movimento de Reconceituação. Entretanto, dão elas mais peso à sua dimensão de crítica à prática de repasse de benefícios sociais, através do qual se plasman interesses das classes dominantes, que ao debate marxista proposto pelo movimento:

"Esta disciplina, ela se fez necessária no currículo do Curso de Serviço Social, sobretudo acompanhando o debate da profissão, a partir do momento da reconceituação, que discute, denuncia, toda a origem do Serviço Social, que foi sempre vinculado com as classes conservadoras, dominantes, e coloca, para a profissão, idéias que propõem alternativas de trabalho diferentes, articulados com outros setores da sociedade."

A exigência formal de inserção da disciplina Metodologia no Serviço Social na formação profissional dos assistentes sociais, como requisito do currículo mínimo definido em 1982⁵, em substituição às disciplinas Serviço Social de Casos, Serviço Social de Grupo e Serviço Social de Comunidade⁶, é observada em todas as entrevistas. Também é afirmado, unanimemente, que a inclusão dessa disciplina sem ter, como as demais, conteúdo e carga horária mínima preestabelecidos, possibilitou a introdução da discussão da Metodologia no Serviço

Social em diferentes vertentes, entre estas, o Marxismo.

É interessante ressaltar os vários nomes que essa disciplina apresenta, no momento, em diferentes Unidades de Ensino Superior: Tendência Histórico-Estrutural, Tendência Crítica-Estrutural, Do Materialismo Histórico-Dialético, entre outros, o que implica não apenas uma distinção semântica, mas também, como se verá posteriormente, distintos modos de conceber e desenvolver o conteúdo do programa correspondente.

A conquista desse espaço real, assegurando a presença da disciplina, com este conteúdo específico, originou-se, em algumas Unidades, não apenas do total desconhecimento da sua vertente básica, como da rejeição a ela própria. A fala de um professor revela isso:

"Mas o problema é que, até então, como aqui, internamente, não havia possibilidade de se pôr até mesmo a informação dessa abordagem, estava difícil até de se colocar. Eu vou falar sobre mim. É o melhor momento que eu estou tendo agora para poder consolidar, até ter uma equipe de trabalho. Porque essas coisas não funcionam somente no papel. A gente tem que ter isso funcionando. Então, agora, nesse momento, internamente, é que está havendo possibilidade, que eu estou com uma equipe para poder trabalhar, coisa que já existe, logicamente, nas outras duas abordagens (Fenomenologia e Psicossocial). Acho que é por uma questão interna, que a gente já conhece a história, a situação toda aqui. Então, acho que, nesse momento, eu não diria que é o ideal, mas eu diria que é o que de melhor está acontecendo: a possibilidade de se dar, de uma forma mais consistente, esta abordagem."

Essa conquista foi produto de lutas internas, de

crítica às formas existentes de pensar a profissão e a formação profissional, em várias Unidades de Ensino, como expressa esta fala:

"Foi uma luta muito grande de todos os professores daqui. Dos professores que tinham uma visão mais crítica da sociedade, uma visão do próprio movimento de reconceituação do movimento de transformação do próprio Serviço Social."

E, acrescentando, ressalta o entrevistado:

"Foi toda uma história, dentro da própria escola, de mudar essa forma com a antiga direção da escola, que era a tendência ideológica predominante, a mais conservadora, e o grupo novo, de professores que assumiram toda uma tendência mais crítica. Eles colocam e ganham essa abertura através desse currículo novo."

E, num outro depoimento, a idéia de forças opostas que começaram a se confrontar nas Unidades de Ensino assim foi colocada:

"Tem os cursos profissionais, não diria tradicionais nem antigos, porque isto não é uma questão de idade, é uma questão de visão do mundo, de concepção de mundo. Os profissionais cuja visão de mundo permite pensar de forma partida, de forma isolada, adotam uma posição bastante cristalizada. Por outro lado, os profissionais que tendiam a pensar o mundo de forma compatível com a emergência das forças sociais vivas da sociedade."

Se a disputa foi acirrada em algumas Unidades, o que

revela a força do significado da abordagem da perspectiva marxista, sua inclusão, vista como uma dimensão importante dentro de uma visão pluralista, em algumas situações, passa a considerar-se componente de uma visão eclética da formação profissional.

Ao contrário da perspectiva pluralista, que capta as diferentes possibilidades de explicação da realidade e não as trata amalgamando-as, historicamente a profissão do Serviço Social foi marcada pelo ecletismo no trato das várias formulações e correntes de pensamento. Quando se fala de ecletismo, na verdade está-se fazendo referência a uma tendência sincrética à tolerância e à conciliação de posições heterogêneas e contrárias, assumidas como se fossem concordantes. Esse mosaico, que o Serviço Social sempre fez, tende a garantir uma posição moderada permanente, inclusive de respeito à aceitação do próprio sincretismo: *"Na escola não há debate em que efetivamente se explicitem as diferenças no modo de abordar as questões. Estas são escamoteadas sob uma aparência de igualdade, para 'garantir' as relações internas"*.

Essa perspectiva eclética expressa na montagem e desenvolvimento do currículo do Curso, em algumas Unidades de Ensino, ficou caracterizada quando, numa fala, se disse:

"Se hoje a gente olha a proposta do currículo mínimo do curso, a gente vê que é uma grande conciliação. Eu acho que, aqui, isto deve ter acontecido da mesma forma com que aconteceu a nível do currículo mínimo da ABESS (Associação Brasileira de

Ensino de Serviço Social), porque houve uma relativa negociação e é um currículo de conciliação, o que me leva a crer que houve alguma dificuldade e ficou tudo con-templado." (Grifo meu)

E continuando: "É uma colcha de retalhos. E eu acho que, na maioria das Escolas, deve ter acontecido isto. Agora, o que a gente sente aqui é uma ausência de debate".

Essa posição pluralista, que hoje ganha campo nas Unidades de Ensino, foi assim definida:

"Eu reputo o currículo daqui como um currículo pluralista, mas não-eclético. Se você fizer uma análise, vai ver que tem uma direção bem definida, embora tenha falhas, tenha expectativas muito acima da capacitação do corpo docente e até do próprio limite de curso de graduação. Eu acho que, nisso, a intenção dele está correta. A implantação dele, os ajustes que a gente vem fazendo, aí já é uma outra história; mas eu acho que a intenção dele foi posta corretamente. Então, essa disciplina é, dentro do entendimento do curso, uma disciplina importante, uma disciplina-chave."

Um outro depoimento ilustra, também, a determinação da inclusão da disciplina como forma de praticar o discurso pluralista: "Mas você tem certeza que vai poder dar este conteúdo? Não vai dar problema? Eu falei: 'Não, não vai ter problema, até porque precisa existir a questão do discurso pluralista, ele tem que se efetivar'" (Grifo meu).

Nesse depoimento, além da questão do pluralismo, percebe-se que a concepção marxista é ainda vista como algo "pro-

critico", amedrontador, que vai gerar problemas e "subverter" a ordem. Conseqüentemente, pode-se dizer que o espaço conquistado pelo Marxismo se impôs, vencendo pré-conceitos com relação à sua própria concepção.

Nesse processo, as diferentes Unidades de Ensino se encontram em momentos bastante diferenciados. De um lado, estão as que ainda não incluíram esta disciplina, com este conteúdo, em seus currículos; em seguida, vêm as que já a incorporaram, mas sem definir a discussão que se dá no interior do próprio Marxismo; e, por último, aquelas que, mesmo em minoria, já têm todo um espaço garantido e se propõem a clarear essa polêmica interna:

"Como eu estava te dizendo, hoje, enfim, pelo menos dentro desse grupo supostamente marxista ou, senão, progressista, existem polêmicas. A gente tem discutido muito e longamente aqui, e começado a se colocar. Porque, até há pouco tempo, parecia que todo mundo pensava igual. É progressista, é tipo de esquerda, é tudo igual. E a gente está assumindo essas diferenças. Está começando."

Enfim, a emergência e a inclusão dessa nova perspectiva na formação profissional do assistente social expressa a força de seu significado e a impossibilidade histórica de não contemplá-la:

"Todos esses elementos apenas deixam claro que é impossível, também no Serviço Social, você deixar de dialogar com essa fundamental vertente do pensamento do mundo contemporâneo. Não dá mais para você ne-

gar carta de cidadania ao Marxismo. A tradição marxista está de tal maneira encaivada na cultura ocidental que não há como impedir, mesmo na Universidade Brasileira, mesmo no Serviço Social, que essa discussão se dê."

4.2 - O SUPORTE TEÓRICO DA DISCIPLINA: MARXISMOS SEM MARX

A compreensão manifestada pelos professores dos conceitos e do modo de repassar a proposição de Marx revela, por outro lado, a diversidade de marxismos que transitam na formação do profissional do Serviço Social.

O desenvolvimento das idéias de Marx, pós-Marx, foi extremamente diversificado, o que leva a que não se possa falar de Marxismo e, sim, de marxismos, implicando diferentes compreensões e incompreensões de sua obra, com seus matizes variados.

Como já foi mostrado, os desdobramentos da contribuição de Marx significaram uma possibilidade não só de enriquecimento, mas também de distorções e empobrecimento, quando se tornaram produto de influências reducionistas, que minaram algumas leituras que se fizeram de sua obra. Entre essas, relembre-se, encontra-se a influência do Positivismo.

Em nível mais geral, as diferentes concretizações da disciplina Metodologia no Serviço Social, em seu desenvolvimento, no presente, não se questionam quanto a essa questão.

A distinção entre o que é a obra de Marx e a tradição marxista posterior não foi apontada, pela maioria dos entrevistados, como uma preocupação de fundo no entendimento do desenrolar dos conteúdos da disciplina. Apenas em um depoimento essa inquietação foi assim revelada:

"Primeiro, minha preocupação é insistir na distinção entre a obra marxiana e a tradição marxista. Eu acho que estão intimamente ligadas, mas são diferentes. Quer dizer, a obra marxiana - eu chamo de obra marxiana aquilo que é da responsabilidade da lavra de Marx - e a tradição marxista, todo o acúmulo de pesquisas, de interpretações, de desdobramentos, de ampliações, que é resultante da obra marxiana, mas que é atravessada por condicionalismos políticos, culturais, regionais, éticos, etc. Então eu faço questão de mostrar o seguinte: não há o Marxismo. Há uma fonte e uma tradição que se acumulou em torno dela, com vertentes diferenciadas. E que essas vertentes nem sempre são compatíveis entre si, apresentando, inclusive, dessincronias com a fonte da obra marxiana." (Grifo meu)

Isso revela uma não-discussão entre os professores dessa área, em geral, do Marxismo e de seus desdobramentos, que levaria a clarear os diferentes marxismos e a distinguir, nas várias visões da obra de Marx, os aspectos nela percebidos deformadamente. Assimilam-se e reproduzem-se, acriticamente, leituras que apresentam, entre outros pontos discutíveis: um Marx que agiganta a determinação do fator econômico como elemento único, gerador do desenvolvimento da sociedade; um Marx que supervaloriza o papel das classes, de sua luta, do significado do sujeito construindo sua história, des

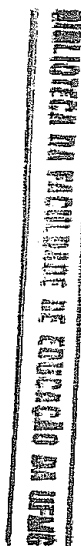
vinculado da base material que o sustenta; um Marx que é metodológico na própria acepção positivista, ou seja, que se reduz ao método; um Marx atrofiado à sua dimensão de cientista social "pesquisador" da sociedade, desligado de sua convicção da necessidade de transformação dela.

A preocupação em recuperar Marx através de seus textos originais já é, no entanto, expressiva, mas a sua prática ainda se revela incipiente: *"Veja. Parece incoerente. Eu acho importante o aluno conhecer o original, e eu não trabalho com o original de Marx, (...) a gente recupera alguns conceitos"*.

Essa afirmação de um entrevistado corresponde, também, ao que ocorre em algumas outras Unidades de Ensino: a disciplina tem seu desenvolvimento "garantido" através da leitura de intérpretes de Marx, recorrendo pouco a textos do próprio Marx. Entre os autores mais estudados, destacam-se: Gramsci, Karel Kosik e Bachelard. Ao nível da produção nacional mais próxima do Serviço Social, encontram-se Marilda Villela Yamamoto e Miriam Limoeiro Cardoso.

Na sua maioria, os professores não conseguem situar com clareza que leitura de Marx esses autores fazem: *"Que eles são interpretação eu sei, mas em que sentido se coloca a sua leitura, eu nunca pensei sobre isso"*.

Ao assimilar a leitura de diferentes autores, sem localizar, contextualizar e relacionar sua posição como diferenciada da de Marx, os docentes, de modo geral, acabam por repassar uma idéia deles mitificada, atribuindo-lhes a descoberta e o monopólio da análise de determinadas questões que,



na verdade, já haviam sido colocadas e trabalhadas por Marx e que, de fato, esses autores apenas desdobraram.

Desses, os que apareceram mais insistentemente na indicação bibliográfica da disciplina, em seus diferentes tratamentos, foram assim situados:

"O texto de Karel Kosik, no livro Dialética do Concreto⁷, que é o mundo da pseudoconcreticidade e a sua destruição, onde ele discute a destruição da pseudoconcreticidade, que a gente entende que, evidentemente com características distintas, mas que ele bebe muito na fonte do Marxismo. Basicamente isso."

E esse entrevistado continua, explicando que a utilização do texto referido está mais ligada ao aprofundamento da questão do conhecimento e traz subjacente uma crítica à lógica do pensamento positivista:

"Quando ele discute o mundo da pseudoconcreticidade e a destruição desse mundo, ele já está fazendo uma proposta de que o conhecimento da realidade não significa uma contemplação da mesma. Que o conhecimento se dá na medida em que o sujeito busca o significado da realidade, o significado dos fenômenos e, para isso, ele necessita destruir essa falsa concreticidade, ele necessita ultrapassar essa aparência, essa imediatividade dos fenômenos. A gente vê que esse autor faz uma discussão do pensamento marxista. O interlocutor dele é Marx. É muito ruim a gente ficar rotulando e classificando, mas eu vejo muito o Karel Kosik como um 'fenomenólogo' marxista que discute muito a questão do conhecimento no cotidiano, a questão da própria subjetividade do homem. Isso a gente tenta resgatar nesse texto. A questão da subjetividade do homem no ato de conhecer, etc., mas de um ponto de vista ou a partir de um enfoque marxista."

Quanto a Gramsci, a escolha de seu livro "Concepção Dialética da História"⁸, como um dos textos fundamentais da disciplina é explicada a partir de questionamento que um entrevistado fez a si mesmo:

"Por que eu me detenho no Gramsci? Eu penso que o Gramsci coloca uma possibilidade maior de pensar o Serviço Social dentro do Marxismo. Pelo trabalho que o Gramsci faz de clarear - eu não tenho a ousadia de dizer que o Marx colocou uma relação mecânica fadada ao dogma, ou seja, a relação da infra-estrutura com a superestrutura -, mas eu penso que o Gramsci colocou de forma mais acessível esta questão, muito mais próxima da prática social, da relação nossa no mundo. Por isso, eu me detenho mais nele.

Esta questão é, justamente, a que abre muito mais a possibilidade do trabalho para o Serviço Social, pois é a mediação da relação estrutura e superestrutura que o Gramsci trabalha mais. O Marx pode até trabalhar mais, mas eu não cheguei a conhecer." (Grifo meu)

Um outro procura demonstrar, também, seus motivos da opção pelo Marxismo através de Gramsci:

"Quando eu trabalho com essa disciplina, eu me aproximo muito mais do Gramsci. Eu não recorro aos textos do Marx. Eu faço referência, eu recupero e faço aproximação maior com o Gramsci, porque me preocupa, o que ele coloca: o reacasalamento do pensamento com o fazer, do fazer com o pensar. E eu penso que é só por aí que a gente pode construir uma nova postura de profissional do Serviço Social, capaz de pensar, de conhecer e de interferir. Interferir com conhecimento de causa."

Sobre Bachelard⁹, o entrevistado que o mencionou não

explicitou os motivos de sua escolha, apenas afirmou que: "Recupara-se e trabalha-se com o texto do Bachelard, localizando a questão do conhecimento, o processo de construção do conhecimento".

Quanto às opções de trabalhar com textos produzidos em nível nacional, a apreciação se restringiu ao seguinte:

"Eu acho que a Marilda Yamamoto¹⁰ coloca uma visão em que ela tenta trabalhar o mêtodo de uma maneira bem clara. Eu acho que a posição dela é uma posição marxista. Está bem nítida, até como ela trabalha e tal."

Em outro depoimento, a escolha do livro "Relações Sociais e Serviço Social no Brasil", dessa autora, é considerada significativa por se tratar, segundo o entrevistado: "de toda uma síntese que ela faz da teoria e, depois, como se deu isso no Serviço Social aqui no Brasil".

Noutra fala, afirma-se:

"O que eu acho é que é uma leitura que está mais próxima dos clássicos mesmos. A teoria marxista não é só uma questão de método de conhecimento, mas é uma construção do método de conhecimento de uma ciência, de uma prática e de referências de um estudo desta sociedade capitalista."

E, finalmente, num último depoimento:

"Um outro texto que a gente usa e que é também bem discutido na disciplina é o texto da Miriam Limoeiro. É na introdução do

livro Ideologia do Desenvolvimento Brasil: JK, JQ11, que são as considerações metodológicas que ela faz. Bom, na verdade eu não sei. E já acho mais difícil falar que, neste texto, Miriam Limoeiro tem uma interpretação do pensamento marxista."

Verificam-se, na prática, tentativas de recorrer a textos originais, com maior ou menor grau de desenvolvimento, em situações que já vêm sendo vividas por alguns professores. A seguinte entrevista expressa isso:

"A minha primeira preocupação é insistir que o caminho correto é ler a fonte. Eu acho que a tradição marxista enriqueceu muito a obra de Marx, fê-la avançar, mas tem uma série de problemas. Então não dá para você pensar Marx através de seus intérpretes. O que eu sempre reforço, no meu trabalho, é que, primeiro, Marx não é misterioso. É um prosador legível e extremamente agradável. Ir a ele é fundamental."

Dos textos de Marx, os mais utilizados são o "Manifesto Comunista", a "Contribuição à Crítica da Economia Política" e, também, a "Introdução à Crítica da Economia Política"¹². Tais obras, mais adiante, serão discutidas um pouco mais amplamente, como referencial de enfoques dados por diferentes tratamentos da disciplina.

Ficou claro, entre a maioria dos entrevistados, um "receio" de trabalhar diretamente com os textos de Marx, por serem considerados de difícil compreensão e acesso. Na realidade, porém, um entendimento profundo dos intérpretes de Marx envolve, muitas vezes, um trabalho mais complexo de entendimento das determinações das quais ele é produto. Si-

tuá-los historicamente, para entender a sua contribuição e as bases de sua crítica, ou fazer uma leitura interpretativa do original é tarefa, se não mais, pelo menos tão árdua quanto ler as fontes. A leitura dos desdobramentos de Marx, em última instância, remeteria, obrigatoriamente, às fontes, como ponto de partida da crítica que essas interpretações expressam.

4.3 - A FORMAÇÃO DOS DOCENTES: MARX REINTERPRETADO

A dificuldade de convívio com a obra original de Marx, em sua totalidade, remonta ainda à introdução de seu pensamento no Brasil, nas primeiras décadas deste século.

A difusão inicial dos textos desse filósofo foi precária e, quase sempre, sua divulgação se fez através de interpretações deficientes, que mal correspondiam às questões por ele colocadas.

Leandro Konder faz uma interessante reflexão sobre esse começo do Marxismo no País, revelando, inclusive, a influência positiva que envolveu tal introdução. "Ao darem seus primeiros passos, os marxistas brasileiros foram levados a assumir, filosoficamente, o legado do modo de pensar do tipo positivista"¹³.

Naquele momento, o Positivismo de Augusto Comte, influenciado pelas idéias spencerianas "constituía a base filosófica que determinava, no essencial, a reflexão e os hábitos mentais da intelectualidade que os comunistas podiam preten-

der arregimentar"¹⁴. O Positivismo secundarizava as questões filosóficas mais amplas, considerando-as metafísicas, pois eram vistas como não-científicas, rebaixando, assim, ainda mais, a precária trajetória de reflexão sistemática então dominante. O menosprezo pela elaboração teórica foi, pois, referência para a estreiteza das visões do Marxismo abraçadas.

Konder destaca, por outro lado, que Marx ficava fora do ensino superior. Sua obra quase não era levada em consideração nas Universidades e, quando isso ocorria, sua abordagem era precária. As condições de acesso a seus textos originais só se dava em condições muito especiais.

Se, na origem, foi tortuoso e limitado o acesso à obra de Marx, as gerações mais recentes, das quais emergem os atuais docentes de Instituições de Ensino Superior, sofreram uma atrofia maior quanto à possibilidade desse conhecimento com o corte imposto pelo Golpe de 64. Como consequência, a maioria desses docentes não teve, em sua formação básica e profissional, nenhuma referência à obra de Marx e muito menos, acesso a seus textos originais.

"Dentro da faculdade (1974-1977, no nordeste) e no colégio, 1º e 2º grau, eu nunca ouvi falar de Marx: colégio de freiras, tradicional, fechado nunca ouvi falar. E, quando ouvi as primeiras coisas de Marxismo, era tudo equivocado. Era uma idéia bem equivocada, foi um erro grave, de um professor na Universidade, que falava do Marxismo e falava do materialismo e tinha como referência matéria. Era uma coisa completamente errada",

BIBLIOTECA DA FACULDADE DE ENGENHARIA DA UFPA

depõe um entrevistado, que ainda, acrescenta: "É difícil compreender. O momento que eu fiz o 1º e 2º grau foi um momento de extremo fechamento, não existia nada. Grupos de estudantes, UNE, não tinha nada disso".

Esse depoimento revela as limitações de acesso ao Marxismo, na sua dimensão de produto da falta de abertura política, se prolongaram mais nos Estados do nordeste e norte do País. Essa suspeita tem a ver com o momento em que esse entrevistado frequentou a Universidade de 1974 a 1977 — quando já se veiculava uma abertura política, que, com todas as suas restrições, colocava, na ordem do dia, tais questões.

"No período bravo da repressão, eu estava no nordeste. A guerrilha no Araguaia, a gente não sabia de nada ali, tão pertinho. Eu vim saber da guerrilha do Araguaia quando estava no Mestrado. Eu fui à feira do livro, em Ipanema, no Rio de Janeiro, e aí soube da guerrilha no Araguaia. Eu lembro que eu disse: 'Uai, que guerrilha?' Pá rece piada."

Esse fato é bem expressivo do estado de isolamento cultural e político a que esteve submetida a Universidade Brasileira durante todo o período militar, e que impediu, através da restrição à liberdade de expressão e de imprensa, a captação dos movimentos sociais por amplos setores da população.

É importante considerar, pois, que significativa parcela dos docentes que hoje se dedicam ao ensino da concepção teórico-metodológica marxiana e/ou marxista é fruto de uma

estrutura universitária que, nos anos da ditadura militar, teve o debate banido de seu interior. O momento em que se formou a maioria desses docentes delimitou-se entre a ausência total da reflexão sobre o Marxismo e a sua incorporação através de autores que, por seu turno, já repassavam uma leitura de Marx:

"O meu primeiro contato com o Marxismo foi lamentável. Foi na minha época de estudante. A rigor, eu não digo que foi contato com Marxismo, mas durante um bom tempo eu acreditei que foi. O meu contato com o Marxismo foi via Politzer, Marta Harnecker e Althusser. Na verdade, em termos de estudo mais sistematizado eu só vim a atentar para esse equívoco no Mestrado, que já foi em 85. Eu já tinha 11 anos de formada."15

O mesmo entrevistado fala, ainda, sobre o significado que essa influência teve sobre sua formação:

"Eu acho que a influência que esses autores tiveram na minha formação foi negativa. Isso eu não pensava desde o princípio, mas hoje eu vejo que ela foi realmente negativa. Ela me custou talvez uns seis a sete anos de pensamento equivocado mesmo a respeito do Marxismo."

Louis Althusser foi o autor que liderou em influências, a formação docente.

Este filósofo francês teve uma posição significativa no movimento comunista internacional, colocando uma série de questões que tiveram algum sentido no contexto do movimen-

to social do operariado europeu em determinado momento histórico. Com isso não pretendo justificar suas posições, mas localizá-las em seu possível significado e as deformações advindas da "importação" de suas formas de pensar, assimiladas acriticamente e descontextualizadas, pela formação docente, no caso, no Serviço Social no Brasil dos anos 60.

Em termos históricos as colocações de Althusser correspondem a um momento do desenvolvimento do capitalismo, do capitalismo de estabilização que dificultava a visualização de seu processo de crises periódicas. Por sua vez, o movimento operário como parte deste mesmo momento tendia a se burocratizar, minimizando a dimensão da práxis humana como criadora da história.

Entre os desdobramentos da leitura de Marx feita por Althusser, aponto, apenas uma repercussão desta que, reduzindo a proposição marxiana, rebateu no Serviço Social. Trata-se da separação feita por ele com relação à obra de Marx — os primeiros escritos, considerados filosóficos, contemplando a condição humana como geradora de seu próprio destino e os escritos que ele considerava da maturidade de Marx expressando sua proposição científica, baseada num entendimento mais estrutural da sociedade e sobrevalorizando a determinação econômica.

Esta separação, a conhecida idéia de corte epistemológico (noção que Althusser apropria de Bachelard) expressaria duas formas distintas de pensar. Isso leva a uma posição de ruptura entre ciência e ideologia e conseqüentemente entre ci

ência e transformação social. Esta tendência cientificista do marxismo, vista por Althusser, levava consigo uma maior preocupação com as questões epistemológicas, prevalecendo sobre as de ordens ontológicas.

Só em tempos mais recentes, alguns cursos, principalmente em nível de Pós-Graduação, têm enfrentado essa necessidade de recuperação de determinados autores clássicos, o que se constitui, no entanto, num esforço ainda incipiente e frágil:

*"Eu fui ler Marx quando já estava no Mestrado. Eu já tinha dois anos de Magistério. Mas eu vivi na minha formação todo um não ao Serviço Social tradicional, sem ter, na verdade, lido nunca nada de Marx. Sem ter sido introduzida ao Marxismo. Aliás, era até proibido. Eu me lembro muito bem, na minha formação, que para a gente pegar Politzer era escondido, pós-64. A gente sentar para estudar Politzer era escondido."*¹⁶

Esta passagem de outro depoimento desenvolve-se na mesma linha: "Essa preocupação de recuperação dos clássicos é um negócio muito recente, não é? Na minha formação não tinha Marxismo".

A aproximação aos "marxismos" deu-se, em muitos casos, através da militância político-partidária e, só tardiamente, sua discussão foi incorporada ao debate profissional-acadêmico, num contexto mais amplo de liberalização política:

"O meu contato com o Marxismo se deu, de uma certa maneira, fora da academia. Foi na minha formação política do movimento estudantil, também um pouco travestida. Cheguei a ter contato tanto com idéias marxistas quanto com leituras, mas nunca de textos de Marx. Na verdade, eu li o primeiro texto de Marx foi no Mestrado."

A própria participação de muitos docentes em movimentos sociais, muitas vezes, acrescentou pouco a essa necessidade de aproximação à fonte marxiana, mas desenvolveu a sensibilidade para a descoberta e a receptividade para entendê-lo, tendo por base motivações políticas.

Pode-se, dessa forma, fazer uma ligação entre toda essa limitação e algumas marcas do desenvolvimento do movimento operário no Brasil. Historicamente, esse movimento foi marcado pelo anarquismo mais preocupado com a crítica à autoridade política, ao Estado, demonstrando um escasso conhecimento das concepções de Marx. Acrescente-se a isso a influência do stalinismo, que conseguiu dogmatizar e pragmatizar ao extremo a obra de Marx, a ponto de, como afirma Konder, atingir

"um prodígio da síntese capaz de fascinar qualquer positivista de esquerda: conseguiu apresentar em uma única página um quadro esquemático do desenvolvimento das forças produtivas desde os tempos primitivos até nossos dias."¹⁷

Em quase todos os depoimentos feitos, ficou bem evidente que a tomada de contato com as idéias marxistas ou marxianas se deu, fundamentalmente, na juventude, através da participação nos movimentos sociais, ou pela vinculação à

Universidade nos anos mais recentes.

Entretanto, alguns deles revelam uma outra origem, ligada a vínculos familiares ou ao próprio contexto de vida na infância:

"Minha mãe é uma pessoa que sempre teve uma forte simpatia pela esquerda. Ela sempre foi uma pessoa que prestou uma solidãriedade ativa à esquerda brasileira em todos os momentos, até 59, que sempre me chamou a atenção para a vida. Para a vida, sobre o capitalismo. Uma pessoa que veio de camada empobrecida da população, de muito sofrimento."

Quando indagado, também, sobre seu primeiro contato com as idéias de Marx, um outro entrevistado assim se manifesta:

"O meu contato? Eu sou filha de um militante, eu fui educada dentro. Eu diria para você que eu era uma marxista sem saber que era. Fui educada, desde pequenininha. Ia nos movimentos, congressos, tive acesso a leituras. E, por incrível que pareça, eu não militei."

Ainda que esses dois entrevistados tenham sofrido alguma influência já nos primeiros anos de suas vidas, a continuidade, ou melhor, a militância propriamente dita somente se concretizou em uma das situações: "Eu não militei, porque eu sempre tive uma crítica a essa coisa de você ter que ficar meio presa a determinadas instâncias. Eu sempre me rebelei um pouco com isto".

Na outra, a trajetória de vida do entrevistado no sentido de assumir a militância: "Eu entro para o partido comunista muito cedo". E, refletindo sobre seu percurso, recorda ele que, além da influência inicial, materna, o próprio contexto em que se criou gerou determinadas condições para essa opção. Referindo-se a esse contexto da infância, assim o caracteriza:

"Nessa época, onde vivia era uma área onde você tinha elementos fabris. Tinha três fábricas.

Eu achava meio estranho aquele negócio ali das fábricas. Como é que era aquele negócio: eu comia, os caras não comiam. Es se troço me grilava. Como, felizmente, eu não tive nenhuma formação religiosa, não acreditei no outro mundo para resolver os problemas. Tinha que resolvê-los aqui. Por acaso comecei a ler, leitura desordenada, com uma orientação da minha mãe. Em cidade do interior, como é que um cara vira comunista? 'É por causa do professor, do barbeiro e do sapateiro'. Eu tive esses três personagens. E o movimento operário, ao qual sempre tive vinculação. É isso."

Finalizando, diz: "No partido, eu sempre tive um estímulo muito grande para estudar. Foi isso. Meu contato foi um contato com fontes. Agora, a Universidade não me deu nada em relação ao Marxismo. Nada".

Em termos gerais, as vias de acesso a Marx mais comuns entre profissionais do Serviço Social, seja pela vida acadêmica, seja pela militância político-partidária, se mostram precárias, repassando um Marxismo cristalizado e limitado.

Cabe aqui, ainda, caracterizar os "marxistas" que nunca leram Marx, o que também ficou bem claro em várias entrevistas:

"E no Serviço Social eu acredito que também isso existe muito. Porque, depois de um bom tempo, é que a gente está de fato investindo em estudar Marxismo. Eu me arisco a dizer que uma parcela considerável de 'marxistas', no Serviço Social, não leu um texto original de Marx. E a gente tem uma tendência na nossa escola, desde quando eu fui aluna, em estudar críticas, estudar fulanos que leram Marx e não ir a Marx." (Grifos meus)

Todas essas limitações revelam que o repasse dos diferentes conteúdos do Marxismo feito pela disciplina Metodologia no Serviço Social, tendo em vista a formação do profissional dessa área, de modo geral, é marcado por retraduições da obra de Marx. Isso só não leva a que se dê mais importância às reinterpretações que às idéias originais, como também denuncia quanto se ocultam aqueles aspectos que peculiarizam a forma de pensar desse autor.

Um dos testemunhos diz respeito à significação da transmissão pelo original:

"É insubstituível trabalhar com aquilo que eu chamo de estilo de pensar de Marx. Eu não acho que é importante que os meus alunos conheçam todas as conclusões que Marx chegou. Algumas inclusive superadas pelo tempo. Mas o que é fundamental é como Marx chegava lá. Então, eu não começo discutindo com os estudantes dialética. A questão é tentar pegar Marx como um analista da

sociedade burguesa. Eu relaciono claramente Marx com a sociedade burguesa. Marx não pensava sem a sociedade burguesa." (Grifo meu)

Recuperar o "estilo de pensar de Marx" significa recobrar o modo como ele captou e trabalhou a sociedade. Tem o sentido de resgatar as categorias fundamentais com as quais trabalhou ou, ainda, como ele construiu as suas categorias explicativas dessa sociedade. Leva, ainda, a colocar, não-positivisticamente, a questão do método em Marx, não o segmentando de sua dimensão teórica nem vice-versa.

A reflexão, em um dos depoimentos, quando o entrevistado discorre sobre esse assunto, aponta algumas categorias:

"Eu, sobretudo, enfatizo algumas categorias que me parecem categorias fundamentais no pensamento marxiano. Eu acho que você tem que fazer uma priorização, um recurso de seleção. Eu insisto em três categorias fundamentais: a categoria da totalidade, e com isso a gente rebate qualquer tipo de reducionismo, a categoria de negatividade e a categoria de mediação."

4.4 - AS ÊNFASES TEMÁTICAS: TOTALIDADE ROMPIDA POR ABORDAGENS UNILATERAIS

Do ponto de vista do conteúdo da disciplina Metodologia no Serviço Social, os programas analisados tendem a uma

tematização em que se definem como idéias recorrentes explicitadas em seus objetivos, propiciar ao aluno:

- as principais idéias do Marxismo e o contexto histórico do seu desenvolvimento;
- um estudo sucinto de suas categorias básicas de análise;
- a incorporação desta perspectiva teórica na abordagem do Serviço Social.

Ao estruturar os diferentes programas dessas disciplinas, os docentes tendem a realizar uma dupla filtragem. Por um lado, selecionam aqueles elementos considerados, por eles, como "fundamentais" na abordagem da teoria social de Marx. Por outro, fazem essa seleção direcionados pela ótica de seu reba_utimento na área profissional, o que significa estruturar o campo teórico pela ótica da recepção pelo Serviço Social.

Essa dupla dimensão do conteúdo da disciplina - a teoria social de Marx e as abordagens do Serviço Social que dela se apropriam - têm pesos distintos no seu desenvolvimento. Em alguns casos, a primeira dimensão predomina fortemente, levando a uma atrofia da segunda, ou seja, a da sua resso_nância no Serviço Social. No extremo oposto, estão aqueles programas cujo conteúdo se centra na reflexão profissional, reduzindo os fundamentos teóricos à condição de informações sub_jacentes.

Analisando o processo seletivo ocorrido na estruturação dos vários conteúdos da prática dessa disciplina, poder_e-se-iam identificar diferentes tipos da parcialização da pers_pectiva de Marx, que a simplificam e deformam, ferindo um as-

pecto fundamental que marca toda a concepção do filósofo que é a idéia de totalidade.

A preocupação de Marx, nessa linha, passa, entre outras preocupações, pelo cuidado de evitar o conhecimento isolado, fragmentado, não aceitando a "autonomia" total das partes com relação ao todo. Os problemas e suas diversas formas de conhecê-los devem ser discutidos e justificados no estudo do ser social, como dimensões participantes deste, considerado, então, na totalidade de seus determinantes objetivos, com suas complexas ligações e mediações.

Assumir o pensamento de Marx em sua totalidade significa, pois, tomá-lo nas três dimensões de sua proposta, todas três interligadas e inseparáveis: o método dialético, a teoria do valor e a questão da força social das classes e a luta de classes, cujo fim último é a possibilidade da revolução. A ênfase excessiva em uma ou outra dessas dimensões acarreta, portanto, deformações da visão de totalidade que está embutida em sua concepção.

Quando perguntado sobre a visão de Marxismo que se repassa através da disciplina Metodologia no Serviço Social, um dos entrevistados assim se posiciona:

"Insisto em que pensar Marx é pensar um tripé. Que tripé é esse? O primeiro pé é o método dialético. O segundo pé é a teoria do valor-trabalho e o terceiro pé é a perspectiva da revolução."

E, esclarecendo sobre o primeiro "pé do tripé", afirma:

"Pensar primeiro a dialética. Não uma dialética como aquelas três ou quatro leis - às vezes eu não sei nem quantas são aquelas leis. Eu faço questão de não trabalhar daquela forma. E até não uso o jargão. Eu começo a trabalhar um processo, mostrando como é que esse processo sinaliza fenômenos. Esses fenômenos sintomatizam processos de fundo que vão interagindo - e aí não se trata da interação funcionalista. Eu distingo para eles, muito claramente, contradição de diferença, de oposição, de antagonismo. E como é que isso vai engendrando sempre um novo e que o novo é algo que traz as marcas daquilo que o antecede, mas que é um rearranjo substancialmente inédito, diverso. Então, o método dialético é parte do tripé que sustenta a obra marxista. É o pé de um tripé."

A teoria do valor-trabalho, recuperada por Marx das reflexões sobre o regime econômico desenvolvidas, fundamentalmente, pelos economistas ingleses Smith e Ricardo, teoria que se constitui a base para a descoberta da mais-valia como trabalho não-pago que cria lucro e riqueza para a classe capitalista, é caracterizada da seguinte forma:

"O outro pé é a teoria da mais-valia. É fundamental. E ela está vinculada a quê? A teoria do valor. Sem a teoria do valor de Marx, teoria do valor do trabalho, ele não seria capaz de pensar a teoria da mais-valia. Insisto que é por aí que ele pensa o sistema capitalista. Ele não tem o juízo se o capitalismo é bom ou é mal. Ele não está preocupado com isso. Ele está preocupado em chamar a atenção sobre o caráter explorador desse sistema."

E, finalmente, o terceiro "pé do tripe" - a perspectiva da revolução - põe em destaque a questão das classes, de

sua luta, e o significado da classe operária como "a força social capaz de se tornar a criadora da nova sociedade"¹⁸.

A omissão ou secundarização de um ou mais de um desses suportes e o conseqüente agigantamento do(s) outro(s) de formam o pensamento de Marx.

Sem a teoria da dialética, não se pode pensar o movimento da sociedade capitalista; e não se captar esse movimento leva a entender de modo positivista essa sociedade. Agigantá-la e isolá-la do trinômio desvincula o conhecimento da sociedade da própria sociedade concreta — a sociedade capitalista, caracterizada pelo valor-trabalho. Da mesma forma, não é possível separá-la da finalidade última do movimento dialético, que se direciona para a possibilidade de transformação dessa sociedade.

Por outro lado, avaliar de modo isolado a teoria do valor-trabalho insinua uma determinação do econômico, numa perspectiva de fatalismo anulador do papel histórico da luta de classes, relegando o movimento dialético, em que a compreensão do econômico é uma dimensão fundamental, mas não a única. Ao se eliminar a perspectiva da revolução, a teoria social reduz-se a uma "sociologia", a uma "história" a mais. Sem essa perspectiva, a teoria social do filósofo fica circunscrita a uma mera teoria do conhecimento.

Finalmente, se a perspectiva da luta de classes, ou seja, do significado do papel dos sujeitos históricos no processo de transformação da sociedade, for enfocada sem sua conexão com os dois outros "pés do tripé", estar-se-á falando de

uma transformação idealizada e de uma superestrutura desvincu-
lada de sua base material correspondente.

4.1.1 - FATALISMO: HIPERTROFIA DAS FORÇAS PRODUTI- VAS

Essa visão determinista, em que a produção da vida material estabelece as demais esferas da vida social, vista como uma relação direta e "automática", apareceu em depoimentos dos professores entrevistados.

A excessiva ênfase no significado da determinação econômica atrofia a riqueza da inter-relação realidade/pensamento, constituindo-se, em última instância, numa abordagem "mecânica" da proposição de Marx. É interessante perceber que ela vem associada a um esforço dos docentes no sentido de superar a visão voluntarista, isolada, que ainda predomina no Serviço Social, por influência de seu passado histórico.

No Serviço Social, em todas as suas abordagens, inclusive na do Marxismo, sempre predominou uma tendência messiânica voluntarista, em que se enfatizava a dimensão subjetivis-
ta, procurando resgatar o papel do homem na construção da his-
tória, negligenciando o reconhecimento e a consideração do
movimento da sociedade como um processo que inclui determina-
ções objetivas, materiais.

Na tentativa de superar essa abordagem idealista da compreensão do processo histórico, o pêndulo inclina-se para

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA

a distorção oposta: a supervalorização da determinação econômica, resultante de leis naturais da produção capitalista "(...) dessas tendências que operam e se impõem com férrea necessidade"¹⁹. Nesse sentido, recupera-se, com ênfase, a concepção materialista da história que

"parte da tese que a produção, e com ela a troca dos produtos, é a base de toda a ordem social, de que em todas as sociedades que desfilam pela história, a distribuição dos produtos, e juntamente com ela a divisão social dos homens em classes ou camadas é determinada pelo que a sociedade produz e como produz e pelo modo de trocar os seus produtos."²⁰,

caindo na deformação contrária de compreender o desenvolvimento da sociedade enquanto algo independente da ação dos homens.

Torna-se visível essa pendência no desenvolvimento da disciplina Metodologia no Serviço Social, em alguns de seus vários tratamentos, quando se tende a incluir, privilegiadamente, em seu conteúdo, questões relacionadas à teoria do valor-trabalho em detrimento do debate dos outros dois "pés do tripé", igualmente considerados básicos para a compreensão do desenvolvimento da sociedade capitalista, segundo Marx.

Em alguns depoimentos, fica realçada essa ênfase fatalista, quando se afirma: "A base material é que 'faz a consciência', determinada pelas condições econômicas historicamente dadas, concretas. Isso eu tentei passar muito". E ainda: "O que é a dialética e as questões sobre a consciência, eu

não aprofundei mas enfatizei a questão do que é materialismo histórico".

Dentro deste enfoque, o segundo depoimento insiste:

"Os temas que eu trabalho e priorizo são os que te falei: a questão da história, a questão das relações sociais, compreender o que é materialismo. O materialismo histórico. Não falei sobre a dialética. Tenho a impressão de que eles já tinham visto. Talvez fosse bom falar mais. Sobre a questão das noções que priorizei, foram as econômicas principais, sobre mais-valia, trabalho excedente, trabalho assalariado, reprodução das relações de produção, reprodução da força de trabalho, trabalho socialmente necessário. Foi com essas categorias, mais ou menos com isso que a gente trabalhou."

Nesta entrevista, o professor reconheceu os limites de uma abordagem tendente ao "economicismo":

"Não digo que abordei somente esta dimensão econômica, não. Eu trabalhei muito a questão histórica, a compreensão da questão da relação de dominação. Marx fala da questão da consciência, mas eu teria que ter trabalhado mais isso. Porque pode parecer uma coisa muito determinista, quando ele fala, no Prefácio: o homem, quando ele nasce, já está determinado. Mas não foi bem isso. Eu tentei explicar isso na questão histórica, sobre a necessidade que ele tem da transformação, na medida em que vai tendo consciência. Mas a questão da práxis eu devia ter trabalhado mais, deixei escapar. Eu acho que tinha que trabalhar um pouco mais essa questão ideológica. Eu não soube trabalhar, tinha que ter um estudo maior, eu não sabia desenvolver melhor o tema."

No que se refere à bibliografia utilizada, alguns professores da disciplina demonstram um esforço real por leituras originais de Marx, evitando os intérpretes. Entretanto, a escolha dos textos que são priorizados vai na linha de reafirmar a perspectiva dominante no tratamento da Metodologia no Serviço Social:

"Eu coloco ênfase na questão do Prefácio à Contribuição à crítica da economia política. Acho que esse Prefácio é muito bom, como ainda a Introdução a crítica e o Método da economia política. Eu acho que esses são ótimos, tem que começar por eles. Colocaria o Método até para referendar que existe este Método, embora eles não vão ter compreensão, porque é impossível ter uma primeira leitura."

E ainda: "Recebi a indicação do texto Salário, preço e lucro, mas não o utilizei por não me sentir em condições de desenvolvê-lo".

Ainda que o processo da entrevista não tenha propiciado a possibilidade de se perceber com que nível de crítica esses textos são trabalhados, sabe-se que o "Prefácio", por exemplo, é considerado um texto que reforça a formulação da relação base/infra-estrutura abordada na sua vinculação direta e um pouco automática do econômico ao espiritual, ideológico. O caráter mais complexo que envolve essa relação e que implica não se considerar a superestrutura como mero reflexo passivo da infra-estrutura não é aí contemplado.

4.4.2 - VOLUNTARISMO: A HISTÓRIA REDUZIDA À CONSCIÊNCIA DOS HOMENS

O reverso dos exageros da concepção materialista da história, que exacerba o determinismo econômico, também se manifesta nos conteúdos da teoria social de Marx, repassados pela Metodologia no Serviço Social.

A expressão dessa outra parcialização da concepção de Marx está ligada à minimização do reconhecimento dos fatores econômicos, que enfoca, privilegiadamente, os fatores não-econômicos como determinantes no desenvolvimento da história. Assim, deixa-se de lado o sentido do desenvolvimento e o influxo das forças produtivas e das relações de produção, enfatizando-se o significado dos atos voluntários e das concepções morais, jurídicas, espirituais e outras, assim como as tradições culturais, históricas e religiosas características de cada momento histórico, como fatores de participação decisiva no desenvolvimento da sociedade²¹. A consciência e a vontade dos homens não aparecem como fator "interligado" ao movimento material, fundado nas relações de produção sociais, mas como algo isolado, com "existência própria". Uma passagem de Engels, em uma carta a F. Mehring, faz uma reflexão sobre esse tratamento "autônomo" dado à superestrutura e às questões da formação da consciência:

"A ideologia é um processo que é realizado com consciência pelo assim chamado pensador, mas com uma consciência falsa. As

autênticas forças propulsoras que o movem permanecem-lhe desconhecidas; senão, simplesmente não seria um processo ideológico. Ele se imagina, portanto, forças motorizas falsas ou aparentes."22

Continuando essa reflexão, Engels vai mostrar que, ao tratar-se de um processo intelectual, pode-se, confusamente, deduzir o conteúdo e a forma do pensamento como puros, sejam eles originários do seu próprio pensamento ou do pensamento de seus antecessores. E, a propósito, acrescenta:

"Ele (o pensador) trabalha exclusivamente com material intelectual, que ele ingenuamente acredita ser criado pelo pensamento e nada mais, sem imaginar uma origem mais longínqua, independente do pensamento; para ele isso é óbvio, pois para ele, toda ação humana, porque mediada pelo pensamento, também parece, em última instância, fundamentada no pensamento."23

Os professores entrevistados não desconhecem as "forças propulsoras" que determinam a consciência, mas trabalham, ao nível da transmissão do conteúdo da disciplina, sem apontá-las e sem refletir sobre elas. Muitas vezes, ainda, eles as explicitam, mas com uma visão

"não dialética, de causa e efeito, como pólos opostos de modo rígido, com o esquecimento absoluto da interação, (...) esquecem com frequência e quase deliberadamente que um elemento histórico, uma vez posto no mundo, através de outras causas, econômicas, no final das contas, agora também reage sobre a sua circunstância e pode reatuar até mesmo sobre as suas próprias causas."24

Ao se isolar esse elemento histórico, deforma-se o ponto de vista de Marx, tornando-se sua proposição abstrata, idealista e vazia de sentido. Esta perspectiva deformada é, algumas vezes, claramente explicitada:

"Eu acho que eu tento privilegiar muito mais a questão do homem na sua posição histórica, do que privilegiar essa instância mais do econômico. Praticamente eu não abordo essas questões."

O econômico parece passar fora da história. Trabalha-se a história, mas não passando pelas determinações da base material, o que representaria a negação da própria visão de história em Marx.

Em outras colocações, não se afirmou, explicitamente, a opção por esse privilégio. No entanto, na medida em que a abordagem da disciplina se limita a colocar somente essa dimensão, ela adquire uma relevância preponderante:

"Eu estou preocupada em que a gente resgate a condição nossa, e de cada aluno, enquanto ocupante de um lugar concreto, determinado, definido no mundo, e pensando tudo. Isto é que é o pensar o cotidiano."
(Grifo meu)

E mais:

"O cotidiano não é a gente saber a priori o que que é a classe trabalhadora. Porque o conceito de classe existe enquanto conceito, mas precisa de que a gente aproxime de um real, de uma expressão dessa clas

se, naquela realidade específica. E isso a gente só vai poder criar condições para o nosso aluno fazer também, se a gente ativar novamente o metabolismozinho que temos, que é de pensar a gente no mundo, pois não estamos habituados a pensar. Es se eu tenho como principal objetivo."

Ou ainda:

"O que eu tento passar, o que eu acho que é fundamental, são aquelas questões mais básicas. Quer dizer, que é o papel, no caso do assistente social, um compromisso com as classes oprimidas, (...) essa questão do próprio papel, que Gramsci chama de intelectual. Essa questão do compromisso, que eu acho que ele coloca de uma forma bastante clara. E essa coisa da instância, da superestrutura. Eu acho que é fundamental recuperar uma visão mais cultural."

Observa-se uma certa confusão na idéia de pensar o cotidiano, enfatizando o pensar como uma dimensão apenas subjetiva. A idéia de cotidiano, que poderia resgatar a dimensão histórica, a historicidade deste cotidiano, não é explorada nessa dimensão.

Por outro lado, enfatiza-se a questão do "compromisso", que é visto como produto de uma decisão individual. O papel do profissional vem, por sua vez, confundido com a noção de intelectual orgânico, que, segundo Gramsci, se refere ao Partido, enquanto intelectual coletivo.

Numa terceira colocação, um entrevistado manifestou a intenção de combater todas as formas do mecanicismo e de não aceitar nem a determinação econômica como fator único nem

"o homem sendo mago diante do mundo, como o mago Merlin faz. Balança a varinha e \bar{e} ". Entretanto, ao não explicitar a ação combinada, em diferentes gradações, dos fatores que participam do desenvolvimento da sociedade, a abordagem, nesse caso, como manifestada na entrevista, caiu na sobredeterminação da dimensão subjetiva.

Esse tratamento representa uma certa continuidade, agora dentro da "perspectiva marxista", da visão humanista pre dominante, historicamente, no Serviço Social e que encontrou, mais recentemente, nas lições de Paulo Freire, a sua reciclagem. Tal antecedente humanista, que pretende "valorizar" a ação dos homens, ressalta outra deformação: trata-se da abordagem do papel histórico dos homens, considerados, muitas vezes, como indivíduos e não como sujeitos históricos - as clas ses sociais.

4.4.3 - CIENTIFICISMO OU A NEGAÇÃO DA VINCULAÇÃO DA CIÊNCIA À TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

Recuperar Marx, discutir o Marxismo e, prin cipalmente, trabalhar com preocupações mais ligadas a extrair dele o que ele tem de "poder explicativo" da sociedade, não--alicerçado num arcabouço teórico que, no fundamental, aponta para a perspectiva de superação dessa sociedade, na visão do socialismo e do comunismo, configura-se como outra distorção presente no conteúdo da disciplina Metodologia no Serviço So- cial.

Com freqüência, enfatizam-se, em Marx, aqueles aspectos que caracterizam sua preocupação com as questões ditas "científicas". Percebe-se, assim, uma inquietação diante da discussão em torno do conhecimento, da ligação do sujeito que conhece e estabelece uma relação dialética de análise e ação com o objeto do conhecimento, sem, entretanto, ressaltar o vínculo dialético entre a produção desse conhecimento científico e a possibilidade de transformação da sociedade.

Marx assumiu a perspectiva dialético-materialista, analisando concretamente a sociedade burguesa. Para ele, existe uma relação íntima entre a análise dialética e materialista de história e a análise do desenvolvimento da sociedade burguesa, sendo razão da primeira o ter propiciado elementos para a formulação da segunda e, ao mesmo tempo, o ser consequência desta. Portanto, a concepção de método e suas categorias é "produto" criado nessa própria sociedade, possibilitando uma análise que viu.

"o que era 'invisível' para a economia política burguesa: o segredo da teoria do valor em Marx, de sua análise do dinheiro, de sua teoria do capital, da taxa de lucro, e, por conseguinte, de todo o sistema econômico atual, é o caráter perecível da economia capitalista, seu desmoronamento e, por conseguinte-(...) o objetivo final socialista."²⁵

Essa possibilidade existiu por ser a sociedade burguesa uma sociedade de classes, cujo desenvolvimento foi gerando determinadas necessidades no interior dessas classes, en

BIBLIOTECA DE ECONOMIA DA UNICAMP

tre elas a sua própria negação e superação. Nesse sentido, somente porque assumiu um ponto de vista de classe, que via o capitalismo como antecedente do socialismo, é que Marx pôde chegar às conclusões a que chegou. Sua crítica básica à impossibilidade da ciência social neutra reside nesse ponto, que só tem a ver com a sociedade de classes.

Enquanto essa ênfase nas questões da produção científica, desvinculando-as do desenvolvimento da sociedade que se transforma, foi assumida por "marxistas" como Bernstein, Kautsky e outros, com todo um fundamento baseado na descrença da dialética, numa visão estática e justificadora do desenvolvimento do capitalismo, o discurso dos docentes ouvidos não expressa o entendimento do significado dessa opção feita na prática da transmissão dos conteúdos da disciplina em pautas. Por isso, enquanto para aqueles a opção pelo socialismo tinha que vir ligada a definições de caráter ético, nos depoimentos dos docentes a idéia de transformação social aparece como uma definição mágica, oca, moral e não, como um problema histórico.

Ao se verificar um distanciamento entre a discussão da produção do conhecimento e a perspectiva da revolução em Marx, a própria reflexão em torno das questões desse conhecimento e do método tendem a ficar "soltas", Assim, sem maior ligação com a visão mais totalizadora da perspectiva de Marx, aparecem uma ênfase na dimensão do pensar, uma posição de crítica ao empirismo, uma explicitação de categorias isoladas apontando na direção do método, uma preocupação isolada com

a "postura" do investigador que assume essa perspectiva, com os códigos de linguagem, entre outras questões.

A ênfase na dimensão do pensar a sociedade, no repasse da teoria social de Marx, caracteriza-se, nos depoimentos, como "contraponto" à tônica da ideologia dominante na sociedade:

"Eu acho que esse é um dos grandes riscos. Tudo conspira contra o que a gente pensa. Parece paranóia, mas a sociedade não está armada para favorecer as condições de pensar. Pelo contrário, a sociedade está armada para que a gente cumpra coisas, para que a gente saia fazendo o que a televisão manda, fazendo o que o imediato coloca. E se torna um pouco mais confortável. O outro caminho é mais difícil, que é o de tentar mediatizar outras formas, de chegar a propor alternativas, a propor soluções, encaminhar outra coisa que seja."

Na formação profissional, essa questão assume uma significação maior pelo fato de o Serviço Social ser, historicamente, uma prática instrumentalizadora. Essa tendência fica evidenciada, neste depoimento de um docente:

"A ênfase maior se deve, talvez, para tentar garantir ou minimizar os riscos que a gente corre, porque há uma tendência muito forte, tudo convida a se enveredar novamente pelo caminho do instrumental, do conjunto de técnicas, ou seja, do fazer. Porque a demanda que os alunos colocam quando estão na prática, como também os profissionais que vêm realizar cursos de extensão, é o fazer." (Grifo meu)

Em outro depoimento, vê-se a preocupação de não reduzir a reflexão em torno do conhecimento à mera instrumentalização: "Basicamente, o que a gente pretende repassar é, primeiro, aquela questão, mais de princípio mesmo, de que o método não se reduz a uma técnica, não se reduz a procedimentos e a instrumentais".

Referindo-se à relação instrumental/método e sua vinculação com a opção teórica que a subsidia, um professor afirma:

"A questão principal é essa de passar essa visão para os alunos, fazer essa discussão de que, na verdade, a estrutura metodológica é fundamental no momento em que é ela que viabiliza uma determinada proposta metodológica mais ampla. E com isso a gente quer dizer, inclusive, que o instrumental, que os procedimentos da ação profissional não são neutros e não são técnicas meramente neutras. Mas que as técnicas são utilizadas de acordo com a maneira como elas são pensadas, como elas são buscadas e até de acordo com a maneira como elas são utilizadas. Essa é uma das questões fundamentais que a gente aborda na disciplina." (Grifo meu)

A preocupação com a dimensão "subjetiva" do conhecimento vem também associada a uma crítica ao empirismo. Esta é extremamente acentuada, e assim enunciada por um entrevistado:

"O que eu quero é chamar a atenção dos alunos para a postura dos estudiosos ou dos pesquisadores que buscam apenas o dado empírico, o aparente, etc. É uma postu

ra que compreende o conhecimento a partir do abstrato, ou seja, do indefinido, daquilo que é superficial, é vazio de sentido. O que eu quero dizer é que com relação a essa discussão e ao marxismo, o que se busca é debater a questão do abstrato e do concreto, ou seja, você só concretiza uma determinada ação - inclusive no seu cotidiano profissional -, se esta ação é fundamentada pela preocupação com o desvendamento, com a busca do significado, ou seja, com a concretização dos fenômenos. E não apenas através do empirismo. Parece que, de maneira fundamental, é isso."

É interessante notar que em Marx não há uma crítica profunda ao empirismo, como ele o fez ao idealismo. A sua obra expressa, de fato, uma posição antiempiricista, mas, muito mais, em "estado prático". Isso não quer dizer que sua obra foi antiempírica, pois recobra muitos elementos desta posição, como a preocupação de contraposição ao apriorismo, o redimensionamento do sensível, a rejeição à abstração metafísica, a valorização de um certo nível de indutivismo, etc.

Na verdade, alguns autores defendem que tanto o empirismo como o racionalismo tiveram "ressonâncias" na obra de Marx.

Henrique Lima Vaz situa a teoria do conhecimento desse filósofo como condicionada "pelo grande confronto que atravessa a filosofia moderna entre o empirismo e o racionalismo"²⁶. Dessa forma, caracteriza Marx como herdeiro de Hegel, pois, ao aproximar-se criticamente de sua obra, se inspira na dialética deste. Neste sentido, sofre ele a influência de todo um racionalismo que culmina em Hegel. Afirma o mesmo autor, por outro lado, que

"Marx acompanhou a crítica feita ao racionalismo hegeliano por Feuerbach, que tentou de certo modo fazer reviver dentro desse racionalismo a tradição empirista. Ele opôs a concepção hegeliana da dialética, eminentemente racionalista, uma concepção empirista, com a revalorização do sensível frente ao racional."²⁷

E ainda, que os economistas políticos ingleses que tiveram uma ascendência sobre o filósofo também transpiravam uma forte tradição empirista.

Toda a obra de Marx discute e coloca essas questões, resgatando criticamente suas contribuições e, muitas vezes, contrapondo-se a elas. Por isso, não se pode falar que ele é um racionalista nos moldes hegelianos, nem um empirista tipo feuerbachiano ou, menos ainda, um empirista da linha direta do empirismo inglês. É no

"entrecruzamento destes dois caminhos (...) que se situa a originalidade epistemológica do pensamento de Marx. (...) Quem quiser estudar a sua teoria do conhecimento, deve levar em conta o fato de que ele procurou manter as exigências do racionalismo dentro de uma revalorização do empírico, que lhe parecia essencial para o seu propósito, não só de pensador mas, sobretudo, de homem de ação e de reformador social."²⁸

No que se refere à reflexão propriamente dita, sobre o método, encontra-se, de modo extensivo, o trabalho com algumas categorias isoladas, sem a preocupação de obtenção de uma visão de conjunto da trajetória metodológica proposta por Marx.

Esta fala revela isso:

"Pegando a Introdução à economia política, eu tento recuperar, como base para a gente avançar, a questão do real, do abstrato, esta relação. (...) É a construção do concreto pensado, a questão do real ser pressuposto efetivo, a questão de que o concreto pensado passa pela elaboração do pensamento, mas não é a própria realidade. Essa discussão é que eu tento recuperar, esse tipo de entendimento. Eu acho que faço alguns avanços, mas a batalha é difícil. Os alunos têm uma profunda dificuldade de entender esta diferença. E, ao meu ver, se você não entende isso, por exemplo, todo o mais está prejudicado. Então esta é a discussão que tento recuperar primeiro. Bem esta é uma. Eu diria que esta é a principal. E, em muitas turmas, muitas vezes não se avança mais além disto."

Dessa forma, não se repassa, nem minimamente, a perspectiva de construção da explicação, a totalidade da visão através da qual Marx explica um fenômeno ou a sociedade e seu desenvolvimento. O fato de virem isoladas entre si e do contexto teórico histórico de sua produção torna essas categorias "naturalizadas", ou seja, leva a uma perda real do seu caráter histórico concreto.

Notas

- ¹ Trata-se de dois livros de Paulo Freire que foram amplamente divulgados entre educadores e profissionais da área social, nesse período.
- ² CARVALHO, Raul e IAMAMOTO, Marilda. Relações sociais e serviço social no Brasil. São Paulo, Ed. Cortez, 1982, p. 372.
- ³ Idem, *ibidem*, p. 367.
- ⁴ Louis Althusser e Marta Henecker representam posições que influenciaram fortemente toda uma geração, nos finais dos anos 60 e início dos 70. Os seus livros foram lidos por muitos dos profissionais que, naquele momento, estavam atentos à proposição marxiana.
- ⁵ O currículo mínimo aprovado pelo Conselho Federal de Educação - MEC, em 1982, coloca as disciplinas Metodologia, História e Teoria do Serviço Social como três disciplinas autônomas, o que colabora para a deformação e abordagem segmentada dessas três dimensões de análise inseparáveis.
- ⁶ Historicamente, a discussão da questão da Metodologia no Serviço Social era feita através das disciplinas Serviço Social de Casos, Serviço Social de Grupo e Organização e Desenvolvimento de Comunidade, ou Serviço Social de Comunidade, como mais recentemente foi denominada.

- 7 Esta obra, Dialética do Concreto, foi publicada no Brasil, 3.ed., Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1985, em tradução de Célia Neves e Alderico Toríbio.
- 8 Trata-se da 4^a edição da obra editada pela Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, em 1981, em tradução de Carlos Nelson Coutinho.
- 9 Gaston Bachelard tem uma trajetória intelectual ligada à reflexão das interpretações racionalistas, revelando uma posição que reflete preocupação com questões da produção científica - "observação carregada de teoria, que emerge mais além da generalização de observações". Entre outras, preocupou-se com a questão do saber absoluto, preferindo um posicionamento aproximativista e probabilístico do conhecimento. Também a idéia de "corte epistemológico", que, posteriormente, foi resgatada por Althusser, tem em Bachelard a sua origem, quando ele trabalha as suturas entre empírico científico e pré-científico.
- 10 Evoca-se aqui o livro já citado, Relações Sociais e Serviço Social no Brasil. (Ver nota 2.)
- 11 O livro referido de Miriam Limoeiro Cardoso é Ideologia do Desenvolvimento Brasil: JK - JQ.

- 12 Estes textos já foram publicados em diferentes edições. Para situar algumas delas, podem-se citar:
- MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. "Manifesto do partido comunista". In: FERNANDES, Florestan (org.). Marx e Engels. 2.ed. São Paulo, Ed. Ática. 1984.
- MARX, Karl. Contribuição à crítica da economia política. 2.ed. São Paulo, Ed. Martins Fontes, 1983.
- 13 KONDER, Leandro. A derrota da dialética. Rio de Janeiro, Ed. Campus, 1988, p. 197.
- 14 Idem, ibidem, p. 180.
- 15 Ver, a propósito, as notas 4 e 16.
- 16 A referência diz respeito ao livro Princípios fundamentais de Filosofia, de Guy Besse e Maurice Caveing. São Paulo, Editora Hemus. Nesse livro, os autores retomam as lições de Georges Politzer sobre as concepções de Marx.
- 17 KONDER, L. Op. cit., p. 183.
- 18 LENINE, V.I. "As três fontes e as três partes constitutivas do marxismo". In: LENINE. Obras escolhidas 1. 3.ed. São Paulo, Ed. Alfa-Omega, 1986, p. 38.

19 MARX, Karl. O Capital. 16.ed. Tomo I, vol. 1. México, Ed. Siglo XXI, 1987, p. 7.

20 ENGELS, Friedrich. Do socialismo utópico ao socialismo científico. 9.ed. São Paulo, Ed. Global, 1988, p. 54.

21 O termo voluntarismo parece que foi usado pela primeira vez por Ferdinand Tönnies (1855-1936), que foi dos grandes "inspiradores" das reflexões que o Serviço Social fez, durante grande parte de sua história, sobre a questão comunidade. Sua preocupação se ligava à compreensão de dois tipos fundamentais de organização social: a comunidade, como uma organização "natural", espontânea, baseada na sociabilidade do homem, e a sociedade, organização social "artificial", contratual, baseada em relações não-diretas entre os homens.

O voluntarismo pode ser visto como uma perspectiva teórica que dá ênfase à ação do homem como voluntária, que se diferencia de algo planejado, determinado, ou seja, que se desvincula de determinações objetivas oriundas da base material. Ferrater Mora apresenta uma exemplificação que ajuda a clarear essa questão: "Se, por exemplo, Sebastião empurra a Paulo, isto é uma ação que executa Sebastião, e é uma ação porque Sebastião empurra a Paulo voluntariamente. O fato de que Sebastião empurre a Paulo é, segundo ele, um mero acontecimento e Sebastião não executa a ação voluntariamente - por exemplo se Sebastião empurra a Paulo por-

que foi empurrado por sua vez por Ricardo". (MORA, Ferrater. Dicionário de Filosofia. 5.ed. Espanha, Alianza Editorial, 1984, p. 3466.

- 22 ENGELS, Friedrich. "Derivação, ação recíproca e causação em uma perspectiva dialética - Carta a F. Mehring". In: FERNANDES, Florestan (org.). Marx e Engels. 2.ed. São Paulo, Ed. Ática, 1984, p. 465.
- 23 Idem, ibidem, p. 465.
- 24 Idem, ibidem, p. 466.
- 25 "LÖWY, Michael. Método dialético e teoria política. 3.ed. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1985, p. 96.
- 26 VAZ, Henrique Lima. Sobre as fontes filosóficas do pensamento de Karl Marx. Boletim SEAF/MG, nº 2, Belo Horizonte, 1982, p. 8.
- 27 Idem, ibidem, p. 8.
- 28 Idem, ibidem, p. 8.

5

NOTAS FINAIS OU INTRODUTÓRIAS DE UMA NOVA VIAGEM

A reflexão que este trabalho propiciou a partir da minha própria experiência docente e da de outros colegas, não pretende apontar conclusões acabadas, mas destacar elementos que fizeram avançar esta reflexão e oferecer pistas para novas viagens.

O fato de esta trajetória ter permitido toda uma revisão crítica, não me levou, porém, a uma posição de "juiz" que, de fora, aponta deficiências, lacunas, mas à de alguém que se sente participante, inserido nos mesmos impasses. Em nenhum momento, coloquei sub judice o desempenho — o meu e o dos demais — como docentes; no entanto, procurei sempre ressaltar elementos constitutivos do pensamento social, que são transmitidos historicamente e que vão se manifestar no cotidio pedagógico de todos nós.

Na desmontagem das deformações assimiladas representa um papel fundamental a reflexão sistemática de todo o seu processo gerador, e é para ela que este estudo pretende contribuir. Nesse sentido, constitui-se num esforço inicial de questionamento de algumas idéias cristalizadas que são incorporadas em cada experiência e que permeiam a compreensão da problemática mais ampla, objeto deste trabalho.

Do processo vivido, de início de desvendamento desas cristalizações, gostaria de realçar algumas descobertas.

A proposição marxiana e o positivismo são pólos opostos de uma mesma relação.

A percepção mais generalizada dessa relação, encontrada em grande parte dos depoimentos trabalhados, situa ambos simplesmente como pensamentos que se opõem.

Na verdade, a formulação marxiana contrapõe-se ao pensamento positivista. São correntes de pensamento de origens antagônicas e que informam concepções distintas de conhecimento. A existência de ambas, como opostos, situa-as numa relação de influência, que é conformada pela existência necessária dos dois pólos geradores destas correntes de pensamento: um vinculado aos interesses do desenvolvimento do capital e o outro, à emancipação do trabalho. Assim, a localização e existência de um desses pólos exige a localização e existência do outro e, nesse movimento, os dois se referenciam como opostos.

No entanto, em sua trajetória histórica, o Marxismo ou os marxismos foram "assimilando" aspectos próprios de uma ótica positivista. Esses aspectos, produtos de leituras positivadas, na maioria não-presentes no pensamento marxiano, foram sendo repassados historicamente. Pode-se, pois, dizer que a tradição marxista e o Positivismo não têm apenas uma relação de contraposição. A tradição marxista, em várias de suas vertentes, referencia e incorpora elementos do Positivismo, não os negando, mas assimilando-os como próprios.

Entre eles, este trabalho chamou a atenção para o

o fenômeno da "naturalização" das leis que regem a sociedade como uma perspectiva própria do Positivismo, que, ao ser "assimilada" pelo Marxismo, gera a distorção, entre outras, de supervalorizar o econômico como gerador do movimento da sociedade "independentemente" da ação dos homens, como um fenômeno resultante de "geração espontânea", "natural". E, nesse mesmo sentido, leva ao seu reverso: a supremacia dos fatores não-econômicos como determinantes da história, também assumidos como algo dado.

O entendimento da sociedade justificada por leis naturais é um fenômeno que percorre grande parte das explicações dadas pelos docentes ouvidos, ainda que no nível do discurso isso seja negado. Essa perspectiva se expressa, numa "resignada auto-restrição do pensamento" ao fato e ao dado, ligada a uma não-preocupação efetiva com o reconhecimento das diferentes determinações que conformam as questões analisadas. Como exemplo, recorde-se a explicação da origem da disciplina Metodologia no Serviço Social, considerada pela grande maioria dos entrevistados como algo apenas determinado pela sua inserção no currículo mínimo da formação profissional, exigido pelo Conselho Federal de Educação - MEC.

Esta visão dos fenômenos como algo dado vem sempre associada a uma linearidade na explicação destes. Nunca se contempla o movimento mais complexo de inter-relação de elementos, necessário para uma aproximação mais total à explicação desses mesmos fenômenos. A análise realizada por grande parcela dos entrevistados não reflete o movimento dialético

do real, o movimento da sociedade capitalista, anunciado no nível do discurso teórico.

A adoção da visão determinista, em que a produção da vida material determina as demais esferas da vida social, abordada deformadamente como uma relação bastante automática entre estrutura e superestrutura, aparece como uma tentativa de superação da abordagem idealista. Esta última é herdeira de toda a trajetória histórica do Serviço Social.

No entanto, ainda que representa uma tentativa que busca contemplar a dimensão do significado das determinações objetivas, materiais, cai em idêntica abordagem unilateral. Reconhecendo que a superação dessa limitação estaria num tratamento que contemplasse a relação de ambas as dimensões mutuamente influentes, em seu dinamismo próprio, acredita-se que aquele esforço, ainda que unilateral, chama a atenção para a existência dessa dimensão não contemplada predominantemente pelo Serviço Social. E vai questionar, no seu bojo, um certo nível de continuísmo que a abordagem voluntarista traz consigo, perenizando enfoques, cuja origem remonta, muitas vezes, ao caráter "educativo idealista" e "romântico"¹ que a profissão, pragmaticamente, sempre teve por influência da sua vinculação humanista à Igreja, ou, ainda, por uma influência mais liberal de "bem-estar social", considerado como bem-estar de indivíduos e grupos.

Numa primeira aproximação ao objeto, acreditava-se que a tendência mais predominante na abordagem da proposição marxiana estava ligada à distorção "economicista". No entan-

SECRETARIA DE ECONOMIA E FINANÇAS
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA
CENTRO DE ESTUDOS E DOCUMENTAÇÃO
ECONOMICA

to, a realidade investigada revelou uma tendência contrária. No quadro das distorções do repasse da teoria marxiana, ainda é dominante, no Serviço Social, a perspectiva voluntarista.

Em ambas as situações, existe pouca percepção e crítica quanto ao fato de serem as duas abordagens unilaterais do pensamento marxiano. Nesse sentido ainda, é interessante notar que os profissionais que assumem a perspectiva voluntarista "crêem estar ampliando" o pensamento de Marx, ao trabalhar sobretudo as questões da cultura e da consciência, entre outras.

Também nas duas distorções unilaterais, descarta-se uma visão classista, ou seja, a questão da luta de classes. Ao se assumir uma visão voluntarista, conscientizadora, idealista, abandona-se a perspectiva da luta de classes que implica determinações objetivas e subjetivas e que se constitui num dos pilares da compreensão marxiana do movimento real da sociedade capitalista. Esse mesmo esvaziamento se dá ao se privilegiar, isoladamente, a determinação econômica, pois isso leva a uma secundarização, ou seja, a abstrair o homem de sua dimensão de sujeito histórico, colocando a sociedade como produto independente da ação dele, numa colocação, em última instância, própria do Positivismo: a de uma "sociedade regida por leis naturais".

O repasse unilateral da proposição marxiana, inclusive sem percepção dessa unilateralidade, tem como desdobramento o fato de transmitir, de modo igualmente unilateral e precário, uma perspectiva de análise da sociedade capitalis-

ta e de seu fim último, a superação dessa sociedade com vistas à construção da sociedade comunista. Assim, ainda que os docentes expressem, no nível do discurso, uma preocupação com a transformação da sociedade, isso não vai ser expresso em nível de repasse da disciplina. Tudo isso porque nem com "economicismo" nem com "voluntarismo" se alcança a revolução social.

Ao incorrer nessas distorções, toda a reflexão em torno do conhecimento do ponto de vista marxiano afasta-se de seus princípios. Sem esses, as questões do conhecimento por eles postas ficam desvinculadas, ganhando "vida autônoma", como no Positivismo.

A formação docente a que se submeteu a grande maioria dos professores que hoje assume docência nas Universidades brasileiras não fugiu a toda essa influência deformadora. A aproximação ao marxismo, em grande parte das situações, se deu via militância político-partidária e recebeu toda a influência do movimento social, que, além de sensivelmente marcado pelo anarquismo e pelo stalinismo, foi agravado pelo clima de obscurantismo, resultante do golpe de 1964. Com essas influências, a formação docente, no que se refere a uma aproximação ao pensamento de Marx, trabalhou mais as interpretações e críticas à teoria e à prática marxista que a sua proposição original.

Essa deformação se fez presente também na formação docente recebida na Universidade, pela qual perpassavam as mesmas forças presentes no movimento social. Nesse sentido, em

função do Movimento de 68, na França, desenvolveu-se toda uma orientação althusseriana, que enfatizava, na sua leitura de Marx, as questões epistemológicas em detrimento das ontológicas, "positivizando" a proposição marxiana, que não dá esse tratamento separatista à relação ciência e ideologia. Esta, ao ser assimilada pelo Serviço Social, rebate, entre outros, um "metodologismo" pseudo-marxista.

Por tais características, que deram a tônica da introdução das idéias de Marx no Brasil, e, ainda, pelas influências positivistas que marcaram os seus primeiros desdobramentos, no século passado, a ressonância no Serviço Social tendeu a ficar mais no nível do discurso, que, propriamente, a modificar a análise e a interpretação que os Assistentes Sociais fazem da sociedade e a sua conseqüente ação sobre esta mesma sociedade.

As análises realizadas pela grande maioria dos pesquisadores revelou aspectos isolados da compreensão das questões inquiridas, não apontando as múltiplas relações que cada uma delas envolve, nem as localizando no contexto social e histórico em que se inserem.

Nessa linha de incompreensões na escolha dos autores a serem trabalhados, não se tem clareza no que se refere à sua contribuição para o entendimento da proposta marxiana, faltando-lhes uma visão do cenário do debate no âmbito do marxismo.

Em algumas situações, o docente introduz determinados autores, acreditando serem intérpretes de Marx, quando,

muitas vezes, o único ponto de confluência que eles têm com o pensamento marxiano está na sua disposição de contestação e crítica às posições idealistas e positivistas. Em outras, ele opta por autores que ampliam alguma dimensão de reflexão feita por Marx, embora, com freqüência, secundarizem outras perspectivas significativas que completam sua formulação.

A opção pelo "Manifesto Comunista" como o texto mais utilizado na disciplina, revela o ponto de entendimento da obra de Marx por parte da maioria dos docentes. No entanto, essa obra tem um sentido mais orientado para o chamamento à organização no movimento operário e para a aglutinação dos representantes de sindicatos em torno da Associação Internacional de Trabalhadores, que emergia naquele momento, que para a penetração nos meandros da compreensão do conjunto do pensamento marxiano.

A "Contribuição à crítica da economia política" e a "Introdução à crítica da economia política", que, nessa ordem, também são bastante utilizadas, têm sua razão de ser no entendimento das questões do método em Marx. Esses textos exigem, porém, outras leituras concomitantes, que permitirão visualizar a complexidade e a abrangência da contribuição de Marx. No entanto, na medida em que estas não existem, ou não se fazem, levam a um reducionismo da visão do filósofo.

Como é bastante frágil o entendimento das diferentes interpretações que se fazem das idéias de Marx, trabalha-se indistintamente com textos dele e de seus intérpretes. A situação se agrava quando se desenvolvem estudos sem nenhuma

recorrência a textos originais de Marx. Com isso, o seu pensamento é captado como se fosse de seu intérprete, com todas as reduções conseqüentes.

Fica aí estabelecido o enorme distanciamento entre a interpretação reducionista assimilada como se fosse a própria proposição marxiana e a obra de Marx, que por sua vez, conjuga uma série de outras influências, que remontam a fontes anteriores ao idealismo alemão, à economia clássica e ao socialismo utópico.

A análise dessas questões está dando início a um debate sobre os diferentes marxismos e seus significados. Entretanto essa polêmica não está posta na maioria das Unidades de Ensino, o que implica que a assimilação das deformações das leituras e continua feita acriticamente, como se todas representassem igualmente o pensamento de Marx.

A superação de tais incompreensões, que têm ressonância na formulação e encaminhamento da disciplina analisada, não passa apenas pela recorrência a uma busca constante de permanente formação crítica nem pela mera aproximação individual às fontes. Ela se caracteriza como um produto social, parte de um movimento da sociedade que vai desvendando, clareando as diferentes visões, e permitindo a sua identificação tanto ao nível do significado teórico como ao do prático. Nesse movimento, como sujeitos ativos, os cidadãos/profissionais, entre eles o Assistente Social, também produtos de uma forma historicamente determinada de sociedade, que contribuem, com sua parcela, para aquele desvendamento.

As questões discutidas neste trabalho levaram-me a uma reflexão sistemática que, neste momento, poderiam me predispor a um novo começo.

Nota

¹ A ação no Serviço Social apresentou sempre uma tendência a dar uma ênfase significativa à dimensão educativa nela embricada, considerada, no entanto, idealisticamente, como processo de modificação de consciência desvinculada da base material que a sustenta. O "romântico", aqui, abrange desde uma acepção da ação profissional assumida de modo sentimental e baseada em "impressões", até uma visão do "romantismo" segundo Lukács, por exemplo, que o relaciona com uma postura anticapitalista. Michael Löwy, em "A crítica romântica da civilização capitalista e sua relação com a cultura católica" (ver: Serviço Social e Sociedade, nº 28, São Paulo, Ed. Cortez, 1988, p. 127-154), desenvolve uma reflexão sobre o romantismo e sua vinculação, desde suas origens, à cultura católica, em que demonstra que ele é uma forma cultural que critica o desenvolvimento da sociedade capitalista e que pode assumir tanto uma postura conservadora, na medida que a recusa para restaurar o passado, as relações feudais, a dominância da Igreja, como uma posição revolucionária, de superação dessa sociedade, numa perspectiva do so

REPRODUÇÃO DE TEXTO
PROIBIDA SEM A PERMISSÃO
DA EDITORA

cialismo. Nesse sentido, afirma Löwy: "Não é uma volta ao pas sado, mas uma volta pelo passado, em direção ao futuro". So- mente nas duas últimas décadas é que, dentro do Serviço Soci- al, se tornou mais nítida esta segunda possibilidade. A idéia de socialismo, com múltiplas visões, está presente enquanto, até este momento, a tendência era alicerçar-se na Doutrina So- cial da Igreja, presa ao passado ou tendo como inspiração a "máxima" de "nem comunismo nem socialismo", mas uma terceira: a via da democracia cristã.

Essa questão é tão próxima do Serviço Social que, mais uma vez, se pode lembrar de Ferdinand Tönnies, sociólogo alemão, cuja influência marcou o Serviço Social, principalmen- te no que se refere à visão de "comunidade", com a qual essa profissão trabalhou durante grande parte de sua trajetória. Tönnies é uma expressão do "romantismo" nas ciências sociais, quando, ao confrontar "comunidade" e "sociedade", enfatiza que, na primeira, se recuperariam relações humanas diretas, não utilitaristas, obtidas pela vivência em pequenos grupos. O seu ideal está na recuperação dessas relações opostas às que dominam o conjunto da vida social sob o capitalismo.

6

BIBLIOGRAFIA

- ABESS - Associação Brasileira do Ensino de Serviço Social. A metodologia no Serviço Social. Cadernos Abess, nº 3. São Paulo, Ed. Cortez, 1989.
- ANDREUCCI, Franco. A difusão e a vulgarização do Marxismo. In: HOBSBAWN, Eric J. História do Marxismo - o Marxismo na época da II^a Internacional (primeira parte). 2.ed. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1985, v. 2.
- ARATO, Andrew. A antinomia do Marxismo clássico: Marxismo e filosofia. In: HOBSBAWN, Eric J. (org.). História do Marxismo - o Marxismo na época da II^a Internacional (terceira parte). 2.ed. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1986, v. 4.
- BERNSTEIN, Eduard. Las premisas del socialismo y las tareas de la social democracia. Madrid, Ed. Siglo XXI, 1982.
- CARVALHO, Raul & IYAMAMOTO, Marilda. Relações Sociais e Serviço Social no Brasil. São Paulo, Cortez, 1982.
- COMTE, Auguste. Curso de filosofia positiva. In: Comte. São Paulo, Editora Nova Cultural, 1988. (Pensadores)
- _____. Discurso preliminar sobre o conjunto do positivismo. In: Comte. São Paulo, Editora Nova Cultural, 1988. (Pensadores)

- _____. Metodologia das Ciências Sociais. In: MORAES FILHO, Evaristo (org.). Comte. 2.ed. São Paulo, Ed. Ática, 1983.
- _____. Sociologia - conceitos gerais e surgimento. In: MORAES FILHO, Evaristo (org.). Comte. 2.ed. São Paulo, Ed. Ática, 1983.
- COUTINHO, Carlos Nelson. O estruturalismo e miséria da razão. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1971.
- DURKHEIM, Émile. As regras do método sociológico. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1987.
- _____. O que é fato social? In: RODRIGUES, José Albertino (org.). Durkheim. São Paulo, Ed. Ática, 1988.
- _____. Julgamentos de valor e julgamentos de realidade. In: RODRIGUES, José Albertino (org.). Durkheim. São Paulo, Ed. Ática, 1988.
- _____. Divisões da sociologia: as ciências sociais particulares. In: RODRIGUES, José Albertino (org.). Durkheim. São Paulo, Ed. Ática, 1988.
- ENGELS, Friedrich. Anti-Düring. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1976.

- _____. Derivação, ação recíproca e causação em uma perspectiva dialética. In: FERNANDES, Florestan (org.). Marx e Engels. 2.ed. São Paulo, Ática, 1984. (História)
- _____. Dialética da natureza. Rio de Janeiro, Ed. Leitura, s.d.
- _____. Do socialismo utópico ao socialismo científico. 9.ed. São Paulo, Ed. Global, 1988.
- _____. Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã. In: Marx e Engels. Textos. Nº 1, São Paulo, Ed. Sociais, 1977.
- FERNANDES, Florestan (org.). Introdução. In: Marx-Engels. São Paulo, Ed. Ática, 1984. (História)
- FETSCHER, Iring. Karl Marx e os marxismos. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1963.
- _____. Bernstein e o desafio à ortodoxia. In: HOBSBAWN, Eric J. (org.). História do Marxismo - o marxismo na época da II^a Internacional (primeira parte). 2.ed. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1982, v. 2.
- FREUND, Julien. Sociologia de Max Weber. 4.ed. Rio de Janeiro, Ed. Forense Universitária, 1987.

GETZLER, Israel. Gueorqui V. Plekhânov: a danação da ortodoxia.

In: HOBSBAWN, Eric J. História do Marxismo - o Marxismo na época da II^a Internacional (segunda parte). Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1986, v. 3.

HAUPT, G. Marx e o Marxismo. In: HOBSBAWN, Eric J. História

do Marxismo - o Marxismo na época da II^a Internacional.

3.ed. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1987, v. 1.

HOBSBAWN, Eric J. A era das revoluções (1789-1848). 6.ed

Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1988.

—————. Marx, Engels e o socialismo pré-marxiano.

In: História do Marxismo - o Marxismo no tempo de Marx.

3.ed. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1983, v. 1.

IANNI, Octávio. A construção da categoria. Transcrição de aula

dada no Curso de Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUC/SP. 1º semestre de 1986 (mimeo.).

KOLAKOWSKI, Leszek. Las principales corrientes del marxismo. I.

Madrid. Ed. Alianza, 1980.

—————. Las principales corrientes del marxismo.

II La edad de oro. 2.ed. Madrid, Ed. Alianza, 1985.

KONDER, Leandro. A derrota da dialética. Rio de Janeiro. Ed.

Campus, 1988.

LENINE, V.I. As três fontes e as três partes constitutivas do marxismo. In: Obras escolhidas 1. 3.ed. São Paulo, Ed. Alfa-Omega, 1986.

_____. Obras escolhidas 1. 3.ed. São Paulo, Ed. Alfa-Omega, 1986.

LUKÁCS, Georg. O marxismo ortodoxo. In: NETTO, José Paulo (org.). Lukács. São Paulo, Ática, 1981. (Sociologia)

_____. Ontologia do ser social. São Paulo, Ed. Ciências Humanas, 1979.

LÖWY, Michael. As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Munchhausen. São Paulo, Ed. Busca Vida, 1987.

_____. Método dialético e teoria política. 3.ed. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1985.

MARCUSE, Herbert. Razão e revolução. Rio de Janeiro, Ed. Saga, 1969.

MARX, Karl. El capital. 16.ed. México, Ed. Siglo XXI, 1987, Tomo I, v. 1.

—————. Contribución a la crítica de la economía política.

México, Fundo de Cultura Popular, 1970.

—————. O método de economia política. In: FERNANDES, Florestan (org.). Marx e Engels. 10.ed. São Paulo, Ed. Ática, 1984. (História)

—————. Teses sobre Feuerbach. In: MARX, K. e ENGELS, F. Textos. São Paulo, Ed. Alfa-Omega, 1977, v. 1.

MARX, K. & ENGELS, F. A ideologia alemã. 3.ed. Lisboa, Ed. Presença, s.d., v. 1.

MORAIS FILHO, Evaristo. Introdução. In: Comte. São Paulo, Ed. Ática, 1983.

NEGT, Oskar. O marxismo e a teoria da revolução no último Engels. In: HOBBSBAWN, Eric J. (org.). História do Marxismo - o Marxismo na época da II^a Internacional (primeira parte). Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1982, v. 2.

NETTO, José Paulo. Capitalismo e reificação. São Paulo, Ed. Ciências Humanas, 1981.

NETTO, José Paulo (org.). Introdução F. Engels: subsídios para uma aproximação. In: Engels. São Paulo, Ed. Ática, 1981. (Política)

NISBET, Robert. La formación del pensamiento sociológico.

Buenos Aires, Amorrotu Ed., 1969.

PAULA, João Antônio. Marx: a filosofia e a economia política.

Belo Horizonte, FACE/UFMG, 1987. (mimeo.).

PLEKHÂNOV, G.V. A concepção materialista da história. 7.ed.

Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1987.

—————. Os princípios fundamentais do Marxismo. São Paulo, Ed. Hucitec, 1978.

RODRIGUES, José Albertino (org.). Introdução: a sociologia de Durkheim. In: Durkheim. São Paulo, Ed. Ática, 1988.

VAZ, Henrique Lima. Sobre as fontes filosóficas do pensamento de Karl Marx. Belo Horizonte, Boletim SEAF-MG, nº 2, 1982.

VICENT, Jean-Marie. La metodologia de Max Weber. Barcelona, Ed. Anagrama, 1972.

VILLAR, Pierre. Marx e a história. In: HOBBSAWN, Eric J. História do Marxismo. 3.ed. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, s.d., v. 1.

WEBER, Max. Ensaio de sociologia. Rio de Janeiro, Ed. Guanabara, 1982.

ENCICLOPÉDIA DE ECONOMIA DA UFPA

_____. Sobre a teoria das ciências sociais. 3.ed. Lisboa,
Ed. Presença, 1979.

_____. In: COHN, Gabriel (org.). Weber. 3.ed. São Paulo,
Ed. Ática, 1986. (Sociologia)